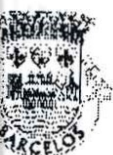
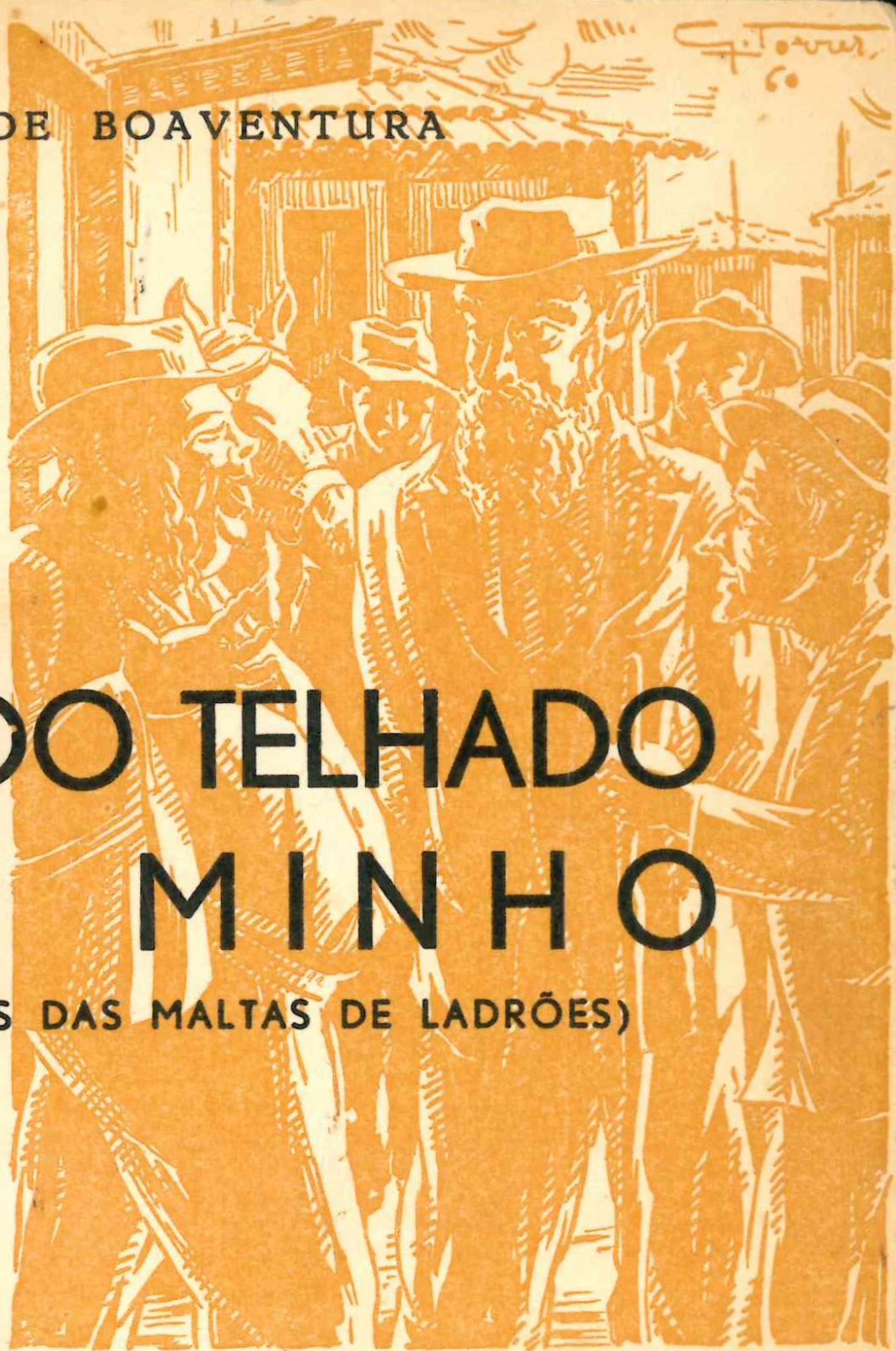


MANUEL DE BOAVENTURA

# ZÉ DO TELHADO NO MINHO

(FASTOS DAS MALTAS DE LADRÕES)



3-3Boavent



LIVRARIA «LIZ» - BARCELOS



## OBRAS DO AUTOR

O SOLAR DOS VERMELHOS  
romance — 1909 (esgotado)

—  
CRIMES DE UM USURÁRIO  
romance — 1911 (esgotado)

—  
NO PRESÍDIO

*Memórias de um conspirador* — 1913  
(esgotado)

—  
VOCABULÁRIO MINHOTO  
I vol. — 1916 (esgotado)

—  
TIMÓTEO O PENITENTE  
novela — 1921 (esgotado)

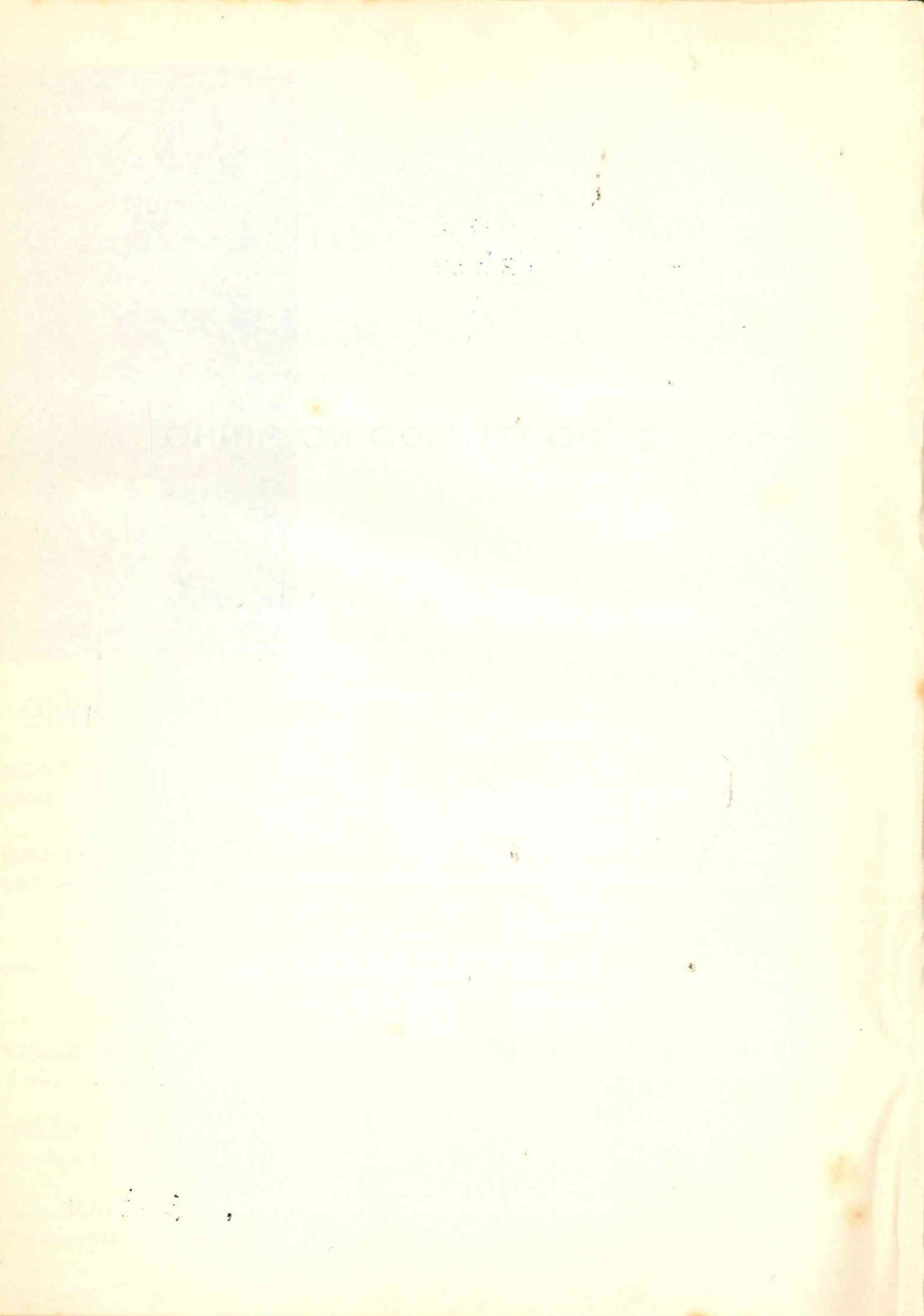
—  
VOCABULÁRIO MINHOTO  
II vol. — 1922 (esgotado)

Para o futuro e querido  
Amigo, Dr. Martins e Faria,  
Com o melhor dos abraços  
do

ZÉ DO TELHADO NO MINHO

W. Soavenura

Mai de 60



MANUEL DE BOAVENTURA

---

**Legado**  
Prof. D. Maria Elsa Anjo  
B.M.B.

# Zé do Telhado no Minho

(Fastos das maltas de ladrões)

Edição da Papelaria «LIZ»  
— BARCELOS —

1960



*Barcelina*

Tipografia «GIL VICENTE»

Prof. D. M. Rodrigues  
B. M. B.

# É de Tebado no Minho

(Estas são as palavras do Tebado)

---

Composto e impresso na Tipografia «GIL VICENTE» — Barcelos

38800

AQUELE mal estar inquietante, dos primórdios do século passado, o abatimento angustioso provocado pela violência das invasões napoleónicas, a forçada submissão aos turbulentos conquistadores, as guerras e guerrilhas das lutas civis — a miséria e a fome resultantes — perverteu a moral do povo e preparou o ânimo dos mais audazes e propensos à delinquência, para liberdades atentatórias do Direito das gentes — para a senda do crime e da violência. Desse estado de coisas, resultou o ambiente de terror em que vivia a gente honesta e trabalhadora, que tinha que perder, no constante sobresalto em que a punha, os inúmeros desertores, fugidos das milícias militares, transformados em salteadores de encruzilhadas, e bandoleiros, que se aglutinavam em quadrilhas de ladrões, com tácitos estatutos, que os obrigava a juramentarem-se de «vida e morte», para o exercício do latrocínio profissional.

\*

Do Entre-Minho e Douro, pelas Beiras e Trás-os-Montes, por Portugal além, em quase todas as regiões

havia maltas aguerridas e turbulentas com numerosos elementos — alguns, até, de boas famílias, que para sustentar vícios, jogo e boémias — ingressavam nas maltas. E até clérigos indignos do sagrado munus sacerdotal, e frades expulsos dos conventos por graves crimes ou perversões, ou deles fugidos, por horror à disciplina e fastio da oração — engrossaram as maltas.

Tais elementos escorraçados da sociedade, eram, nas associações de malfetores, considerados padrões de honraria. Lé com cré... cada qual com seu igual...

\*

Velhos e velhas, nascidos entre 1820 e 1840 — ainda vivos no princípio do século — contavam cenas que presenciaram, ou que eram do seu tempo, comprovativas do constante sobressalto em que viveram nossos avós, e das violências que sofreram, da parte dos que estavam fora da lei ematilhados em quadrilhas de bandoleiros.

Era perigoso viajar, quer de dia, quer de noite, — a não ser em grupos, e bem armados, «para o que desse e viesse»!

Nas encruzilhadas dos caminhos mais transitados, entre pinheirais, ou afastados, montados, os salteadores, saíam ao viajante e matavam para roubar, a sangue frio, se tanto era preciso.

As casas ricas, de fidalgos e lavradores, eram espia-  
das, por criados e jornaleiros, adrede postos a servir, e  
com esta conivência assaltadas, por noite velha com re-  
quintes de malvadez e ferocidade, de que resultavam,  
muitas vezes, mortos e feridos, mulheres violentadas, estu-  
pros de menores, incêndios ateados por vingança, e sacrí-  
legos roubos de igrejas e capelas... O diabo a quatrol

\*

Eu era rapazinho, e frequentava, com grande prazer,  
os serões nocturnos da minha aldeia, não só para assistir  
a exhibições da Velha Ronda Vilachaneza, nas típicas dan-  
ças e folclóricos cantares, mas sobretudo para ouvir as  
narrações dos velhos, sobre os casos sucedidos através  
dos decénicos, e os lindos contos tradicionais, com encan-  
tamento de lindas mouras, e façanhas de simpáticos heróis;  
horripilências de demónios e feiticeiras; conceituosas can-

tigas, orações e adivinhas, — enfim: todo um mundo de maravilhoso, que encantava o meu espírito de criança.

Foi numa dessas noites, dos memoráveis serões de Vilachã, que ouvi, a um simpático velhinho, já octogenário, contar as aventuras do seu amigo, Zé do Telhado, a quem deu hospitalidade, que — «...se foi ladrão de estrada, lá p'ra baixo, p'ràs bandas da terra dele, por aqui foi homem honrado, e semeou os seus cruzados entre os pobres!... À beira desse homem nunca ninguém teve fome...»

Desta laia traçava o perfil do famigerado e temido Zé do Telhado, o velho narrador dos serões vilachanenses, apontando-lhe façanhas de valentia e a testemunhar inúmeras obras de caridade, de que não fazia gala.

Em outras noites, vinha a talho falar da malta do Labardeiro, da do Picanço do Frei Lombela de fidalgos, padres e frades salteadores...

Com a memória fresca da juventude, ia colhendo apontamentos, do que ouvia. E como andava em mim a bretoeja da escrita, para a «letra-de-fôrma» fui-os reduzindo a auto e alguns publiquei, no «Povo Esposendense», (1905), no «Fãozense» e no «Esposen-

dense», (1906 a 1907). Em 1908, o «Almanaque da Educação Nacional», transcreveu «Ladrão que Rouba Ladrão» (pág. 160-165).

\*

A disposição que aqui se dá, talvez não esteja em boa hermenêutica cronológica, com o desenrolar dos factos e a sequência dos episódios.

«Quem conta um conto, acrescenta um ponto»: é natural que os narradores exagerassem, e que metessem de permeio fantasias. Mas a verdade é que ainda hoje, as pessoas mais antigas, contam as atribulações dos parentes de «algum dia», e os horrores que sofreram, dos ataques das maltas de ladrões.

Tudo assenta, pois, sobre um fundo de verdade.

\*

Do meu labor é o registo dos factos. Fantasia, ou imaginação, não seria preciso pô-las, na singela prosa que vai ler-se, — tão pobre de estilo ela é.

\*

Esta «reportagem à distância», que aqui vai, com o título abarcador — Zé do Telhado no Minho (Fastos das maltas de ladrões) — estava enfaixada, desde longe, sob a designação de Minho Tenebroso — uma espécie de outra face do admirável Minho Pitoresco — poema em prosa, do inimitável paisagista, José Augusto Vieira.

Mas tal título afigurou-se-me afrontoso para a Província — bela sobre todas.

Houve, aqui tenebrosidades, na época sangrenta das lutas civis? Há-as, ainda? — Como em toda a parte.

Certo que a Beleza, mais realça, à beira de sombrios escaninhos — aqui vão, lado a lado, coisas simpáticas e coisas tenebrosas — tal qual correm, na voz do povo, tendo como padroeiro um Salteador, em pacífica digressão:

**Zé do Telhado no Minho**

## Zé do Telhado no Minho

**N**AS suas fugas à perseguição política, à força armada, e aos meirinhos da justiça, o temido Zé do Telhado dirigiu seus passos para o coração do Minho, que já conhecia, desde a mocidade, a exercer a profissão de castrador, arte que aprendera com o sogro — um francês das hordas napoleónicas, que tendo sido ferido, foi encontrado e recolhido por compassiva família de lavradores, das cercanias de Lousada, que o tratou, apesar de inimigo, com caridade cristã.

Homem agradecido e convicto de que a invasão não tinha a justiça pelo seu lado — o forte e poderoso a esmagar o fraco desamparado, em sua casa — deixou-se por cá ficar, encantado da paisagem, grato à bondade do povo, e enamorado da formosura das moças portuguesas.

E por ter sido o mestre castrador da cavalaria dos invasores, logo começou a exercer a arte, nos termos de Lousada, Penafiel e terras circunvizinhas.

Este francês casou-se com uma irmã da mãe do Zé do Telhado, e desse consórcio nasceu uma filha — a bela Aninhas — prima, portanto, do Zé do Telhado, e que viria a ser sua mulher. Com o tio aprendeu a arte, e, quando se julgou amestrado, muito novo ainda, e para lhe não fazer concorrência, encaminhou-se para o Entre-Lima-e-Ave, a exercer a honesta profissão, pois lhe repugnava a vida de salteador, que o pai e o irmão seguiam.

Era, por aqui, conhecido por «Capador de Longe», e grangeou grande fama pela competência profissional que demonstrava. Mas rareava muito as suas viagens — às vezes mais de um ano. Não era certo; mas quando aparecia, era procurado e estimado, por ser operador de mérito: as melhores casas honravam-se com a sua amizade — punham-lhe a mesa, e davam-lhe agasalhamento.

\*

Ora, numa tarde, soube-se em Forjães que o «Capador de Longe» voltara e andava na localidade a exercer a profissão. O padre António Gemeses e o irmão, padre Manuel, que tinham duas porcas para castrar, mandaram o criado à cata dele, com o recado, e a oferta de cama e mesa. Era quase lusco-fusco, «entre-és-no-és», como por cá se diz — quando o homem da

lanceta chegou. Findo o trabalho ceou-se lautamente — que os Gemeses eram francos e hospitaleiros — e seroou-se à lareira, até cerca da meia-noite, discutindo os padres com o hóspede os acontecimentos políticos, as agruras da guerra civil, as coisas da vida... E porque o andeiro capador tinha de madrugar, e o camponês se levanta com as galinhas — vá de recolher aos seus quartos, descansar o resto da noite. Descansar? Vamos ver que não.

\*

Impõe-se, aqui, um pouco de história, memorada pelos velhos.

A casa dos Gemeses passava por ser muito rica, e ter, além de grossos cabedais, uma verdadeira fortuna em objectos de ouro: cerca de vinte grossos cordões, custódias, gargaleiras, colares, estrelas e corações filigranados, fieiras de contas... que pesavam bons arráteis e valiam alguns mil cruzados.

Havia na casa uma moça, sobrinha dos padres, que não seria uma beldade, mas que aparecia nas romarias com o peito arnesado de ouro: e esse mostruário fazia-a bonita, esbelta, graciosa e apetecida...

Muitos rapazes a cortejavam e lhe cobijavam o chorudo dote. Entre eles um mocetão duma casa de modestos haveres, mas audacioso, atrevido e com a ambição das riquezas. A Bertelina Gemeses não desgostava dele, porque era varonil, falava bem, e era atraente. Mas começaram a circular uns zuns-zuns, de

que o rapaz andava na malta do Labardeiro, e a família escorraçou-o.

Se o namorado João da Grangeira era, ou não, da quadrilha, nesse tempo, não se averiguou; mas que o o veio a ser, não há dúvidas—talvez por despeito e vingança—talvez com o intuito de angariar dote para casar com a Bertelina...

\*

No dia 2 de Setembro de 1844 (ou 45), dum domingo para a segunda-feira, numa noite de trovoadas—relâmpagos a esfusiar e o ribombar dos trovões— a malta do Labardeiro, reunida com a do Picanço, cercaram a casa aos Gemeses. Eram cerca de cinquenta homens, armados de bacamartes, de pistolas, de facas e machados. Vinham todos a cavalo: apearam-se e prenderam as alimárias aos carvalhos, oliveiras e videiras do largo fronteiro.

E enquanto uns tantos tomavam posição de vigia, outros preparavam-se para espatifar a ampla portafronha, que dava acesso aos quinteiros.

À luz dum relâmpago lobrigaram, na cortinha próxima, um homem que regava o milharal e gritava: «àque-del-rei! Ladrões!» — Desfecharam-lhe um tiro: era o velho Gemeses, irmão dos padres, que orientava as águas nos talhadouros.

Começaram a estilhaçar o portal, de fortes couçoelas de carvalho, a golpes de machado; e logo,

pelas bocas de fogo que protegiam a entrada, começou de dentro, o tiroteio sobre os assaltantes.

De minuto a minuto fuzilava o relâmpago: após, o estrondo do trovão descia do céu, a galopar pela terra, apavorando homens e animais: a gente rezava; os bois mugiam nas cortes; os cães uivavam... Mas aquelas criaturas, fora da lei, e sem temor de Deus, não se amedrontavam. O luzir dos tiros, através das paredes, casava-se com o faiscar do relâmpago; como o estampido com o ribombo do trovão. Os padres — caçadores famosos — eram certos no tiro; mas pelos acanhados orifícios dos peitoris, mal podiam precisar o alvo. Junto dos padres, dois criados iam carregando os arcabuzes e bacamartes, de que havia abundância, para despejar para o exterior.

Da vizinhança acudiram os moradores, mas a medo, que a malta era grande e aguerrida, conservando-se de longe, por detrás das paredes, alguns fazendo fogo sobre os quadrilheiros. Entretanto, os sinos tocaram a rebate e mais gente se juntou.

Mas os defensores foram impotentes para conter os assaltantes, e a casa, escavacadas as entradas, foi devassada e espancados os padres e os criados. As mulheres escaparam, refugiadas debaixo dos «maçadoiros» de linho, amontoado a um canto; com elas levaram algumas «coucelas» de ouro, e grande parte do dinheiro.

Ainda assim a presúria foi abundante, pois, além do dinheiro, três ou quatro cordões e o rico relógio de ouro do padre Manuel, levaram traços de pano de linho, lençóis, toalhas, camisas, louças antigas...

Um dos vigias veio prevenir:

—Aviem-se! Tocam os sinos a rebate! Está a chegar muito povo.

Saíram de roldão, quando, fora, havia já nutrido tiroteio.

De parte a parte a peleja fora renhida, e vários dos ladrões foram atingidos.

Em frente às portas-fronhas havia um alagoeiro de sangue: um dos assaltantes teria sido mortalmente ferido.

Os padres e os criados, que também foram feridos e espancados, conheceram alguns dos ladrões, a despeito de trazerem a cara tapada com lenços: o Labardeiro — capitão da malta — o Tirano, o Custódio Sordo, o Clemente, o Fome-Negra... E supuseram reconhecer noutros, mais mascarados, o ex-padre Carranho, o João da Grangeira, o Balugães e o da Capitoa...

\*

Cinco ou seis dias depois o Fófó, moleiro da ribeira Neiva, tarde da noite, notou que uma das mós parara, sem razão justificável. Havia pouca água, que Setembro seca as fontes, é certo; mas por que imobilizara a primeira roda de água, se a segunda continuava em giro? Acesa a candeia de azeite foi ao açude verificar o acidente: havia, entalada entre a grande roda de empenas e a calha, qualquer coisa, onde a água fazia gorgolhão, e que não pôde precisar o que fosse, por o ventanal da madrugada lhe apagar a luz: — «Algun burro morto entalado, como acontecera no Inverno passado» — pensou, de si para si, o Fófó.

Quando veio o dia verificou, com espanto, que a causa da brusca paragem era o cadáver de um homem, já quase irreconhecível, por certo abonde amolgado dos embates doutros açudes. Pelas roupas, mais que pelas feições, veio a averiguar-se que era o cadáver do João da Grangeira, morto no assalto pelo tiroteio dos padres ou dos populares, que os quadrilheiros carregaram na mula, e deitaram ao Neiva, para despistar.

\*

Veio a saber-se mais tarde que, por proposta do Carranho, com aquiescência dos companheiros, o montante do roubo seria para o Grangeira, a fim de arranjar dote para casar com a Bertelina — a futura dona de casa!

Assim, pelas tralhas e pelas malhas, a moça Gemeses dotaria o gabirú... para vir a merecê-la! Mas saiu-lhes o gado mosqueiro, e as contas quebraram ao enfiar: o roubo não foi tão rendoso como esperavam; e o da Grangeira, morto a tiro e lançado ao Neiva, salvou a rapariga da vergonha de vir a ser mulher dum ladrão.

\*

Dizia-se que este assalto havia sido planeado pelos do Gonçalo — maus vizinhos, rinheiros, demandistas, capazes de tudo, até de matar gente; e tudo por motivo da posse das azenhas da «Ribeirinha», à margem do Neiva, a que as duas famílias rivais se julgavam com direito. Não obstante, os do Gonçalo tinham perdido

a demanda. Havia na casa um ex-padre — homem feaçanhudo e de maus instintos, que, por seu péssimo comportamento, havia anos estava privado de ordens sacras. E porque não tinha vocação sacerdotal, armou em regatão de gado, foi contrabandista, e até marchante. Sabia-se que este homem andava de gorra na malta do Labardeiro, e passava por ser o tesoureiro e repar-tidor dos roubos.

Entre ele e os padres Gemeses havia rixas constantes e esperas a tiro: duma das vezes, mira mais certa, cortou cerce uma das mãos ao padre António, que, por isso, ficou a ser conhecido por «Padre Maneta».

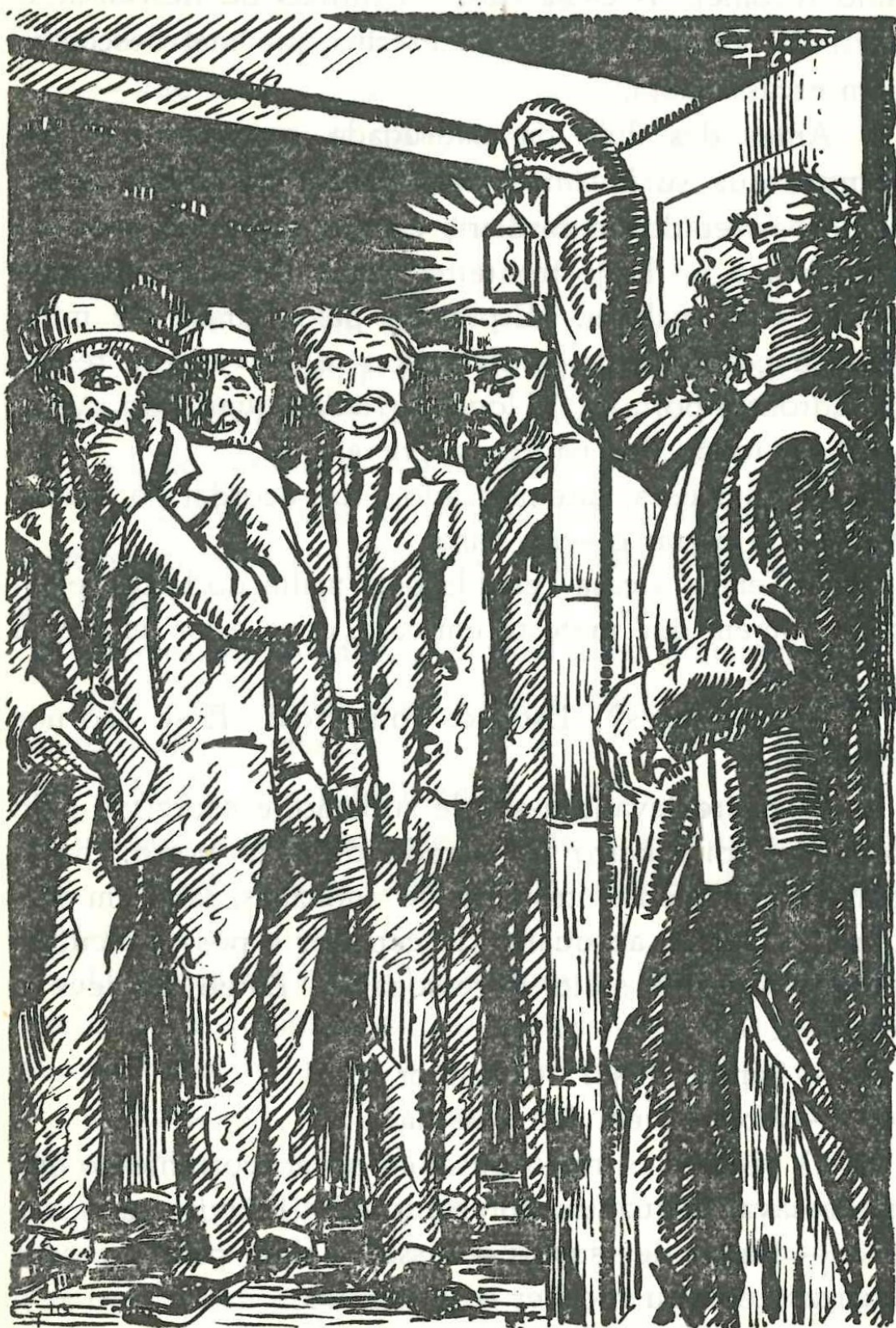
Aquando do assalto, Carranho e Grangeira haviam estabelecido esta plataforma: o montante do roubo iria parar ao bolso do rapaz; e este, casando, reconheceria ao ex-padre a posse das azenhas, logo que os velhos morressem! E morreriam breve... O gabirú não era mais sacripanta, do que o sacripanta-gabirú!

Enfim: negócios de ladrões, bastantemente parecidos com os de alguns homens sérios...

\*

Feita a resenha histórica, que corre na tradição, retrocederemos àquele dia em que o famoso «Capador de Longe» pernoitou na casa dos Gemeses — bons oito ou dez anos, depois deste assalto.

Finda a ceia, e, como se disse, depois de muito palrar, porque Zé Teixeira era conversador aliciante,



—Que novidade há, amigos?

tudo recolheu às camaratas, no intuito de descansar o resto da noite. Mas estava escrito que mal descansariam escassa hora.

Antes das duas da madrugada, o «criado do governo», que se levantou para pensar os gados, notou grande estrépido de cavalaria e relinchos de cavalos, no caminho, e no largo fronteiro. Deu-lhe o coração um baque:— «a malta!». Espreitou pelo buraco de mira, junto à porta-fronha, e alvoraçou-se:— «ai que temos os ladrões à porta!». E logo correu ao quarto do «amovelho», irmão dos padres, a preveni-lo.

O Gemeses, atemorizado, foi acordar o padre Manuel, a narrar o sério caso:

— Temos a casa cercada pela malta do Labardeiro! Esse homem que meteste em casa, deve estar feito com os ladrões...

— Que dizes? Estamos roubados! E se não nos matarem...

O padre levantou-se, de supetão, e espreitou pelo olho-de-boi, aberto na parede do lado norte: havia grande movimento, tropejar de animálias, falas em surdina... Correu ao quarto do capador e pôs-se a cucar: dormia a sono solto e ressonava. Bateu de leve e chamou:

— Senhor José! Ó senhor José!

— Abra, quem é. Que há?

O padre e o irmão puseram-no ao corrente do que se passava, enquanto, apressado, Zé Teixeira se vestia.

— Nada de sustos — disse. — Vão para os seus quartos: eu vou receber os visitantes...

Meteu as duas pistolas ao cinto, e tomou de supetão a candeia, que o lavrador tinha na mão. Repetiu:

— Vão para os quartos: nada de sustos!

E encaminhou-se para a porta. A este tempo começaram a ouvir-se as primeiras machadadas; o destemido capador deu duas fortes punhadas na porta, e disse com a sua voz de estentor:

— Parem lá! Eu abro!

E abriu a porta, já algo retalhada dos fortes golpes, erguendo a candeia à altura da cabeça:

— Que novidades há, amigos?

Os homens dos machados iam a irromper, mas contiveram-se assarapantados, ao contemplarem as longas barbas negras do atlético personagem.

— Vito-sério! — disse, franzindo o sobrecenho.

Por detrás dos machadeiros veio uma voz rouquenha, aguardentada:

— Mas... é o senhor José!

— Sou eu! Estou de guarda a esta casa amiga! Aqui ninguém entra, sem passar ao de riba do meu cadáver!

Conheceram-no. O Labardeiro acotovelou os dos machados e adiantou-se, ao tempo que dizia para os seus homens:

— Rapazes! É o senhor Zé Teixeira! É força respeitá-lo!

Para alguns deles, tal nome não dizia nada: quem era aquele Teixeira? Mas o chefe mandava; e, a pouco e pouco, foram descendo para o quinteiro, a resmungar.

— Quê? Aquele barbaças tinha forças para os desviar de seus intentos? Estavam ali vinte homens para a guerra...

À porta — um de dentro, outro de fora, ficaram em explicações o «Capador de Longe» e o capitão da malta, que lhe disse:

— Amigo! Esta gente tem para repartir... tem demasia...

— É deles.

— As sobras podiam ser para nós...

— Cada um manda no que é seu.

— Bem, bem: não nos zanguemos. Sabe quanto respeitamos o seu nome: queremos-lo cá. Quando se resolve?

— Ando a tratar da minha vida; estou farto de aventuras. Ando fugido aos beleguins e à tropa... É mister dar paz à consciência...

Cerrou a porta e desceu com o Labardeiro à eira malhadiça, onde os malteses conspiravam.

— A que viemos? Outra vez à toa?

O chefe explicou-lhes que, aquele senhor de barbas, era o amigo Zé do Telhado, colega que comandava a malta, que operava para as bandas de S. Matinho. Bem os poderia ajudar, mas era homem de palavra; e como hospede da casa, poderiam vir a futurar que haveria combinação. Era um homem leal, que queriam? E não admitia brincadeiras...

O Clemente e o Fome-Negra resmungaram qualquer coisa — um «vamos a isto, que se faz tarde!...».

Serenamente, sempre de candeia na mão, as pistolas visíveis à cinta, Zé do Telhado disse-lhes:

—Hoje não! Esta casa está debaixo da minha protecção, e... ficará! Entendido, amigos?

—Ao que viemos?— voltou a insistir o Fome-Negra, um magrizela de cara golpeada e catadura macarena.

—Seroar um pouco, para distraír...— disse o Zé do Telhado, franzindo as espessas sobrancelhas, e já no jeito de arrumar o candil, e passar-lhe as mãos cabeludas.—E vão sendo horinhas de irem descansar...

O Labardeiro chamou de parte os recalcitrantes, para lhes dizer que aquele homem tinha de ser respeitado, por ser quem era, e ser um ladrão destemido, valente como as armas, doido na luta... E que, talvez, ainda um dia viesse a ser companheiro. Se o fosse, entregar-lhe-ia o comando, por que ficaria entregue em boas mãos.

Começaram a ouvir os sinos tocar a rebate:

—Mau! Mau! Caldo entornado... Vamos a decidir...

Acharam de boa táctica afastaram-se: a gente da terra não passava por ser boa de assoar...

Zé Teixeira deu umas palmadinhas de amigo no ombro do Labardeiro, para lhe dizer, sorridente, conselheiresco:

—Amiguinho! São horas de recolher! Tenho que me levantar cedo: passem muito bem, e até um dia. Estimo que sejam felizes noutra surtida, e noutra parte.

Quanto a esta casa — está debaixo da minha protecção...  
Adeus!

E virou costas, subiu as escaleiras e fechou a porta escavacada.

Os da malta, descontentes com o insucesso, e no receio de verem chegar povolêu, montaram a cavalo e esgueiraram-se — uns por aqui, outros por ali — já quando muito povo acorria, ao chamo do sino, que continuava a repicar a rebate.

A família Gemeses ficou imensamente grata e reconhecida ao capador Teixeira, espantada da destemida coragem com que afrontara os ladrões. Manhã cedo, na despedida, o hóspede providencial, daquela noite, disse ao padre Manuel:

— Padre! Esteja descansado e acalme a família! Aquelles homens não voltam cá mais! Ficaram a saber que esta casa está sobre a protecção do... Zé do Telhado.

Esporeou o fogoso cavalo, e desapareceu na volta do caminho.

Foi assim que a gente da localidade ficou a saber que o «Capador de Longe», o senhor José Teixeira das barbas — era, nem mais nem menos, que o temível salteador Zé do Telhado, que, lá para as bandas de S. Martinho (Penafiel) comandava aguerrida quadrilha de ladrões.

\*

Dentro deste homem célebre, na senda do crime, e até nos caminhos da ordem, andavam a digladiar-se duas personalidades diferentes: a do celerado, e a da

pessoa normal — a negrura do pecado, amalgamada com a candidez da virtude. E, coisa paradoxal: precisamente onde não era conhecido é que se manifestava o homem honrado, digno compassivo, amigo do próximo e protector dos fracos...

Não: aqui neste Minho central, não consta que tivesse roubado — a despeito das tentadoras propostas do famigerado Labardeiro. Ao contrário: dele se contam proezas de alto sentido humano.

1867  
The first of the year was a  
very dry one, and the  
crops were much injured  
by the drought. The  
winter was also very  
dry, and the snow was  
scarcely enough to  
cover the ground.

The spring was also very  
dry, and the crops were  
much injured by the  
drought. The summer  
was also very dry, and  
the crops were much  
injured by the drought.  
The autumn was also  
very dry, and the crops  
were much injured by  
the drought. The winter  
was also very dry, and  
the snow was scarcely  
enough to cover the  
ground.

## II

### Compadre Zé do Telhado

**E**ERTO dia, em vésperas de Páscoa, ao romper da alva, um cavaleiro de longas barbas trotava junto do adro da igreja de Sant'André, quando notou que, sentado num paredão, estava um pobre homem, acabrunhado, que, furtivamente, limpava as lágrimas à véstia remendada.

— Bom homem! — inquiriu o barbaçudo cavaleiro — este caminho endireita a Barcelos?

— Sim, senhor, sim; e de boa andadura, até ao escampado da Figueiró.

— Que o aflige, homem? — perguntou.

O mísero contou, em breves palavras, a causa da sua aflição: tinha um menino para baptizar, naquele dia — o último marcado pelo reitor — e era já pai de dez filhos. E por que havia ocupado todos os vizinhos

da aldeia, não tinha quem lhe servisse de padrinho. Acrescia que era um pobre jornaleiro, a viver em mísera cabana, onde a mulher e os filhos morriam à míngua de pão. Fora duma casa de lavradores abastados, decaídos de bens. Seus pais haviam morrido de desgosto, ao verem-se na miséria. As demandas, os ladrões e um incêndio — levaram tudo...

O cavaleiro ouvia-o, compadecido de tanto infortúnio, e quis saber em que empregava ele o seu tempo. Respondeu que a terra era pobre, e não dava jornais, pelo que se via obrigado a abandonar a família, para ir, ao longe, servir patrões. Ofereceram-lhe missões desonrosas, que recusara indignado: ingressar na malta do Labardeiro... Mas ele era de família honrada, e tal modo de vida repugnava-lhe.

— Muito bem! muito bem! — disse-lhe o desconhecido. — Cumpriu o seu dever. O roubo é um crime, e as pessoas de bem, devem evitá-lo: há ladrões a mais por Portugal além. Quem tiver força para ser honrado — seja honrado!

O homem continuou a sua lamúria, sem saber que destino dar à sua vida. E por que era religioso, queria o seu filhinho, nascido, ia por oito dias, baptizado, feito cristão.

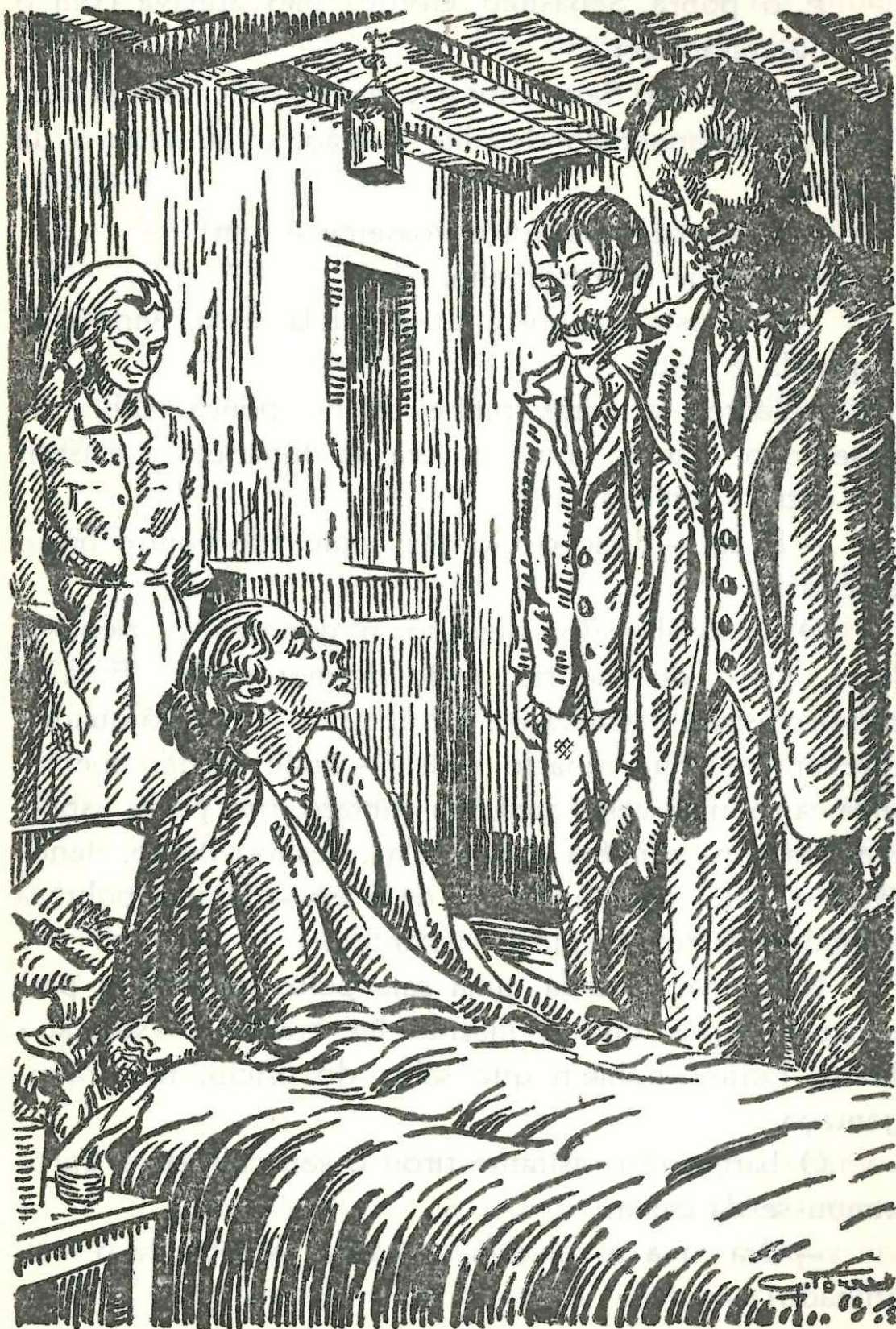
— Um menino, como uma estrela, meu bom senhor!...

— Onde está a criança? É longe?

— Menos de quarteirão de légua: vê aquele musganho de pinheiros, no cerro? É ao sopé.

— Vamos buscar o menino: serei o padrinho.

— Mas vossemecê...



— Ora viva a senhora comadre! Mostre cá o meu afilhado.

E o pobre Sebastião Gordês não atinava com o que queria dizer.

— Vamos lá! Salte aqui p'rá garupa: o cavalo pode...

O desconhecido deu-lha a mão, e guindou-o de ímpeto.

— Caramba! que força vossemecê tem!

— Indique lá o caminho.

— Por esta cangosteira: — àquela casa, vira-se à esquerda é logo.

Adiante, já entre pinheiros de bouça, subia de miserando casebre, uma nuvem de fumareu, a alastrar por entre a ramaria.

— É ali! — disse o Gordês, indicando com o braço estendido.

O desconhecido, descido o garupeiro, apeou-se lesto, junto do tugúrio, meio desmoronado. Fóra, o terreiro estava barruscado; e o interior — uma só quadra, que era cozinha, quarto e sala — onde havia, apenas, uma cama, uma velha arca, um cântaro, uns potes esborcinados, uma candeia pendurada... estava limpo, denotava o brio das mulheres da casa. — É uma pobreza asseada — disse consigo o visitante ».

Na cama, sentada, uma saia pelos ombros, a parturiente supôs que o marido lhe trazia o «surgião» Meira Leite — homem que sabia do ofício, mas rabugento.

O barbaçudo visitante tirou o seu chapéu, e aproximou-se da cama.

— Ora viva a senhora comadre! Mostre cá o meu afilhado!

A pobre mulher ficou surpresa — quem era aquele imprevisto compadre, que lhe chamava comadre, e lhe pedia o seu menino?

Tudo lhe foi explicado em resumidas palavras; tranquilizou-se e sorriu agradecida.

— Vamos lá fazer essa alminha cristã, tenho de ir ainda para muito longe. E reparando numa rapariguinha espigadota, indagou:

— Quem é esta bonita cachopa?

Explicaram-lhe que era a filha mais velha, seus quinze anos feitos...

— Serve: vai ser a madrinha. Vamos a isto! Fico com duas comadres...

Antes de sair meteu a mão ao bolso e tirou bom punhado de pintos e cruzados novos, que atirou para cima da cama.

— Deram-me este dinheiro para entregar ao pobre mais necessitado, e mais envergonhado, que encontrasse na minha viagem. Aqui o tendes, não é meu, pertence-vos. Trate-se, senhora comadre; e vista, bem limpinhos, esses meninos. Quero que lhes dê hoje um bom jantar. Outra vez que por cá passe, virei ver o meu afilhado.

Dera todo o dinheiro que trazia...

\*

Na igreja, o reitor, ao ver o desconhecido, chamou de parte o pai da criança, a inquirir. O Gordês contou o que se passara. Quem era, não sabia. Mas que era homem compadecido e generoso, já o provará.

— Homem! — não será ele, por aí, algum maçónico? Anda tudo inçado deles. Eu não baptizo a criança, com um padrinho que ninguém sabe quem é.

À porta da sacristia achegou-se o desconhecido, que tinha percebido as hesitações do padre:

— Senhor abade! Sou um viandante apressado, com horas marcadas para um encontro em Barcelos. Tenho pressa! Venho aqui ajudar a um sacramento: — fazer uma alma cristã, por que sou crente e tenho temor de Deus. Ora pois...

Desapertou o colete e a camisa e exibiu veneras e um rosário, que trazia ao pescoço.

— Aqui estão as provas! Este pobre homem encontrei-o ao dealbar, ali, no adro, carpindo a sua esquerda, por não ter quem o acompadrasse. Fui eu que me ofereci, para apadrinhar o menino; tenho dezanove afilhados; ficarei com vinte. Vamos a isto, senhor padre!

O reitor olhava surpreso o estranho homem, que falava como livro aberto; mas mostrava-se ainda indeciso. Perguntou:

— Quem é o senhor?

O corpulento homem franziu o sobrecenho, arrepanhou as longas barbas, e tomou ares de quem estava habituado a fazer-se obedecer.

— Sabe-lo-á quando eu assinar o livro dos assentos. E não demore, senhor abade, se faz favor...

Virou costas, desceu a igreja e aguardou à porta principal a chegada do padre.

O reitor — um tanto casmurro — ainda pensou na resistência. Mas a catadura sombria, e «aquelas barbas de ladrão», impuseram-se-lhe e decidiu. Aquilo era homem capaz de violências! Olhou de soslaio o Gordês, e gemeu um — «vamos» — quase angustioso.

Finda a sacramental cerimónia, o pároco lavrou o assento de baptismo, e convidou o padrinho a assiná-lo. O paraninfante assoou-se, cofiou a intonsa grenha das barbas, e examinou a pena de pato, que lhe pareceu romba; afiou-a a seu jeito; e, com grande desembaraço assinou: — «José Teixeira da Silva» — entre complicados riscos e sarrabiscos.

O padre leu, mas ficou em jejum! Há tantos Teixeiras, e tantos Silvas, por este Portugal fora... Sabia-se lá, quem era!...

O senhor Teixeira da Silva meteu as mãos nos bolsos, no intuito de pagar ao pároco; recordou-se, então, que não tinha com quê. Disse secamente:

— Não tenho comigo um pataco-furado; breve passarei por cá.

E, dias depois, o reitor de Sant'André recebia meia libra de reluzente ouro! Nunca outro baptizado lhe rendeu tão avultado emolumento.

\*

Semanas volvidas, á porta dos Gordeses, apeava-se o cavaleiro das barbas — o compadre Teixeira, que trazia à garupa dois rotundos sacos, atados pelas pontas, e á sua frente o alforge recheado:

— Viva a senhora comadre! Vamos lá ver o meu Zézinho!

E pegou na criança, amorosamente, beijou-a várias vezes, com lágrimas a aflorar — porventura a lembrar-se dos seus filhos, que estavam longe. Depois relanceou a vista pelo interior da casa, caiada de fresco, já com mais móveis e utensílios, e mostrou-se bem impressionado. Abriu os sacos, cheios de roupas, que despejou sobre a cama; e colocou o alforge na arca nova.

— Onde pára esse compadre? — perguntou.

— Anda pelas bouças às canhotas e rezinas, mas não tarda um crédo, senhor compadre.

E logo o Sebastião Gordês apareceu, mãos e roupas enrezinadas, alombando um gigo de lenha.

— Compadre! — disse-lhe o Teixeira — É preciso mudar de vida! Estes meninos, netos de lavrador, vão ser filhos de lavradores. Já sei que mercaste as duas leiritas, que trazias de renda. Precisas de gado e de apeirias. Aqui tens dez moedas para uns touros de trabalho. Arrenda mais uns trancos de lavradio, para os sustentar, e dar que fazer aos meninos. Ficam mais duas moedas, p'ros gastos... Voltou a circumirar o tugúrio; louvou o asseio e limpeza da casa pobre.

— Vejo que a comadre é briosa: louvores!

Os Gordeses olhavam, assarapantados, para aquele pródigo e generoso compadre, que o céu lhes enviara, e que tantos benefícios lhes estava a proporcionar. Devia de ser muito rico, embora exercesse a modesta profissão de capador. De onde era, e quem era, ninguém sabia. Que importava, se tão bom senhor dis-

tribuía quanto ganhava, pelos pobres, que encontrava nos seus caminhos? Depois destemido e valente como as armas! Constava no povo, que, com uma candeia, na mão, e as suas barbas negras, afugentara, não ia longe, toda a malta do Labardeiro, que assaltava a Casa dos padres Gemeses! Que homem aquele!

A família Gordês supunha-o um semi-deus...

\*

A conversa durou ainda algum tempo. Ao fim, José Teixeira levantou-se e tirou do alforge um grande embrulho, que começou a desatar:

— Vai ser hoje o nosso jantar de baptizado!

E pôs sobre a arca nova uma gorda galinha assada; um rotundo paio; grande lacão de presunto; bolinhos de bacalhau; um «carreiro» de padas de molete; e bojuda borracha de vinho!

— Vamos a isto, ó compadres! E esses meninos aqui todos, à minha beira!

Sacou da navalha, e começou a retalhar.

A comadre Joaquina não acreditava no que via! Aquilo era, por certo, sonho. Mas riam-se-lhe os olhos: que fartura, Santo-breve-da-marca! Que farturinha... Pela primeira vez reinou a alegria, naquela casa triste. Durante o repasto, o bom homem Teixeira contou os horrores das guerras liberais, em que tomara parte, e de proezas que vira fazer... aos outros! Falou da sua linda mulher, da sua Aninhas e dos seus queridos meninos...

Findo o alegre jantar, retirou — ia à sua vida, e prometia voltar...

Mas os azares da sorte não o deixaram voltar mais...

\*

Com a desinteressada ajuda deste homem providencial, a casa dos Gordeses voltou a prosperar.

Só muito tempo, depois, é que houve conhecimento, de que, José Teixeira, era o famigerado Zé do Telhado — o ladrão, o bandoleiro, o salteador, que ia a caminho do degredo, e que, afinal, tinha gestos de nobreza e reflexos de grandeza de alma, que falhavam em muitos homens honrados...

### III

## Tesoureiro de Confiança

*M*AS a sua fama de bandoleiro corria o Minho de fio-a-pavio e todos o temiam pelas suas violências, e façanhas de valentia, nunca por outros excedidas. Por onde andaria ele?

Numa noite, a caminho das Feiras-novas de Ponte (Ponte de Lima), pernitoiu na afamada estalagem da tia Marinha, em Forjães, onde o seu futuro amigo Camilo, havia, também, de pernitoiar, tempos volvidos. A locanda estava repleta de viajantes, mas ninguém conhecia aquele homem de proporções agigantadas e de rosto prazenteiro. Todos o olhavam com desconfiança, a despeito da sua majestosa presença, e da aliante conversa, que alimentava. Quem quer que fosse tinha aspecto de pessoa de bem.

À lareira, falaram das suas terras, do tempo que corria, de negócios, dos precalços das viagens, das

maltas de ladrões, que infestavam as estradas. E veio a talhe de foice, falarem da quadrilha dos do Telhado — a mais sanguinária de todas, que operava para as bandas de Penafiel, e tinha por chefe um soldado desertor, homem temível, chamado Zé do Telhado — «havam de ter ouvido alomear»!

O homem das longas barbas pretas, serenou-os:

— Conheço. O Zé do Telhado é de temer, mas está aqui homem para ele. E não é tão mau como o pintam. Vamos muitos, não há que recear.

Um regatão, mais cauteloso, opôs:

— Bem: o senhor é forte e vê-se que é valente; mas o Zé do Telhado não porfia medo a homem nenhum. Quando ataca, é maluco! Sempre é bom acautelar-se...

O Barba-negra sorriu, de leve...

\*

Na madrugada, por volta das três, o Sete-estrela a descer, saíram de cambulhada, a caminho da feira de Ponte. Entre eles ia um lavrador-caseiro, bastante endinheirado, pois levava grossa quantia, em prata e ouro, para pagar os gados, de que seu amo carecia. Ingenuamente, à ceia, falara dos seus receios, do medo que lhe inspirava a malta do Labardeiro, que, havia pouco, roubara o seu vizinho Zé-Grande, e outros que seguiam de jornada.

O homem das barbas inquiriu:

— Que dinheiro leva, tiozinho?

— Cem moedas, e uns pintos para despesas.

— Não deve de haver perigo. Mas se arreceia maus encontros, deixe cá ver isso. Confie!...

O homem ficou aparvalhado, e teve a intenção de esporear a égua e fugir. Quem seria aquele homem? Algum ladrão? Quem sabe?

Mas era espertalhote e logo formou intenção de se salvar, e de salvar o dinheiro de seu amo:

Na verdade, vocemecê, é que me podia fazer esse favor: levar-me o dinheiro até lá... Sempre é homem de outro respeito...

E passou-lhe para as mãos a bolsa de meia, recheada com as cem moedas.

Zé do Telhado, sem olhar o homem, meteu o dinheiro, na vasta algibeira do capote, e voltou-se para os outros três ou quatro cavaleiros, que seguiam de carava, a par:

— E vocemecês? que dinheiro levam?

Todos se encolheram ensustados, a tremer... Era por certo um ladrão. Queria roubá-los, às boas:

— Coisa pouca; dinheiro só para despesas...

Logo adiante bifurcava-se o caminho. O desconhecido disse:

— Bom: adeus. Tenho de cortar aqui a Tregosa, passo por Carvoeiro e S. Julião. Há por lá freguesia a aviar...

Voltou-se, depois, para o confiante feireador, que lhe entregara o dinheiro:

— Boa-viagem, sem maus encontros. Vá descansado! Lá para horas do almoço, apareça na estalagem da Agostinha.

Desapareceu na noite.

O Zé de Britães empalideceu; lá ia o seu rico dinheiro.

Os outros chacotearam:

— Vocemecê é de bons tempos! Nunca mais o vê!

— Aquilo é dos da malta, disfarçado em capador.

— À certa! E desataram a rir, enquanto o pobre homem com a voz embargada, apenas pode dizer:

— Que contas hei-de dar ao patrão!...

Calaram-se; no escuro da noite só se ouvia o tropejar dos animais. As ferraduras faiscavam lume nas pedras: — eram pequenos relâmpagos fugidios, como petisco de fuzil.

Logo adiante, no terreno charnequento de maninho, uns vultos negros adiantavam-se:

— Alto! Parem!

Ficaram tolhidos de susto!

Era a quadrilha do Labardeiro, que trabalhava no seguro.

E ali deixaram tudo que levavam.

O Zé de Britães pôs na palma da mão os dois pintos e uns azebrados patacos.

— Oh! homem, isso é miséria! Fique-se com isso...

Os outros cavaleiros ficaram a tenir... Um deles levava dez moedas que passaram direitinhas às mãos dos ladrões.

— Toca a girar, e bico calado!

Os pobres feirantes, a tremer, lá foram a caminho de Ponte.

A quê? se já não tinham com que fazer a feira?

Zé de Britães, disse:

— Assim como assim, se trago as cem moedas, ficava sem elas, como vocês ficaram...

— Fomos todos depenados, é o que é; mas voce-mecê ainda foi mais parvo: entregou-o por sua mão...

— Fui parvo, fui. Éramos cinco, podíamos bem com o barbaças. Mas, se o não tivesse entregado, ficava agora sem ele, diante de tantos ladrões.

Até Ponte o desgraçado malucou todo o caminho:

— Ai as minhas ricas cem moedas! Nunca mais as vejo!...

Mas logo um resquício de esperança o envolvia e alentava.

Que homem seria aquele? Tinha cara de pessoa de bem, queria disso convencer-se. Aquelas barbas eram de homem honrado!

Mas, se ao seu inesperado tesoureiro saíam aqueles ladrões? Eram tantos! Mais de doze ou quinze! Que podia um homem só, ainda que parecia valente, entre tantos?

Ai! as ricas cem moedas! Que conta havia de dar delas, ao patrão?

\*

Ao nascer do sol estavam em Ponte. Os outros coitados, pelo caminho deixaram o seu dinheiro nas mãos dos bandoleiros. Ele correu logo à hospedaria. Nada! A modos que era cedo para o almoço.

Deu voltas pela vila: sentia tonturas. Deram oito horas, deram nove...

Foi à estalagem da Agostinha, pela terceira vez; sentou-se num banco, de cansado que estava, triste como um mocho.

Ora nesta ocasião, do lado do pátio, adiantou-se para a locanda, um homem alto, embrulhado em amplo capote, à cavalaria. Era o homem das barbas, que vinha de guardar o cavalo. Zé de Britães pôs-se sorridente. O desconhecido inquiriu:

— Mestre! houve novidade?

O homem ganhou ânimo, levantou-se alegre e pôs-se a contar, que os da malta, os assaltaram para cá de Balugães, no monte maninho. Os companheiros ficaram sem os pintos. A ele, que levava apenas uns míseros patacos e dois pintos em prata, deixaram-lhos, e nenhum mal lhe fizeram.

— Bem, bom!... Boa gente, então. Sempre foi acertado raspar-me por outro caminho, com o bagulho...

Meteu depois a mão ao bolso e puxou pela saca:

— Aqui a tem: veja se está certo.

O homem esbugalhava os olhos: nem acreditava! O seu rico dinheiro, as cem moedas do amo, ali todo, entregue por um desconhecido. Que honrado homem!... Bem o não tinham enganado, os seus cálculos! Bastava olhar para aquela cara; era de homem de bem!



—Aqui a tem; veja se está certo

A meio da feira, correu o boato estarrecedor:

— Anda aí o Zé do Telhado!

O terror apoderou-se de todos.

— O Zé do Telhado... Quem o conhece?...

— Fugam, fugam! E começou tudo a debandar.

O Britães não empregou todo o dinheiro. Ficou ainda com trinta moedas de ouro. Se andava por ali o Zé do Telhado, bem podia contar que ficaria sem elas. Ainda, se ao menos, aquele honrado e valente homem das barbas, voltasse para o sul...

Já de noite, por alturas de S. Julião, um magote de feirantes, entrou na venda do Largo para beber meia canada. O de Britães tremia como varas verdes. Senão quando, lobra o homem das barbas, que jogava cartas com três parceiros macarenos. Dirigiu-se-lhe logo:

— Segue para o sul?

— Amanhã, se Deus quiser, estou em Barcelos: é dia de feira!

— Em Barcelos? Então faça-me outro favor: Ouvi dizer, em Ponte, que anda por aí o Zé do Telhado. É um homem terrível, a quem ninguém resiste. Guarde-me estas trinta moedas, senão não tardam no papo do ladrão.

Muito sério, o homem das barbas meteu o dinheiro no bolso, depois de ter tilintado, uma por uma, as trinta reluzentes moedas:

— Ficam entregues! Procure-me na «Parreirinha».

Os jogadores desataram a rir:

— No papo já elas cantam!

O homem das barbas levantou-se, chegou-se ao balcão, bebeu, dum só trago, meia canada de vinho, aconchegou o lenço ao pescoço, e, dando as boas-noites, saiu pela porta fora. Mal montou, esporeou o cavalo e desapareceu, a caminho de Barcelos.

Já naquele tempo eram famosos, na estalagem da Parreira, o bacalhau recheado e o «arroz-de-còvinha». Casa sempre cheia, em dias de feira. Não havia um lugar vago, entre o meio-dia e as primeiras horas da tarde. O Zé de Britães corria a vista pelas mesas repletas de gente, — quando de um canto o chamaram:

— Ó tiozinho? Tem aqui lugar.

— Era o honrado homem das barbas negras, que lhe dizia:

— Sente-se e coma descansado. Aqui estão as suas trinta moedas: confira.

Luziram de alegria os olhos do pobre caseiro, ao dizer ao desconhecido:

— Só me entrega vinte e nove: uma fica pelo seu trabalho.

— Não aceito nada! Mas se vocemecê tem empenho em dar essa moeda, — dê-a, da minha parte, à família pobre, mais envergonhada, da sua terra.

O Zé de Britães olhou-o, espantado de tanto desprendimento. Que homem aquele! Era por certo muito rico! Mas quem era?

— Farei como manda. Mas a quem é, que a família contemplada, deve agradecer tão avultada esmola?

— Ora! ora! Isso não vale a pena. Mas se tem interesse em lho dizer...

— A-bofé que tenho!

— Diga-lhe, então, que vai da parte do Zé do Telhado.

\*

Pode-se fazer ideia do espanto do pobre feirante, quando tal ouviu! O Zé do Telhado, o salteador, o destemido ladrão, era aquele homem? Não podia ser!... Se fosse, tinha-lhe ficado com o saco das moedas... Por duas vezes se metera na boca do lobo... Qual Zé do Telhado! qual carapuça!... O homem barbaçudo estava a caçar, a dizer piquetas, para o disfrutar... Grande trocista! — era o que era!...

Ao levantarem-se da mesa, o Britães, em dúvida, insistiu, estendendo-lhe a mão:

— Sério, sério!... diga lá: — quem é vocemecê?

O Teixeira capador, apertou-lhe a mão, e confirmou, sorridente e afável:

— Zé do Telhado, um seu criado sempre às ordens! Adeus, Adeus!...

E foi perder-se, no meio da multidão dos feirantes, para não mais o voltar a ver...

## IV

### Zé do Telhado e os dois ladrões

**P**ARA lá da Figueiró, vasta planura na cimeira de Vila-chã e Palme, alapa-se a aldeia presepial dos Feitos, terra tão alta, na reprega da montanha, que, por esta região, outra não há que mais perto fique do céu.

Logo adiante é a Portela; e à ilharga dela assenta o Penedo-do-Ladrão, célebre nesta extensa corda de povoados, pelas façanhas das maltas de bandoleiros, que, antanho, infestavam o sítio, sobretudo após as lutas liberais.

Às vezes, à luz do sol, a quadrilha assaltava os viandantes, que se aventuravam, sòzinhos, ou em pequenos grupos, à travessia da serra, entre o corcovado S. Gonçalo e a giba de S. Mamede.

A estrada-velha, de Viana a Barcelos, alongava-se pelo ermo agreste, longe de povoações e quintas. Por

ali se tornava de obrigação a passagem, — tanto que, a moderna «estrada real», anos depois, por lá abriu valentas e alinhou bermas.

É certo que muitos dos que viajavam, iam armados. Mas que valia isso, quando, a seguro, por ali, operavam os bandos aguerridos e sanguinários do comando do Labardeiro, do Cristiano Picanço, do Laranjeira e de outros temíveis salteadores?

Sabia-se que, lá mais para o sul, e para as bandas de Basto, manobrava a quadrilha dos «Telhados», a mais temida de todas, e que dela fazia parte o Teixeira, capador de grandes méritos, que, de longe-em-longe por aqui exercia a profissão. Constava...

Mas o Zé Teixeira tinha quem o defendesse da aleivosia: — Não: o Capador era homem de bem-fazer, que repartia com os pobres o seu dinheiro, sem alardes, como manda o Evangelho. Certo é que, outros, lhe aproveitavam as habilidades de castrador, e o recebiam a medo, porque o sabiam chefe de aguerrida malta.

Todavia era voz corrente que, fora da sua região, não havia pessoa mais correcta, nem de maior honestidade: nesta parte do Minho ninguém se queixava de roubos, por parte dele, antes se contavam proezas de suas valentias, a proteger casas ameaçadas.

\*

Zé do Telhado, como capador de profissão, por aqui passava, de temporada a temporada, a exercer a arte, de suprimir, aos gados, as veleidades de turismo. Era alto, robusto, destemido e homem bem

falante, diziam os velhos, que o conheceram. E a sua abundante barba negra, dava-lhe certa majestade.

Quem o não conhecesse, nem lhe soubesse das aventuras, diria tratar-se dum bom senhor, dum verdadeiro cavalheiro. E, então, amigo de crianças, como poucos.

Se adregava encontrar, na estrada, um rapazinho, trôpego, cansado, a caminho do povoado, levava-o à garupa. E, não raro, se esportulava com dinheiro.

Numa manhã de invernia, entre bouças sombrias, encontrou um rapazinho andrajoso e triste, que corria apressado:

— Como te chamas, amigo?

— João.

— Onde vais, tão de corrida?

— À botica, aos remédios.

— Quem tens doente?

— Minha mãe: está malzinha...

E pôs-se a chorar. Zé do Telhado lembrou-se dos seus meninos e limpou uma lágrima que afluía.

— A botica fica longe, pequeno. Salta aqui para a garupa: vou lá passar. E dinheiro para os remédios?

— Não temos: somos pobrezinhos...

Nas proximidades do estabelecimento apeou o rapazinho, e meteu-lhe no bolso uma manada de pintos:

— Pega. Compra os remédios e dá o resto à mãe para se tratar.

Quem é vocemecê?

— Ninguém me conhece: não sou dos sítios...  
Era assim: tinha destas generosidades fidalgas.

\*

Por toda a região se falava, com terror, do Zé do Telhado, capitão de ladrões: mas poucos sabiam que, o capador José Teixeira, era a mesma pessoa.

Se o Telhado era bandoleiro, o Teixeira era homem de bem, no parecer de toda a gente.

Numa noite, ia de Viana, a caminho das feiras novas de S. Miguel, em Vilanova de Famalicão. Deixara já para trás, o musganho de insignificante casario dos Feitos, e começava a descer a Portela, junto ao Penedo-do-Ladrão.

Escuro como bréu! Pôs-se a estudar o local, que lhe pareceu indicado para sortidas e emboscadas.

Por ali passava a diligência da mala-posta, três vezes por semana. Era questão dum entendimento com o postilhão, falar nisso ao bruto Labardeiro ou ao famigerado Cristiano — o «filho duma junta de bois, capaz de roubar a madre, donde nascera...».

Ia assim a pensar...

Súbito, na volta da cangosta, vindos da banda do Penedo, — dois cavaleiros negrejaram na sua frente, e em voz de estentor, que não era natural, intimaram:

— Faça alto!

Parou. O primeiro intento do Zé do Telhado foi dar-se a conhecer. Mas não: tão grave falta de respeito, daqueles atrevidos colegas, mereciam exemplar castigo. Ia desancá-los, pela ousadia, estendê-los no chão à bordoadada... Mas... «espera Zé» — disse consigo, — vamos ver quem são os salafrários.

E perguntou:



— Alto? Em nome de quem?

—Alto? Em nome de quem?

Os dois atrevidos ladrões aproximaram-se e, com grande espanto seu, numa voz «demudada», de bordão estentoroso, disseram, ao mesmo tempo:

—Em nome do Zé do Telhado!...

Então o seu espanto redobrou! Por esta não esperava o capador!

Mais rápido, do que leva a dizê-lo, puxa do saquitol de meia, bem recheado de moedas de ouro e de prata, e atirou-o ao que ficava mais perto:

—Aí tens tudo quanto levo; Esse nome respeita-se!

E ficou-se à espera, a ver o que vinha...

Os ladrões apalparam, tomaram o peso à bolsa e sentindo o calor do ouro, ordenaram em voz de comando, no intuito de imitarem o mestre, que julgavam longe:

—Marche!

—Gire!

Nunca, dois ou três homens, aterrorizaram Zé Teixeira, que tinha ímpetos de tigre assanhado.

Sentiu ganas de os estrancinhar, mas conteve-se. Encetou jornada. Logo abaixo, a menos de duzentas, varas apeou-se, prendeu o cavalo a um raizeiro de torga e pôs-se a cocar. Não os conheceu, mas pareceu-lhe, pela maneira de operar, pela indecisão, manifestada, pelo tremor da voz, incipientes, pouco adestrados na arte...

Percebeu que tilintavam dinheiro, que falazavam: estariam a fazer a partilha? Mau. Isso transtornaria os

seus planos. Daí, talvez não... Verificou que tomaram a direcção de Santa Leocádia, ou Vilar de Monte.

Ele conhecia a quelha andurrinhal. Adiante havia uma cangosta funda, estreita como caleiro do moinho. Iriam lá passar. Rico sítio para a sortida que estava a planear...

Dum pulo cavalgou e fez o trajecto a corta-mato, por sobre a camarção montesina, para não fazer ruído. Chegou primeiro, acostou-se ao barranco, onde mal cabia com o cavalo.

Os imprevenidos ladrões, vinham radiantes, a gabarolarem-se; e enalteciam a façanha e a coragem com que investiram contra o corpulento viandante que, valha a verdade, nem por isso se mostrara assustado. Grande negociante, talvez... Tanta moeda... Estavam mestres na arte... Também, coitado dele, se resistisse, se lhes não arrebolasse a bolsa... Sim, coitado...

De repente caíu no meio deles uma massa negra, mais negra, ainda, do que a da noite, enorme, como se o grande Penedo da Portela, — o Penedo-do-Ladrão — se tivesse deslocado, lá de cima, e ali viesse cair, para os esmagar...

— Ih, Jesus, Santo nome!

Ambos se sentiram agarrados pelo gasganete, como se tenazes de ferro os houvesse atingido. Uma voz grossa trovejou-lhes aos ouvidos:

— Botem cá o que levam!

Os dois ladrões, a tremer, ainda arriscaram:

— Deixe-nos! Não levamos nada.

Procuravam desenvencilhar-se, esporear os cavalos.

Súbito sentiram-se apeados. O vigoroso assaltante agarrava-os, agora, pelas abas das véstias de serrobeco e batia-os, costas-com-costas, como quem toca pratos, numa música da aldeia...

— Vamos! Aviem-se!

Então os desgraçados restituíram a bolsa roubada dez minutos antes, e, conjuntamente os poucos cruzados que possuíam...

«Entregavam tudo, deixasse-os em paz...».

Zé do Telhado abriu as possantes mãos, largou-os. Meteu o saquitel, que era seu, e os dos assaltantes, ao bolso, soltou por entre dentes, um silvo, muito de seu hábito, e cacarejou grossa gargalhada de troça.

Os roubados ladrões, corridos e envergonhados, aproximaram-se das montadas, no intuito de fugirem. O famoso bandoleiro antecipou-se-lhes e, sem dizer água vai, tomou as rédeas das azêmolas, prendeu-as de récua, à rabeira do seu cavalo, e montou:

— Boa-noite, camaradas! Zé do Telhado, neste mundo, há só um...

Soltou outra gargalhada:

— Sou eu!

E foi vender as montadas à feira de Vilanova.

V

## O Morgado de Adães gaba o seu cavalo

**B**ARCELOS, nas quintas-feiras — dia do grande mercado — é «um mundanal de gente»!

Barcelos assenta em centro abonde populoso e com fáceis meios de acesso, razão do aglomerado de gentes, que se deslocam desde a raia galega até ao Porto, e mais além. A feira é assim hoje; e, desde a sua origem, tão afastada, que nem há tradição do início — sempre assim deve ter sido.

\*

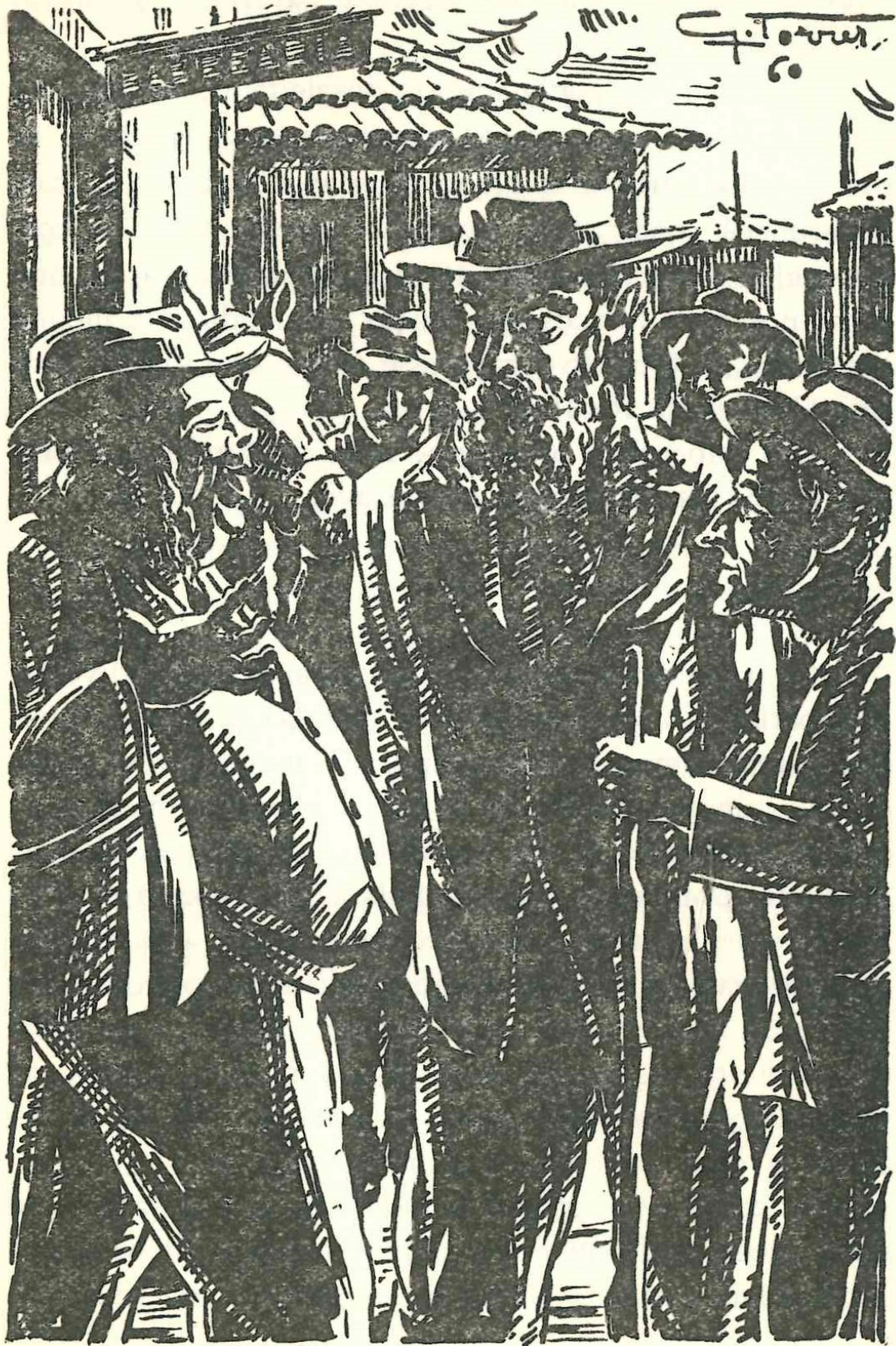
Ora, há bons cem anos, quando ninguém futurava que poderia vir a ver, automóveis velozes, como o vento, e camionetas avantajadas, como arcas de Noé, o trajecto para a feira fazia-se à pata, em churrião, diligência, carrinhas, carroças e, sobretudo, a cavalo.

Nas boas casas de lavoura, e até nas somenos, nunca faltava a égua de criação, o macho de almocreve, ou o cavalo andeiro. Pelas aldeias do termo houve sempre uma casta de moradores privilegiados, que se erguia acima dos cabaneiros da vizinhança: a gente rica das Casas Grandes — espécie de fidalguia aldeã, amorgadada. E onde falhava fidalguia de cepa, ou afidalgados barões e viscondes de fresca data, por mercê da política de compadres, eram aqueles quem marcava a posição de gente de algo; eram alguém, com quem podia contar, nas aflições e nos apertos: o caseiro, do seu senhorio; e o pobre da jorna, do patrão abonado.

Estes eram, pois, os grandes da aldeia, os maiorais, que faziam gala da sua importância, ante as autoridades da vila; e tinham brio em servir quem os procurava. Mas para alardear prosápia e mostrar perícia na arte de gineta — ali estavam eles, também. Nos dias de feira não falhavam em Barcelos, quer tivessem negócios pendentes, quer não, montando éguas pimponas e relincheiras, ou cavalos velozes e ariscos.

À ponte juntavam-se os de além — às vezes trinta ou quarenta! — que em alardo de estrepitosa cavalgada irrompiam pela Rua Direita, e pelas lajes da calçada. As ferraduras incendiavam as pedras, e o tropel enchia a calha de estrépito, de relinchos, de ruído. Os moradores, sobretudo as mulheres, acorriam, às portas e janelas, a admirar o garbo da cavalaria rusticana.

Aqueles morgados ricos, e os amorgadados lavradores — gente de «prosa e rópia» — orgulhavam-se de ter, cada um, a melhor montada, a estampa mais per-



Não se vende, porque não há dinheiro que o pague

feita, a raça de maior pureza. E, à frente de todos — o Morgado de Adães!

Era homem pantafaçado, desajeitado, o cós das calças descido na barriga proeminente, mas cheio de prosápia, jactancioso e ufano de suas riquezas. E, para gabarolices, não havia outro! Só ele tinha o bom e o melhor: o maior morgadio das redondezas; as quintas e campos mais feraces; as bouças e tomadias de melhor tancharia... Quanto a cavalos e éguas—desafiava a própria Coudelaria Real!

Um gabarola «proseiro», mas, no fundo, boa pessoa, amigo de fazer bem, e prestável.

\*

Os cavaleiros recolhiam os animais pelas diversas estrebarias da vila, ou presos às argolas dos prédios, que circundam o vasto campo. Tempos antes, os ladrões, que infestavam as feiras, haviam roubado dois cavalos, retirando-os das cavaliças de aluguer. Estava tudo de prevenção. Para mais corria voz que, dias antes, dois honrados homens de negócio, que na madrugada iam a seu caminho, tinham sido roubados, à Portela dos Feitos, por temível ladrão, que, além do dinheiro e armas, que levavam, lhes furtara as montadas, e as fora vender à feira de Vilanova. Todo o cuidado com os ladrões era pouco!

À cautela, o prudente Morgado de Adães, que tinha necessidade de fazer a barba e aparar as suizas, já a grisalhar, por... «gostar de mostrar a cara lavada às

moças» — prendeu o seu alazão, de cinquenta moedas, à argola do barbeiro «Fuças», o mais afamado da vila, e entrou na loja, algo remediada de clientes, com quem, após as saudações — «Deus seja nesta casa!», e «Bem-vindo quem entra!» — se misturou à palestra. Como sempre sucede nas barbearias, falava-se, contavam-se as novidades da semana, os acontecimentos políticos, os negócios, os preços do gado...

Um negociante «burriqueiro» gabou-lhe o animal:

— Uma estampa de alto lá!

— Só tenho coisas boas...

E saíram a apreciar o fogoso animal, que escarvava e relinchava. Outros feirantes foram chegando, e, entre eles, um homenzarrão barbaçudo, que deu uma palmada na anca lustrosa, e ficou-se a apreciar o bicho:

— Coisa fina! Quanto custa?

— O senhor não tem dinheiro para ele — disse o Adães. — Não se vende, porque não há dinheiro que o pague.

Entraram todos na loja do «Fuças», em regateio:

— Sabe lá o senhor se eu tenho, ou não, dinheiro para lho pagar?

— Não tem: o Morgado da Alheira dava por ele cinquenta moedas — valor de três juntas de bois... Quem o levar há-de deixar cem moedas...

— Cem moedas, hem! — disse trocista — Quantos tem mais para juntar a este?

Todos riram. Imperturbável, o Morgado voltou a fazer a biografia do animal: — Uma estampa, senhor! Aquilo, que ali vê, é da fidalguia dos cavalos! Ligeiro

como o vento!... Vivo como o azougue!... Saltarelo... E espertelho? Só lhe falta falar. Mas compreende tudo que se lhe diz... E o que se chama bom...

Como todos os barbeiros, o «Fuças» gostava de meter bedelho na palestra dos clientes; e como conhecia o fraco do Morgado, elogiou a égua famosa — mãe do alazão, «a melhor do mundo»!

— O senhor havia de ver a burra...

O Adães atalhou:

— Isso é ouro de lei! Só tenho o que é bom: ainda há pouco me pariu... e deu uma boa cria — uma cria de respeito!

Os do auditório riram à socapa, do desastrado qui-proquó; e o barbaças, que era trocista, disse:

— Bem se vê, bem se vê!...

Um lavrador, que acabava de fazer a barba, e se preparava para sair, aconselhou: «que o melhor era fazer negócio com aquele tio...». E outro:

— Andam por aí os da malta, a roubar cavalos, para terem montadas p'ros assaltos, nas encruzilhadas. Vai por duas semanas, ranfaram da cavaliça da Esparrinha, os dois melhores cavalos, que estavam à manjedoura. Ao Penedo do Ladrão, ao de riba dos Feitos, um homem, só, atreveu-se a assaltar dois viandantes, tirou-lhes todo o dinheiro, e fugiu com os cavalos... E consta que anda solta, por aí, fugida à tropa de Penafiel, a quadrilha do Zé do Telhado...

Mas o «Fuças» estava melhor informado:

— Essa coisa, ao Penedo do Ladrão, parece que foi uma rica partida: não eram homens de negócio, mas

dois ladrapos, que estavam à espera dum regatão de Alvarães, que se esperava que lá passasse, bem endinheirado, p'rás Feiras Grandes de Vilanova. Quando esperavam um, saiu-lhes outro, que, pelos pontos, era o tal do Telhado: virou-se o feitiço contra o feiticeiro, e os roubados foram os assaltantes!

O Adães soltou uma gargalhada:

— Homem! Essa é das boas!

— Boa partida — disse o barbas-negras. — Mas esses homens foram uns fracalhões, deixando-se roubar por um só: uma vergonha!

O «Fuças» esclareceu, que o Zé do Telhado não era para brincadeiras; seria capaz de matar o pai e a mãe, por tuta-e-meia; e dizia-se que tinha força como um boi...

— Um homem com dois braços! — disse o das barbas.

O barbeiro pôs-se a afiar a navalha, enquanto ia dizendo:

— Vê-se que o senhor é um latação, mas não se queira ver, cara-a-cara, com homem tão destemperado.

— Um homem que só tem dois braços — repetiu o desconhecido.

— Ora pois — disse o Morgado — o senhor tirou-me isso do pensamento. Esse sujeito só tem dois braços; e um homem é sempre homem para outro. Havia de ser comigo: iam logo dois tiros...

Mas um velho prudente, que ia a sair, aconselhou, pondo uma mão no ombro ao Adães, e falando-lhe quase em segredo:

—O seguro morreu de velho! Se este tio lhe dá as cinquenta moedas, pagas à cabeça, não olhe para trás, deixe ir o bicho: é negócio de arromba! Olhe que o tal do Telhado, se é apreciador de bons cavalos, e vê aquele, — sem burro está o senhor. Deixe-se de baloanas, e faça entrega do animal.

O barba-negra acudiu:

—Não: eu não prometi cinquenta moedas, por que estou bem servido. Falei por falar.

Voltaram a rodear o belo alazão; o Morgado disse, com ironia:

—Pode estar bem servido, mas... como isto — não tem! Ora veja...

Saltou para o selim, deu de rédea, alongou-se até ao convento, e voltou a caracolar, a tirar habilidades da montada.

—O senhor viu? Que tal? Que venha o mais pimpão dos Zés do Telhado, a ver se lhes põe as calças em riba! Ora dê o meu amigo uma volta pela feira, e veja se há coisa igual. A fugir é berlante, como vento nortilhão! Ora dê lá a voltinha, e dirá... Cem moedinhas, olé! Precinho de amigo!...

O homem da barba grenhuda andou ao derredor do cavalo; examinou os olhos, os dentes, a peitorça, os cascos e outras miudezas. E depois de verificar que tinha as esporas bem firmadas, com agilidade que espantou o gentio da roda — saltou para o selim sem pôr o pé no estribo.

O Morgado arreguilou os olhos:

—Cáspite! O senhor sabe de gineta!

— Vou dar-lhe uma lição... das minhas.

Sopeou o animal, apontou-lhe a espora, levou-o a fazer vénias, caracolou...

Todos admiraram a perícia do cavaleiro; o Adães incitou-o:

— Enquanto faço a barba, dê a volta pela feira.

— Se o amigo dá licença...

Um do bando ergueu voz, a prevenir: «que tivesse cuidado com o Zé do Telhado», mas já o ginete ia a distância, a flostriar, virado à feira do gado. Entretanto, o Morgado sentava-se na cadeira para... «o porem em termos de aparecer às moças»!...

\*

O homem e o cavalo demoravam-se: pôs-se à porta, à espera. Meia hora... mais meia hora... Diabo! Que queria dizer aquilo? Quem era a criatura? Ninguém o conhecia, mas suspeitava-se que fosse dos lados de Viana, e pelo semblante parecia pessoa séria. Mandou um dos seus rendeiros, que entrava na loja, dar volta pelo campo, a indagar; o homem voltou: «andara na feira do gado, mas desaparecera...».

Ali à beira, os sinos do Senhor da Cruz repicaram o meio dia. A manhã passara; começava a tarde e... nada! Devia ir dali almoçar à Esparrinha, mas perdera o apetite: que era feito do seu alazão de cem moedas? Estava roubado! Era o que era. Ouvira dizer que o Zé do Telhado usava barbas crescidas: à certa que

aquele desconhecido, era o bandoleiro das bandas de S. Martinho.

Estava envergonhado, derrotada a sua jactância de homem experiente, que se não deixa lograr. E fora ele mesmo que se metera na boca do lobo! Mandou emissários para Braga, Viana e Vilanova, e foi depois com queixumes a um seu amigo da justiça, que o informou do facto do famoso bandoleiro andar fugido às garras dos meirinhos. Pronto! Estava roubado! Que parvo fora, entregando o belo cavalo de cem moedas, a criatura jamais vista...

Ao fim da tarde, de todo desanimado, montou numa égua rabona, do caseiro, e tomou o caminho de casa. Ia triste, acabrunhado, cheio de vergonha pelo percalço acontecido. Mais que o prejuízo da perda do valioso animal, o exacerbava a má figura que fizera. Tinha grande gosto no seu belo alazão, lá isso tinha; mas os sorrisos de troça que adivinhara nos lábios dos amigos e conhecidos, como a dizerem: «olha o finório do Morgado, como caiu na esparrela!» — ainda mais o envergonhava e enfurecia. E era isso que lhe doía... Diabo de burro que fora!

\*

Por meia tarde, um homenzarrão, de grandes barbas negras, aproximava-se das portas-fronhas do morgadio de Adães. Montava o belo alazão, e trazia à arreata um cavalo de Alter, de finos jarretes, cabeça alta, olhar vivo.

O cavaleiro apeou-se, deu duas fortes argoladas, e abriu o portal:

— Ó da casa!

Veio um homenzito, de meia idade, atender.

— Vossemecê é desta casa?

— Sou o criado do governo.

— Muito bem: tome conta do cavalinho. Diga, ao senhor, que desculpe a demora: andei a dar uma liçãozinha ao bicho. É louça fina! Tão bom, como este só há outro: — o meu! Dirá ao amo, que não me convém a troca; porque este, que tenho, já conhece os caminhos e as catureiras do dono: posso dormir emriba dele. E é tão espertelho que, se me pesca a dormir, até faz menos bulha, para me não acordar.

Foi montando o cavalo, que trouxe à rabeira, e a dizer:

— Com a lição que dei ao bicho, fica a valer as cinquenta moedas! Adeus!

Ia a iniciar a marcha, mas voltou-se, a dizer:

— Olhe! Sempre diga ao senhor Morgado, que o Zé do Telhado não é tão ladrão, quanto se diz...

E desapareceu, na volta da cangosta.



## VI

### O assalto à casa do Pobilo, nas Marinhas

**A** CASA do Pobilo — a despeito da mediania em que viviam — era poço sem fundo, uma rica mina de ouro! Dizia-se que o velho unhas-de-fome, não contava o dinheiro: media-o pelo gabedo dos cereais! Comprava um campo, uma tomadia, ou uma bouça, por uma maquia, um quarteirão ou meia rasa de cruzados... Na casa dos Pobilos, o ouro nascia, como a água na fonte da Virtude. Exagero, claro! Não obstante, valores em barda, não faltavam pelas arcas...

Os da malta sabiam isso, e planejaram o assalto. Mas primeiro era preciso captar, e trazer para a comparsaria, o Francisco Mazarefes, que conhecia os andaimes da casa, porque era compadre do Pobilo.

Foi o Fome-negra, investido nas funções de diplomata, quem levou a bom termo as negociações. O novo elemento foi recebido com honras; e na surtida a Corutelo, em que apenas marcou a presença,

recebeu quinhão a dobrar. Era a melhor maneira de animar o «Mazarefes», e captar-lhe a confiança.

Mais de um mês andou o plano em gestação. Foi custoso convencer o homem, que mostrava pruridos de consciência.

— É compadre, vocês bem sabem...

— Aquilo é poço sem fundo! Ele tem de mais...

— Na... Vão lá vocês.

Foi custoso de convencer. Mas a água mole, amolenta a pedra dura, e o Francisco do Curro, na vinda da feira de Ponte—onde fora de guarda-costas do opulento lavrador—teve artes de o convidar para a venda do Agostinho de S. Tiago, para uma «funçanata de amigos».

O Agostinho não era da malta; mas recebia dela bom quinhão.

O Pobilo não desconfiava do compadre, de quem era amigo; nunca à imaginação lhe veio, que o Francisco do Curro, de Mazarefes, que todos tinham por sério, andasse, de gorra, com salteadores, em semelhante modo de vida.

\*

A venda do Agostinho era um antro! De dentro, da cozinha, vinham os cheiros acres mas apetitosos dos refogados e dos assados. À cora do forno ardia o brasido. Uma mulher depenava galinhas, enquanto um homem, de mangas arregaçadas e os braços tintos de sangue, esquartejava nédio carneiro.

Iam entrando homens desconhecidos — agora uns, logo outros. Vinham alguns encapotados; outros de manta às costas. Caras patibulares; cenhos franzidos; olhares de revés... O Pobilo começava a perder a serenidade: compreendeu tudo! O compadre armara-lhe uma cilada. Mas, esperto e astuto, como era, afivelou uma máscara de serenidade; e ia pensando na sua defesa. Fugir? Por duas vezes pensou nisso. Mas como, se estava cercado por uma caterva?

Ia-se fechando a noite; mais homens iam entrando, que se misturavam logo à conversa, com os comparsas; e, com ele, petilhavam, em gracejo:

— Tio Marques! Isto é boa rapaziada!

O lavrador sorria contrafeito, e fitava o compadre com rancor. Em seu íntimo ia dizendo: — «Malvado! assim pagas a quem te faz bem?»

Ao «toque d'almas», por volta das nove da noite, cerca de vinte homens estavam sentados, à roda duma grande mesa, engendrada de tábuas felpudas, erguida no coberto, ao lado da cozinha. O Pobilo só conhecia o compadre judas; os outros, pelo traje de almocreves, e modos de falar, pareceu-lhe serem de terras lonjanas. Afigurou-se-lhe que vira alguns, em Ponte de Lima, à palestra com o de Curros. Viu-se perdido: estava no meio duma quadrilha de ladrões!

Mas o astuto argentário não perdia a tramontana: comia e bebia como eles e com eles fazia camaradagem, conversando e rindo. Mas ia pensando na salvação. Ocorreu-lhe uma ideia: — «E se eu me fingisse doente?». E se assim pensou, melhor o executou.

Fez-se actor, um actor consumado: começou a arquejar, como se lhe faltasse a respiração; a comprimir a arca do peito; a gemer, em tal fingida aflição, que parecia natural.

— Que é isso, tio Marques?

— Ai! a minha lesão, a minha lesão! Meu Deus! Morro, sei que morro...

Amadorrou-se sobre a mesa, a torcer-se, a arquejar:

— Chamem um padre... um padre!... um confessor!...

Os quadrilheiros olharam-se, assarapantados: o homem morreria ali? Muitos foram de opinião que se não chamasse o confessor; porém o Agostinho e o Mazarefes opinaram por se chamar o padre. Morava perto, frei Francisco de Palme — um homem de Deus, muito respeitado; e o filho do Agostinho foi chamá-lo, contra o parecer da maioria, que via, naquilo tudo, uma farça.

— Eh! lá! Quem manda aqui? — impôs o vendeiro.

Antes da chegada do frade, grande parte dos da malta pôs-se em fuga, e a mesa foi desmanchada. O Labardeiro dizia que o homem se fingira doente, para os não acompanhar a casa; outros, que fora susto, de se ver só, no meio deles. O Maceta e o Fome-negra, os mais sanguinários, queriam liquidá-lo:

— Mata-se esse diabo!

Mas o do Curro, com a sua autoridade e valentia, entrepôs-se:

— Vitó-sério!... Aqui não se mata ninguém!

Alguns eram de parecer que se fosse dar o assalto às Marinhas; mas muitos, receando ser reconhecidos pelo padre, tinham debandado. O capitão falou:

— Iremos lá em outro dia. Na Quinta-feira, das oito para as nove — tudo aqui! Que ninguém falte, ouviram?

— Está combinado.

Montaram a cavalo e alongaram-se para as suas terras.

\*

O lavrador, depois de frei Francisco o ouvir de confissão, pediu ao bom homem que lhe desse guarida em sua casa, e lá passou o resto da noite, sobressaltado, no receio de que, aproveitando a sua ausência, lhe fossem dar assalto à casa. Na madrugada montou a cavalo, em direcção a Pinhote.

Nada de grave tinha acontecido, além do sobresalto da família, pela ausência do chefe. Durante várias noites, homens da vizinhança, armados, lhe fizeram guarda à casa. Por sua vez, a malta do Meadela, calculando o percalço, adiou o assalto para outra oportunidade — um mês depois, ou talvez mais.

E o dia chegou: na noite de 16 de Dezembro de 1842, o Meadela e os seus homens, estavam de novo reunidos na venda do Agostinho. Ardeu o forno para os anhos; e havia cheiroso sarrabulho. Após a succulenta comezaina, abundantemente regada com vinho

de Barroselas, prepararam-se para a surtida. Todos se encontravam armados de bacamartes, pistolas e facas; dois ou três levavam machados, no arção. Uns forneciam os cantis de aguardente; outros enchiam borra-chas de vinho. Estavam animados e prometiam levar tudo a ferro e fogo.

Mas o do Curro, que era valente, e temido pelos comparsas, preveniu:

— Matar? Não! Vejam o que fazem! Acompanho, só com a condição de não haver sangue. Somos ladrões, não somos matadores... Acompanho, mas não entro: fico de vigia. Entendido?

O chefe Meadela arriscou:

— Diabo! és o único que conhece os andaimes...

— Não entro! Conheço tanto como vocês.

Em grupinhos, murmurava-se em surdina, falando-se de medos e de receios; de sustos e compadrios... O Mazarefes compreendeu-os, e explicou com aparente serenidade:

— Nunca um homem, mais dois outros, assustaram o Francisco do Curro! O que há em mim, é um bocado de consciência: somos compadres... Posso acompanhar, se quiserem: mas não ponho os pés dentro da casa. E previno: que ninguém afronte, ou se atreva a ferir, meu compadre, ou gente da família.

Temiam-no e respeitavam-lhe a valentia: não era para brincadeiras. Mas o Teodósio, que era brutamontes e refilão, obtemperou, irónico:

— Sei!... Se alguém me der uma fouçada... dou-lhe um beijo!...

—Estão em sua casa: a obrigação é defendem-se de quem os afronta. O Labardeiro e outro, informaram que o lavrador tivera em casa, soldados do Regimento de Viana, aboletados, durante muitos dias.

Os mais timoratos aconselharam prudência: seria bom averiguar se haveria gente armada na casa. Porém o Graúngo e o Fome-negra informaram que os soldados já tinham regressado a Viana. O capitão confirmou, e deu ordem de partida.

Eram cerca de vinte homens, que se dividiram em três grupos, para despistarem e não provocarem alarme nos povoados, que teriam de atravessar. Marcou-se o ponto da reunião na rechã de S. Lourenço, junto à Fonte-da-Bica, para dessedentar os cavalos.

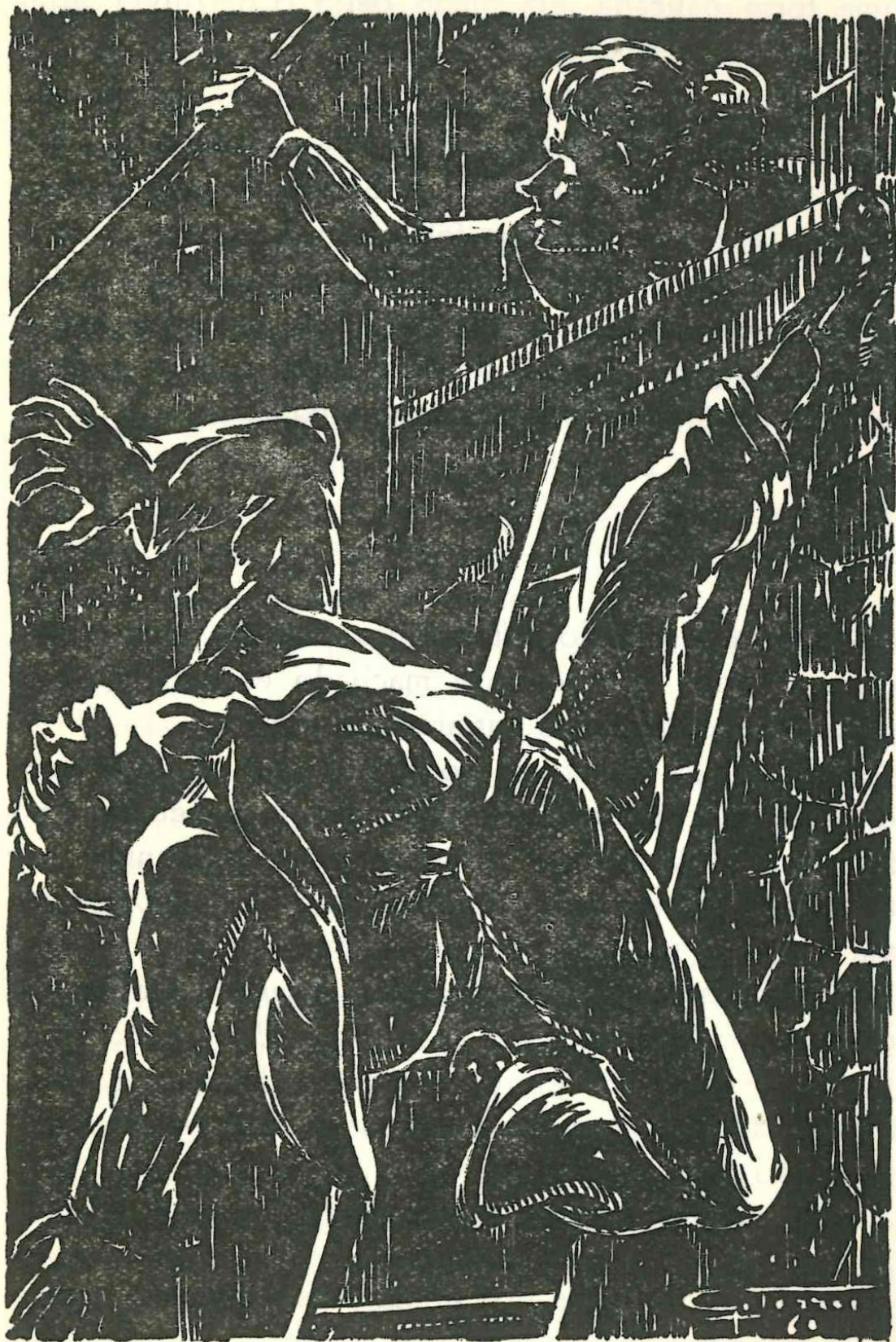
Cerca das 11 horas da noite, o tio Bulhinha, de Vilachã, que vinha do sarrabulho de casa dos Pôchas, pressentiu a cavalgada e escondeu-se num recanto da casa do Caina, para os ver passar. Eram sete cavaleiros silenciosos, pois os animais levavam as patas entapadas, para obstarem ao estrépido das ferraduras. Os caçadores nocturnos da lebre, viram, à mesma hora, passar outro grupo, à cancela da Cerca. Tempos depois, ouviu-se um buzinar para os lados de S. Lourenço: eram os do terceiro grupo, que tocavam a reunir.

Cerca da meia-noite, toda a malta estava ao derredor da casa dos Pobilos.

Num dos primeiros anos deste século, (1901 ou 1902) morreu em Susão, a nonogenária Ana Chaves, que, na sua mocidade, fora criada do Pobilo, e por isso conhecida, por «Ana Pobila». Foi moça vigorosa, verdadeira mulher de armas, e dotada de espírito viril. «Mulher duma cana só» — dizia-se dela!

Quando em 16 de Dezembro de 1842, a casa dos Pobilos foi assaltada, a Ana Chaves era a criada do governo. Tinha feito a cozedura do pão e aguardava, na cozinha, amodorrada de sono, que chegasse a hora de tirar a porta ao forno. Pressentiu, porém, que qualquer coisa de anormal se passava fora: estrépido de ferraduras, relinchos de cavalos, ruídos misteriosos... Que era aquilo?

Levantou-se estremunhada, e acercou-se da janela: numerosas sombras negras se movimentavam sobre a grande lage do caminho: era a ameaça a converter-se em realidade! A malta dos salteadores cercava a casa! Ia acordar os patrões e gritar—«Aqui-del-rei, ladrões!— quando notou que, de fora, um vulto pretendia correr a vidraça, nas empuliges. A mulher decidida, armou-se da «férrea» de retirar as brasas do forno; e, quando a vidraça estava meio aberta, impeliu-a, em violenta lançada, contra o peito do ladrão, que se desequilibrou e caiu desamparado sobre a lage. O António Teodósio, logo que o outro caiu, e sem cuidar porque meio era defendido o reduto, empunhou a sua grande faca de mato e subiu. Mal tinha alcançado o peitoril, quando



...impeliu-a em violenta lançada

uma forte pancada, em pleno peito o derrubou, atracando-o, em seus musculosos braços o Graúno e o Labardeiro. Não obstante ficou muito mal tratado pelos degraus da escada e o peito a sangrar. Dois estavam fora do combate: o Saracu, com a cabeça esmagada e os ossos num feixe, estava morto; o Teodósio, torcido de dores, amesendava-se sobre uma pedra.

Aquela janela era inexpugnável: a Ana Chaves fazia prodígios; Se há duas ou três mulheres, desta laia, na casa, os salteadores eram vindimados!

\*

De repente, do interior do edifício, ouviram-se gritos: fortes pancadas de machado esquartejavam a porta, e os salteadores entraram de roldão.

O Pobilo fechara-se no quarto, mas os malfeitores desfizeram a porta às machadadas e penetraram no interior. O lavrador e a família, ali toda reunida, gritava por socorro; mas da vizinhança ninguém se atrevia a acudir, receando as consequências.

A malta podia, pois, manobrar a seu talante: de vigia ficara o Mazarefes e o João Simão Torto, para conterem possíveis acudidores, aos gritos de socorro. Mas a vizinhança trancara bem as portas, não ouvia o alarido, não dava rumor...

No interior da casa ia um reboliço: vasculhavam-se as arcas da «limpeza» e as caixas de rouparia, reben-tavam-se as fecharias dos armários e cómodas e pro-

curavam-se os esconderijos dos ouros. Munida do socoadoiro do forno, armado em ponta de ferro, a Ana Chaves espancava os assaltantes: o Fome-negra, o mais fandeleiro do bando, caiu atordoado com uma pontuada na nuca.

O velho Pobilo, já então com 72 anos, empunhava a sua espada de antigo capitão das Ordenanças; mas estava como louco. sentia-se perdido. O filho, João Baptista, já quinquagenário, pretendia defender o pai, da brusca arremetida dos ladrões, cobrindo-o com o seu corpo; foi violentamente arredado pelo Meadela e o Mira-gatos, que se precipitaram sobre o velho, tirando-lhe, do pescoço, um grosso cordão de ouro e medalha, de que nunca se separava.

Com amistosa ironia, o Meadela, dizia de quando em quando:

— Moita! Sossegue, tio Marques: ninguém lhe faz mal! Tudo é boa rapaziada! Deite para cá as massas, e vamos já embora.

Assarapantado, o velho só dizia:

— Não tenho mais nada: já me levais tudo... E circunvagava os olhos, na ânsia de descortinar, entre os da malta, o compadre de Mazarefes. Afigura-se-lhe que, se ele estivesse presente, o protegeria na angustiosa conjectura.

— Tiozinho! Diga vocemecê onde tem as «marelinhas», que queremos ir embora!

Da janela da cozinha, a valorosa criada gritava — «à del-rei!... à del-rei, ladrões!» — Momentos depois, os sinos, da matriz das Marinhas, tocavam a rebate.

O Simão Torto correu a prevenir os assaltantes, que, sem grandes pressas, fizeram as trouxas das roupas roubadas, e embolsaram o dinheiro (cerca de 500\$000 réis de moedas de ouro, cruzados e pintos de prata) saindo furiosos por não terem encontrado o tesouro do argentario. Sarcástico, o Meadela apertou a mão ao Pobilo:

— Velhote! Moita! Não diga a ninguém que foi roubado: roubados vamos nós!

\*

Começava a ouvir-se o vozear de gente, que se aproximava e gritava:

— Ladrões! Ladrões!

— À-que-del-rei!

— Anda a malta no lugar! Acudam!

Em vários pontos começavam a luzir lumieiras de palha, na noite caliginosa. Então os ladrões apressaram-se. O Saracu, que todos julgavam vivo, foi amarrado ao albardão da cavalgadura; o Teodósio, que sangrava pela boca, foi preciso ajudá-lo a montar. À chamada faltava um: o Mazarefes!

— Cadulo? — perguntavam-se.

Tinham-lhe respeitado os escrúpulos: mas a fuga era uma cobardia, imprópria do homem valente que era, e que todos temiam. O Meadela atribuiu o fracasso do assalto, à sua teimosia, de não entrar, para indicar os esconderijos.

O Fome-negra, comentou:

— O homem é cristão, e teve medo do inferno! Arrependeu-se...

Subiram o monte, a socairar, cabisbaixos, silenciosos — talvez a prantear o desaire, de levarem um morto da refrega. Dentro de pouco estavam junto da Fonte-da-Bica, na chã de S. Lourenço. Pararam para deliberar:

— O poviléu vem sobre nós: as lumieiras já se enxergam. Que se faz ao companheiro morto?

Uns opinavam que se levasse à família; mas outros acharam preferível escondê-lo, ali, numa fraga, e vi-lo buscar na noite seguinte. O povo amotinado aproximava-se: tinham de fugir.

Junto a S. Lourenço há um pequeno outeiro, um cibo a norte da Fonte-da-Bica, no cimo do qual há vestígios de edificações castrenses. O Meadela galgou o morro mamilar, e achou o local apropriado para esconderalho do morto. À dúbia luz das estrelas, dois deles tomaram o cadáver do quadrilheiro, e foram depositá-lo na cumeada, entre os penhascos e o entulho das remotas edificações. Não lhe rezaram um Padre-nosso, nem manifestaram qualquer sentimento de pesar: eram uns cínicos, sem alma para albergar sentimentos religiosos. Mais lhes tocaria na partilha. De resto consideravam-no o maior tratante do bando...

Já se enxergava, a meia encostà o reflexo das lumieiras, e ouvia-se o vozear do povo e tiros de arcabuz. O Meadela comandou:

— Ala, que se faz tarde!

Dois dias depois, os cães dos pastores, dos rebanhos vilachaneses, de mouta em mouta, a fariscar, dirigiram-se para o outeirinho do Castelo, e começaram em ladridos, em avanços e arrecuos...

— É coelho! — disse um dos pegureiros.

— É cobra! — presagiu outro.

— Vamos ver!

— E se for a moura encantada?

— Fugimos...

Para lá se dirigiram. Ao depararem com o cadáver, ficaram estarecidos, e correram ao lugar, a dar parte do macabro achado e a gritarem: — «Homem morto! homem morto!».

Vieram as justiças e ordenaram o enterro, cónscias de se tratar dum ladrão morto, no assalto. Mas o abade de Vilachã recusou-se a dar sepultura, na terra sagrada do adro a um salteador, excomungado por seus muitos crimes.

Que fazer? Enterrá-lo ali? Indagar da família? Retiraram sem chegarem a acordo. Mas no dia seguinte acordaram, os de Vilachã, enterrá-lo no monte, e para lá se dirigiram munidos de alviões e enxadas. Com espanto verificaram, que o cadáver tinha desaparecido! Foram os pastorinhos que, dias adiante, deram com a terra bulida, entre as fragas, e disso deram notícia.

Os da malta tinham vindo fazer o enterro, durante a noite.

Ao local, ainda na minha mocidade se chamava — o sítio da «Cova do Ladrão».

\*

Tempos depois, morria também, o António Teodósio, vítima da certa pontuada da «Ana Pobila». No enterro apareceu o Mazarefes. O Meadela segredou-lhe que o seu quinhão, no roubo das Marinhas, estava às ordens, na mão do Agostinho-vendeiro. E convidava-o para outra surtida, para os lados de Ponte de Lima — «coisa de arreguilar o olho!».

O Mazarefes franziu o cenho, e apontou-lhe o cadáver, que ia ser dado à terra; e perguntou que destino tinham dado ao do Saracu:

— Deu-se à terra no Monte de S. Lourenço.

— Andamos fora da graça de Deus, é o que é! Não aceito nada da partilha! E não contem mais comigo! Nunca mais!

E voltou-lhe as costas, para «nunca mais!».

## VII

### O roubo da mala do correio em Lagoa-Negra

#### I



**GREGÓRIO DAS NEVES**, homem mais que remediado, que enfileirava na categoria dos ricos, não passava por muito honesto. Diziam-se dele coisas algo escabrosas, no tocante à posse do alheio: se não manobrava na malta do Labardeiro ou na do Picanço (ambos almocreves às suas ordens), era tido como informador, cúmplice, e, talvez, quinhoeiro em partilhas.

Havia quem se acautelasse dele, havia quem desconfiasse da sua honorabilidade... Para muitos era homem de bem e senhor poderoso de baração e cutelo.

Trazia pelos caminhos de Viana ao Porto, e do Porto a Lisboa, uma chusma numerosa de almocreves e estafetas do Correio, que andava a seu soldo. E contavam-se por dezenas os churriões, diligências,

galeras e carros de luxo, das suas alquilarías. Era um grande senhor!

Por vias travessas soube o Gregório que o Tranca-Levada, rico negociante de Viana, enviaria pela mala, para o Porto, quinhentos mil réis em dobrões, dobras e peças de ouro, afora pintos e cruzados-novos — uma pequena fortuna, de tentar — e soube isto no momento em que o Labardeiro se apresentava, a receber ordens de serviço:

— Patrão! Há trabalho?

Inadvertida, ou propositadamente, o das Neves pô-lo ao corrente do que se passava: «naquele dia, a mala do Correio ia recheada e o condutor seria o Escorrega...». Quanto à almocrevagem, determinou-lhe o que tinha a fazer: carregar fardos de mercadorias, para diversos pontos.

O Labardeiro pulou de contente, e correu a casa do Graúngo e do João Simão Torto, encarregando-os de prevenir a comparsaria:

— À meia tarde tudo a postos nos embarcadores! E a Leonor que vá à frente com as cachiférras, bem acauteladas.

Entre os três ficou combinado que o «trabalho» se executasse além Cávado, para desviar suspeitas, ou lançá-las ao bando do Picanço, ou do Zé Pequeno, que operava mais ao sul.

## II

O estafeta — o António Escorrega, mais conhecido por António do Correio — era moço valente e destemido. Fazia o serviço da condução das malas duas vezes por semana, entre Viana, Vila do Conde e Porto, numa égua baia, levando, às vezes, à arreata, uma mula carregada, quando o volume da correspondência era maior. Para desnortear os ladrões, umas vezes caminhava à beira-mar, passando por Esposende, Fão e Estela; outras vezes, ao embarcadorio de Fão rumava a Laundos e Amorim, com trânsito pela Lagoa-Negra. Trocava as voltas...

Por mais que uma vez foi assaltado, e contava já, no seu activo, a morte de dois quadrilheiros: era valente; e não eram dois ou três que o assustavam.

Era o dia 18 de Março de 1842 — uma sexta-feira. Por meia tarde passaram na Barca do Lago, onde se fazia a travessia do Cávado, sete homens a cavalo, tomando uns o rumo de Necessidades, e outros o caminho de Criás. Quase ao mesmo tempo, outros homens desarmados chegavam ao embarcadorio de Fão. Pouco antes, passara uma mulher, ainda nova, que conduzia à cabeça uma canastra coberta com asseada toalha da teia. Quem era esta desconhecida, que por várias vezes ali fora vista? O barqueiro olhou-a de revez, mirou-a com desconfiança; e quando ela aconchegava a toalha, pareceu-lhe lobrigar o coice duma coronha de clavina. Ficou-se a suspeitar da criatura, como achegada à malta dos ladrões. E a ideia mais

se lhe encasquetou na mioleira, ao transportar, uma hora depois, os desconhecidos e macarenos cavaleiros.

\*

Não se enganava: era a Leonor Ladosa, a vivandeira da malta, mulher de armas, e de fígados — uma mulher dos diabos! Tanto escorvava uma pistola, como um bacamarte recheado de zagalotes; e na trincha da saia trazia sempre afiado punhal, «para o que desse e viesse»! Danada!... É corajosa como um homem...

Alma decidida para as investidas, e corpo franco para os comparsas garanhões, a Leonor, viúva de um famigerado quadrilheiro, morto no assalto ao acastelado paço de Corutelo, não era bonita, mas desenvolta, aparatosa e picante, como fêmea despertadora de interesse. Quem a conheceu, retratou-a assim: lábios grossos, sensuais; cabelo ondeado, com «ganchinhos» ao pendural, pela testa. Seus trinta e poucos anos. Sendo ladina e magana, aparentava, em público, uma seriedade fictícia, a ponto de passar por pessoa digna; e, até à morte do marido, nada houve que dizer.

Após a morte do seu consorte — o Ladosa — e durante algum tempo, os da malta continuaram a dar-lhe um pequeno quinhão dos roubos. Depois, solicitaram a sua cooperação como cozinheira das patuscadas e funçanatas, se adregavam de vistoriar galinheiro populoso, ou redil desamparado. Fazia um badulaque, do de lamber os dedos! E quanto a tostar um car-

neiro, refogar uma galinha, ou aquelar um arroz de frango — nem a mais pintada das cozinheiras lhe levava as palmas...

Uma noite, vestida de homem, a cara ensurranhada com fuligem do paranheiro do forno — acompanhou-os à rapina, fez o seu baptismo no crime. E tais provas deu de audácia e varonilidade, afora outros préstimos, que foi considerada elemento indispensável naquela temida associação de bandoleiros. Havia uma coisa em que todos estavam de acordo: a Leonor substituíra, e com dupla vantagem, o sanguinário marido, cortado a zagalotes na bravia acometida de Corutelo...

### III

Ora nesse 18 de Março — cento e dezoito anos a passar — o António Escorrega, com a sua montada, e uma possante mula, conduzindo as malas e encomendas, à arreata, ao chegar ao embarcadorio de Fão, quase lusco-fusco, foi prevenido pelo barqueiro, da passagem, por meia tarde — «quatro varas de sol, ao de riba» — de cinco cavaleiros desconhecidos, todos com caras de ladrões e matadores». Antes, por volta das três, passara uma mulher com uma canastra à cabeça, e figurara-se-lhe que levava «contrabando de armas», por ter visto resquícios duma coronha de bacamarte.

Por aquele tempo, o barqueiro de Fão era o tio Solha — homem rude, palavreiro, desbocado, praguejador; mas finório, espertelho, capaz de enxergar

argueiro no olho do vizinho. E como tinha consideração pelo António do Correio, preveniu-o:

— Meu rapaz! Cautela! Tinham todos ventas de sedeiro! À certa-confita que eram ladrões...

— Que rumo tomaram?

— Pinhal da Estela.

— Troco-lhes as voltas: não haverá perigo!

— Cuidado! Toda a cautela é pouca. Olha que são cinco bacamartes... Deixa-te ficar: vais de madrugada, ao diar...

— Sigo! O rei manda marchar!

O Escorrega tinha demasiada confiança na sua valentia: já noutra conjectura semelhante, seis homens o assaltaram no pinhal da Caniné, a Casal de Pedro, e um lá ficara estendido, a escutar o tropido da cavalgada; outro foi a casa entregar a alma negra ao Berzabum... Deus e as Benditas almas iam com ele.

— Bem! Bem!—disse o tio Solha.—Que sejas feliz...

Mas o bom velho ficou apreensivo, augurando má sorte ao valente rapaz.

Já mal se enxergava luz de dia, jornadeou para Fonteboa, e seguiu pelo caminho das Necessidades e Lagoa-Negra, na suposição de que os ladrões o esperavam por alturas da Estela, no sombrio pinhal, valhacouto de malfeitores, tantas vezes teatro de sanguinolentos dramas. Mas os olhos perscrutadores dos vigias espiavam-lhe os passos, faziam-lhe cerco.

Passado o airoso aldeamento das Necessidades, pressentiu que era seguido. Parou à escuta: a pouca distância, na retaguarda, ouviu a tropeada e o telinto

das ferraduras; e, na sua frente, o relincho de alimárias: estava cercado...

— Mau! As coisas punham-se feias! Deu de esporas à égua baia, que era ligeira como o vento, cortando, por entre o mato, para os lados de Contriz. Escorvou o pistolão, recheado de zagalotes, e...

De súbito, na sua frente, a poucos passos, mesmo à orla da Lagoa, uma sombra negra, na noite negra, adiantou-se, no intuito de segurar o bridão, e em voz roufenha intimou:

— Alto! Pare se quer poupar a vida!

O postilhão apontou a arma e disparou à queimadura. Tão certo foi o tiro que o intimidador caiu de borco no lamaçal, a jorrar sangueira: os zagalotes abriram-lhe a arca do peito: estava morto.

Mas logo uma descarga cerrada de seis ou oito tiros, se não mais, alvejou o intrépido estafeta, e a montada, que tombaram exangues, num alagoeiro de sangue: o Escorrega, com a cabeça esmigalhada, estava morto; e a montada, moribunda, estrebuxava nos estertores da agonia.

Na noite caliginosa, por entre esfarrapadas cortinas de nuvens, luziam, a espaços, estrelas trémulas de medo, no seio da escuridão; e de susto naquele ambiente de crime. As negras águas do pego pairavam em quietude, na ante-adivinhação de que seriam aproveitadas para cemitério das vítimas imoladas, no tenebroso cenário da sua margem: uma a cumprir o dever de honesto funcionário, que defendia o interesse da grei; outra tombada

no cairel do crime, na triste senda do pecado. A ambos, e sem os distinguir, a Lagoa daria agasalhamento, sob o pesadume do seu manto de viscosos lodos e verdolengos limos.

.....

Lagoa-Negra! Pélogo profundo de águas lutuosas, como a carpir os mortos que tem no seio — negras águas tingidas de escuridade pela caligem de uma noite de Quarta-feira de Trevas! — a quantos pobres de Cristo terás dado forçado agasalhamento, ó tenebrosa Lagoa-Negra?

#### IV

Estavam ali dois homens mortos, e um inocente e prestadio animal, no estertor. Mal se enxergando, uns aos outros, os ladrões entreolharam-se, na ânsia de se adivinharem o pensamento, que lhes verrumava a mioleira: — « Que destino dar ao cadáver do companheiro? » Houve um silêncio de minutos, quebrado, apenas pelo dolente piangar dos mochos, e pelo escarvar, e aflitivos relinchos, da mula do correio, assarapantada com o ribombo dos tiros. O Mira-gatos segurava-a pelo bridão; a interesseira Leonor apossava-se das malas. No íntimo de alguns, ia-se lamentando a má sorte do Tirano, que caíra no seu posto; outros apenas lançavam cálculos ao montante da rapina, e à quota da partilha. Naquelas almas empedernidas, nem afloravam sentimentos de humanidade, nem a triste flor da compaixão se fazia notar, porque, a negrura do pecado, as toldava

com espesso véu, urdido e tecido na senda tenebrosa do crime.

Do musganho de bandoleiros saiu uma voz rouquenha:

— Vamos a decidir! Que se faz ao companheiro morto?

Cada um aguardou a resposta de outro. O Clemente pretendia que se levasse o cadáver à família, e, dessa opinião, foram alguns mais. Mas o capitão ponderou que chegariam já com dia à terra: denunciavam-se, era o diabo... Houve um silêncio, a remoer os pensadores. A Leonor, que detestava o morto, talvez por a não requestrar, cortou o nó gordio das indecisões:

— Ó rapazes! Que melhor sepultura quereis?

E apontou a Lagoa, ao lado.

Silenciaram por momentos, mas acabaram por achar a ideia aproveitável. Quanto ao cadáver do estafeta, estava decidido: ia ser lançado às águas negras.

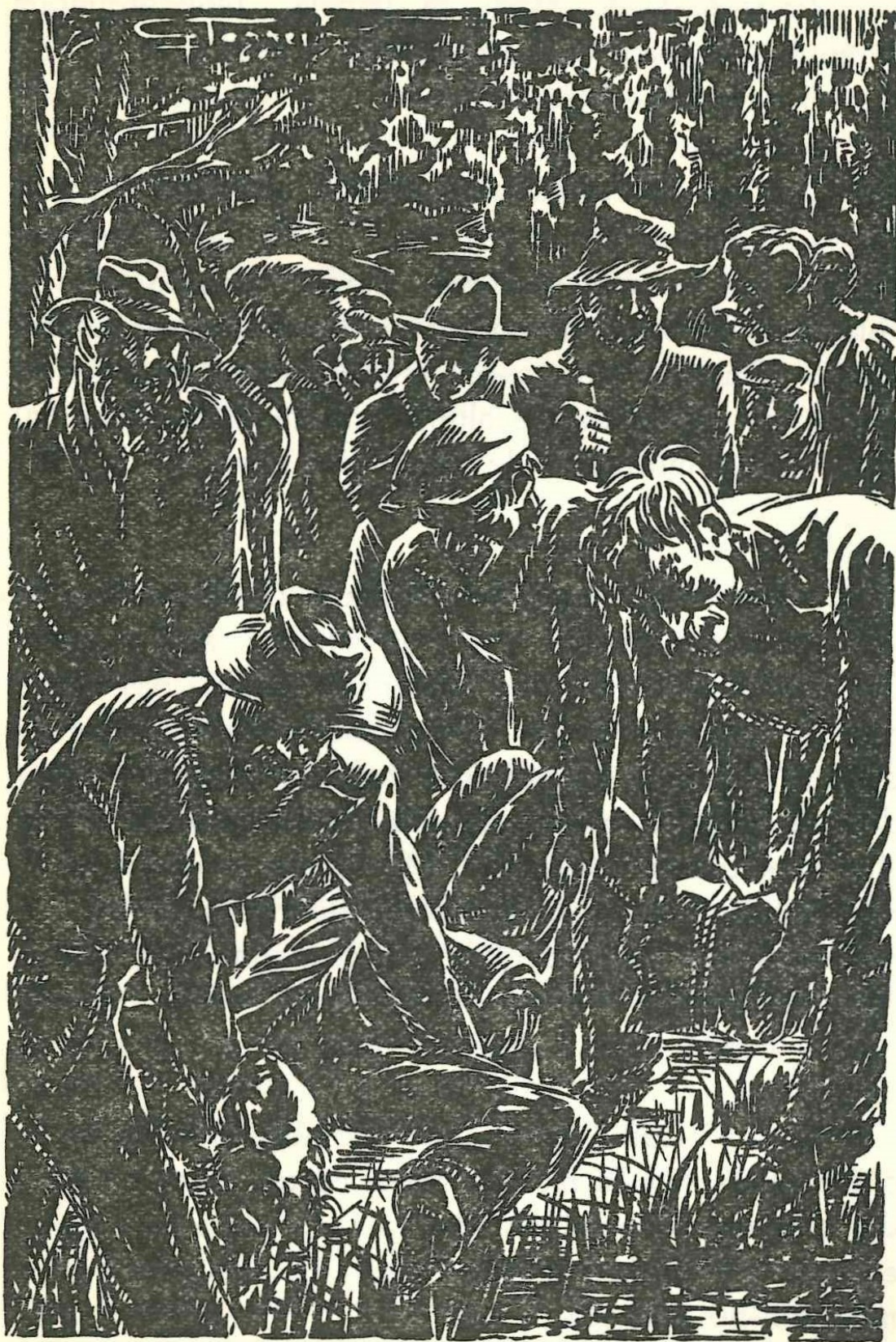
Com as rédeas da égua baia do infortunado postilhão, cingiram volumoso calhau, e ataram a outra ponta aos pés do Escorrega; prepararam-se para o arremessar à Lagoa.

No macabro cenário, o Mal-acabado meteu gracejo, quis fazer espírito:

— Ó padre! Reza aí um ofício a este alma do diabo!

O Carranho, a aparentar seriedade, que nunca teve, fez com a mão esquerda uma cruz no ar, e disse de troça, no roufenho cantochão, que ainda lhe andava na memória:

— «De profundis...» — que vá p'ró fundo!



...e ataram, a outra ponta, aos pés do Escorrega

Riram-se da desrespeitosa graça. Dois ergueram o ensanguentado cadáver, e um sobraçou a pedra; depois deram-lhe baloiço:

— Aí vai!

O corpo morto foi arremessado ao negro pego da Lagoa-Negra: «cachafundo! Paf!...» As águas abriram-se e logo se fecharam em abraço, levando para o abismo do olho-marinho o cadáver do inditoso e valente moço. Durante minutos os círculos concêntricos, formados na superfície, se alongaram em serenas ondulações, como murmúrio de rezas, por alma do defunto.

\*

— Vamos ao resto! — ordenou o chefe Labardeiro.

Abeiraram-se do corpo do Tirano: ainda pensaram escondê-lo num dos numerosos óculos das minas, que circundam a Lagoa, abertos pelos romanos, para lá de dois mil anos, na pesquisa do ouro ofirino, e virem, dois ou três, na noite seguinte, para o levarem, e dar-lhe sepultura no sagrado. Mas como passar o morto nos embarcadores, da Barca, ou de Fão, onde os barqueiros eram de «arreguila»? Mais uma vez a Leonor falou:

— Tende tento! Quereis levar os ossos à Costa de África?

Deram razão à espertelha. Como não havia corda, o Descalço, com a faca de mato, cortou alentada verga de salgueiro, que foi torcida, ao redor dum pedregulho e atada aos pés do morto: deram-lhe balanço e arremçaram-no à Lagoa.

Quedaram em silêncio: talvez algum forçasse uma lágrima de saudade; mais certo é que nenhum se lembrasse de lhe rezar um Padre-Nosso, pela alma. A crua vivandeira da malta, quebrou mais uma vez o silêncio:

—Vamo-nos! Ala! O diabo que lhe faça o ofício, e que reze por ele!

A égua baia, atingida pelos zagalotes, estrebuchava, nos últimos estertores: arrastaram-na para o cairel, e lançaram-na à água, ainda viva.

—Rapazes! Isto é serviço limpo!

\*

Os bandoleiros, ultimadas as «operações de limpeza», rasgaram os sacos e vasculharam as malas, à luz duma vela de sebo: lá estavam os quinhentos mil réis em dobrões, peças e moedas, e alguns centos de pintos e cruzados-novos. Os sacos violados e a correspondência, pensaram em lançá-los à água; porém, o Carranho, como mais sabido, alvitrou que se lançassem a uma das minas secas, e lá foram encontrados, mais tarde.

Os valores roubados foram confiados ao ex-padre, que era, desde há muito, o tesoureiro-repartidor, por ser o único que sabia escrever e contar, que «nem letrado de cartório lhe ia na dianteira...». Para mais, havia para repartir o grosso dos roubos de Corutelo, S. Julião e Ponte de Lima — bons três contos em ouro de lei...

Passava da meia-noite quando a cavalgada dos doze homens, com a Leonor à ilharga, montando a

mula do Correio, se pôs em marcha para o norte, divididos — uns pelo embarcador de Fão, outros pelo da Barca. Transposto o rio Neiva pelas planquetas dum açude, começou a dispersão. A partilha foi marcada para dois dias depois, lá para os lados de Balugães, na venda do António Alves — homem de confiança e futuro soldado daquela milícia de malfeitores.

Na noite de 20 de Março, depois do «toque d'almas», cerca das dez, os doze lá estavam, na locanda do Alves. A Leonor antecipara-se por ter a seu cargo a lauta ceia, pois era perita em culinária. Entretanto, e enquanto esperavam o repartidor, os malfeitores jogavam a bisca-de-nove, bebiam abonde, chaliceavam e saíam-se com picuinhas à vivandeira, que se fazia arisca para uns, e dengosa para outros... Predilecções...

As horas foram passando lentas e arrastadas; cerca das onze, a Leonor veio informar que o arroz de frango «estava no comer», e os anhos mais tostadinhos, do que S. Lourenço, na grelha...

— Temos de esperar pelo homem — disse mal humorado, o Labardeiro.

— Temos de esperar — disseram, por dizer, os outros.

— Já tarda! — rosnou o insofrido Clemente.

— Vem de longe: esperemos mais um cibo.

Cerca das onze e meia, a cozinheira voltou, mal disposta, a dizer que a comida se estragava, pela demora: «nem mais um negalho, se poderia esperar».

Estavam apreensivos: que significava o atraso do Carranho?

Concordaram em abancar à mesa, ir comendo e esperando.

— Esse alma de salamaganta não virá? — insistiu o Clemente.

— É meia-noite, não pode tardar.

Mas a meia-noite passou; passou mais uma, mais outra hora, e já os galos cucuritavam matinas, para os lados de Cossourado, sem que o homem do tesouro aparecesse. Os bandoleiros olhavam-se: via-se-lhes nos olhos chispas de furor, a que não era alheio o verdasco tinturão, do Alves. Que fazer?

Poderiam ter-lhe feito espera, e prendê-lo... Era ir ao encontro desse safadão, procurá-lo na toca, ou onde se encontrasse — mesmo no inferno...

Apreensiva, a Leonor disse:

— Ao céu é escusado ir! Os padres não vão para lá!...

— Nem nós! — disse, com cinismo, o Fome-negra.

Foi resolvido designar uns tantos, para ir à pesquisa. O impetuoso Clemente presidiria à patrulha, tendo como adjuntos o Graúngo e o Fome-negra.

— Racho de meio-a-meio esse excomungado, esse rei dos ladrões!

— É homem de latins! É mais sabido que nós... A esta hora longe vai ele, se bem andou!

Alta madrugada, o dia prestes a romper, os três rondavam a casa do Carranho. Tudo em sossego. Bateram, furiosos, à porta fronha. Veio, de dentro, uma voz:

— Lá vou! És tu, padre?

De fora responderam:

— Onde pára esse padre de mil diabos?

Acudiu o irmão, que veio abrir o portal:

— Não está com vocês? Vai por dois dias que não vem a casa. Cadulo?

— Ai o ladrão! Estamos roubados! — disse o Graúno.

— Juro pelas barbas de Satanás, que é mais uma morte às costas, para inteirar a dúzia! — barafustou o sanguinário Clemente. — Raios me partam, se eu não matar o raposo!...

\*

A essa hora, longe ia o Carranho!

Tão depressa chegou a casa, da sangueira da Lagoa-Negra, meteu, num saco de coiro, os quinhentos mil réis e o apurado nos roubos de Corutelo, S. Julião e Ponte de Lima — à beirinha de três contos, em ouro de lei.

Montou a cavalo e foi entrar na mala-posta, lá para os lados da Estela, a caminho do Porto. Ia embuçado no seu gabinardo de gola de texugo, e um lenço de mulher enrolado no pescoço, como se tratasse de pessoa enferma. Ninguém o conheceria... Ia a pensar no desapontamento dos colegas malteiros, quando dessem pelo logro: que diriam?

Demorou no Porto dois ou três dias, e seguiu na barca «Deus-Salvador», que levantava ferro para Lisboa.

## VIII

### Ladrão que rouba ladrão...

#### I

**E**HOVIA quando a barca — «Deus Salvador» levantou ferro, de alturas de Massarelos, em rota para Lisboa. Carranho, menos embuçado, que na viagem da malaposta, entrou no barco, sobraçando a sacola de coiro, preñhe de dobrões, moedas, soberanos, além de pintos e cruzados, prata de lei. Ia apreensivo por ser a primeira vez que viajava no mar: ouvira falar do enjoo, como mal, difícil de suportar.

Ao sair da barra notou a agitação das águas em revolta: a grande barca empinava-se, subia à cumeada das ondas amarelentas, para cair, de supetão, sobre rolos de água encristada de espuma. Começava a arrepende-se de não ter seguido viagem por terra, na mala-posta; mas a sua intenção era desnortear os com-

parsas da malta que forcejariam por descobri-lo, e, talvez a essa hora, andassem já pelo Porto, a farejá-lo.

A viagem foi-se fazendo com razoável felicidade; mas, por alturas de Aveiro, forte vendaval do sul impeliu a «Deus Salvador» para o mar largo, e para o norte. Começou a tormenta: o ex-padre, o padre ladrão, sentiu os primeiros sintomas do enjoo — um sofrimento horrível para a sua inexperiência de homem sobre as águas. Então, a relembrar o seu passado, começou o duplo tormento da alma enegrecida de pecado, e do corpo convulsionado, nas agonias do enjoo. Era um bandoleiro, um criminoso com mortes às costas, e a ideia do inferno, em que mal acreditava, subjuguou-o. Pôs-se a relembrar as suas rezas, já meio esquecidas, e a implorar a Misericórdia Divina... O salteador Carranho... rezava!

Na manhã do dia seguinte verificaram que estavam, mercê do desabrido vendaval, em frente da barra do Douro. Carranho suplicava que o deixassem em terra; mas o desembarque era impossível: a barra estava fechada e a ressaca alterosa, tremenda. Pairaram ao largo, durante todo o dia. A manhã seguinte apresentou-se mais calma, e os ventos mudaram: puderam seguir. Até alturas das Berlengas, a viagem não teve grandes incidentes; mas, de novo, os ventos mudaram: o mar agitou-se por forma aterradora, sobreveio furi-bunda trovoada, e um dos mastros partiu-se.

Carranho começou a suspeitar que tudo aquilo fossem desígnios da Providência, a mostrar ao bandido a negridão dos seus crimes; caiu de cama, mais morto

do que vivo, com o seu tesouro debaixo da cabeceira, à espera da morte certa; ou do naufrágio, que parecia inevitável.

Enfim, oito dias depois, desembarcava em Lisboa, quase moribundo.

## II

Na terra, a malta, após a magna reunião, no Monte de Carvoeiro, deliberou ir em perseguição do fugitivo: a sua cabeça foi posta a prémio. Todos queriam a honra de aprisionar, ou matar, o detestado camarada, que tão vilmente os escarnecera. O Labardeiro propôs que fosse escolhido um, à sorte. Para o sorteio amanhou um punhado de caruma seca, que cortou em diversos tamanhos: uniu as fagulheiras pelos bicos, baralhou-as, fez um feixezinho, cujos pés apertou na palma da mão, e voltando-se para os seus homens, assim falou:

— Rapazes! Todos nós servimos a mesma causa: vingar a afronta dum escárnio, que o ladrão nos fez! (Só o Carranho era ladrão...). Todos nós condenamos à morte o goliardo! Todos estamos obrigados a justicá-lo! Morra o padrelho!

Todos clamaram em uníssonos:

— Morra o traidor!

— Vamos às sortes, e que nenhum falhe! A fagulheira maior há-de dizer quem vai procurar e matar o ladrão: o crime do safadório, é de pena de morte!

— Vamos todos! — disseram em coro.

— Não pode ser: não temos arame para grandes despesas...

—Arranja-se! Vai-se procurar, onde o houver...

O Labardeiro atalhou:

—Falais bem... Onde amanhã-lo, assim, do pé p'rá mão? O compadre Zé do Telhado armou em homem sério, e pôs-se a proteger as casas mais ricas onde se poderia ir buscar fortuna. Deixem ver se o caçamos para cá. Os Gemeses têm muito «milho», mas ele protege-os. Aí para baixo há boas minas, isso há: o Pobilo é poço sem fundo, mas sem o Mazarefes não conseguiremos nada... Pensaremos nisso depois: vamos às sortes!

Logo dezoito mãos negras, cheirando ao sarrabulho das sangoeiras, se adiantaram para o Labardeiro: uma a uma foram desaparecendo as pontas da caruma; uma só ficou, na mão negra e peluda do distribuidor: era das maiores; seria ele o sorteado? Olharam-se: mediam, com a vista, a pequena haste da folha de pinho, que cada um exhibia, entre o polegar e o indicador. O Mira-gatos, que era vesgo, ergueu o braço, mostrou a sua fagulheira:

—Sou eu o escolhido!

No insofrido desejo de vingar a afronta, outras vozes rouquejaram: — «Eu! Eu!».

—Quero meças! — uivou o feroz Clemente, mostrando a sua gravulha.

O comandante da horda mediu, uma a uma, as aguilhotas: o Clemente era, de facto, o sorteado; e nenhum melhor do que ele, para aquela missão de extermínio vingador. Era um Clemente sem clemência...

\*

Conferenciaram largamente, botaram augúrios — «onde estaria, onde não estaria»... Era forçoso descobri-lo; mas... onde procurá-lo? Uns, supunham-no no Porto, cidade grande, de muita gente; outros, a caminho da Galiza. Seria procurar agulha em palheiro.

— De ontem para hoje, o melcatrefe não pode ir longe...

— Tem tempo de sobra para alcançar o Porto, ou terra galega...

— Pode estar bem perto...

Entreolhavam-se, à espera duma ideia que desse esperanças. O sorumbático Clemente, até ali calado, abanou a cabeça, dizendo:

— Deixem isso cá comigo. Vão para suas casas e juntem algum dinheiro: umas vinte ou trinta moedas, vão a ser precisas... Basto eu para desencantar o ganduleiro: hei-de apanhá-lo, ainda que seja no inferno! Vão-se...

E a debandada iniciou-se.

### III

Clemente e Labardeiro, sentado em reboludo pedregoso, ficaram-se, mudos e quedos, à espera que brotasse ideia, capaz de lhes iluminar o entendimento, na treva que se antojava. Deitavam pensamentos ao largo, divagavam, pesavam prós e contras. De longe em longe, saía um palavrão obsceno, a excomungar o intendente

fugido; ou um que outro monossílabo, por entre dentes cerrados:

— Gandula, filho de vaca!

E o outro:

— Ladrão! Judeu!

Estiveram assim muito tempo — abstractos, monossilabando, o pensamento ao largo, a acompanhar o foragido. Por fim, o Labardeiro lembrou a conveniência de ir ouvir os postilhões e aurigas da mala-posta, e terem um entendimento sério com o patrão Gregório. A carreira do Porto devia de estar de volta, no dia seguinte: iriam os dois a Viana.

Durou horas, a conferência, naquele deserto do Monte de Carvoeiro, entre os alicerces razantes da castreja citânia, há milénios desaparecida. Debandaram, também, mais descoroçados que esperançados.

\*

Dias depois, reuniram de novo, na locanda do Alves, em Balugães. O Labardeiro deu conta da sua entrevista com o Gregório e empregados; «não: o infiel não viajara na mala-posta». Era provável que estivesse escondido em qualquer terra grande; Braga, Porto... Foi resolvido destacar alguns para os povoados das cercanias e outros para a raia galega. Constava no povo ter aparecido um homem morto, na estrada velha do Porto: seria ele? Ricos vinte mil cruzados! Nunca mais os veriam!

Como em tempos falara na possibilidade de ir acabar seus dias ao Brasil, longe do teatro das suas loucuras, aventou-se essa hipótese. Mas o Luciano Pedras, a quem, por ter um braço mais curto chamavam «Maneta», declarou que tinha colhido informes, na barra de Viana e na do Porto: nenhum nome dos embarcados condizia. Começavam a desanimar. O Simão Torto rosnava:

— O Filho da porcalhota é homem de latins: nunca mais se saberá dele.

Só o persistente e sanguinário Clemente continuava na sua:

— Morto ou vivo, esse raio há-de aparecer!

#### IV

Entretanto, Carranho, em Lisboa, levava vida de grande senhor. O capitão da barca «Deus Salvador» indicara-lhe uma estalagem, junto à Ribeira, muito frequentada por gente do Norte, e pela marinhagem. Lá se apresentou, a convalescer. Mas tão depressa se julgou curado, tratou de procurar outro abrigo, no receio de que ali o viessem a descobrir.

No coração de Alfama encontrou o que procurava: a hospedaria de D. Fuínhas, na Travessa do Mata-porcos, que ostentava sobre a porta um letreiro chamariz: «Ao Bom Pitéu!». Caramba! Era sorte! Com o bolso recheado de dobrões, e apreciador de bons petiscos, como era, Carranho entrou, para examinar a casa e o ambiente: afigurou-se-lhe ser o que convinha. Sentou-

-se a uma mesa e pediu comida. Carago! Cozinha de truz! Fixou-se.

Achou bom disfarce adoptar um nome pomposo, èstribado em fidalguia: D. Diogo de Marros e Terceleiros — senhor de pingues terras na Beira, com ascendência em estirpe real, dum hipotético monarca leonês, que, mil anos antes, teria reinado... na sua imaginação.

Ora D. Fuínhas era galego, e hóspede de tão alta jerarquia, convinha ao seu negócio. Havia na locanda pequenos compartimentos, vedados com cortinas de chitelha: escolheu o mais aconchegado e isolado, nos confins da baiúca. Nos primeiros tempos comia sempre só; depois deu em familiarizar-se com marujos e rufias, que tocavam guitarra e cantavam o fado. O ex-padre gostava daquilo! Uns fadinhos chorados na guitarra, e gargalejados em dolentes cantigas, a lamuriar amores infelizes, excitavam-no, levavam-no para o sentimentalismo. Afeiçoara-se a uma rameira, que lhe fazia lembrar a Leonor, e tão generosa no amor mercenário, como ela. Agradava-lhe aquela vida de boémia reles; acamaradava com a ralé, pagava vinhos e petiscos, e dentro em pouco tinha conquistado três ou quatro amigos, que, à função de artistas do fado, juntavam predicados apreciáveis de brigões, valentaços e hábeis manejadores de navalha de ponta.

Assim preparou atrevida brigada de guarda-costas, de que, aliás, supunha não vir a precisar. Quem daria com ele, naquele dédalo de cangostas, ruinhas e ruelas, na escura Travessa do Mata-porcos? No entanto, no seu cubículo da «Ao Bom Pitéu», dava ceias opíparas



Deixara crescer espessa barba, à Zé do Telhado...  
Quem o reconheceria?

aos novos comparsas, que se iam afeiçoando. Deixara crescer espessa barba, à Zé do Telhado, a impor respeito e ares de chefe... Quem o reconheceria?

Embora a primavera lisboeta se adiantasse naquele ano, com calmarias de verão, nunca largava o seu gabiardeiro novo, com amplas algibeiras, que comprara num adeleiro. Em duas bolsas de coiro trazia, aconchegado, o tesouro da malta, que agora era seu, e uma moderna pistola, que adquiriu num armeiro da Baixa: homem prudente, precavia-se contra os ladrões do bairro, acautelava-se de aproximações duvidosas.

Nada sabia da família, nem a família sabia dele. Ia para três meses que se encontrava por Lisboa, e uma pontinha de saudade começava a inquietá-lo. Que pensaria a octogenária mãe e o insofrido irmão? Que andeiras voltas teria dado a malta para o descobrir? Resolveu-se a escrever para a terra, a dizer de si e a solicitar novas. A resposta deveria vir para o nome bombástico que adoptara, por segurança, como sendo dum fidalgo, seu amigo dedicado.

E a carta lá foi para a mala-posta, rumo ao Norte!

Quantas vezes, na hora incerta, os prudentes se esbarram na curva do caminho, com a imprudência, armada com a vara da justiça?

## V

O tempo ia correndo e nada se sabia do paradeiro do infiel repartidor dos roubos da malta de bandoleiros. E como a família também ignorava o seu paradeiro, a ideia da fuga para o Brasil, persistia.

— Vou ao Brasil! Vou ao inferno matar esse maldito! — barafustava Clemente.

Corria já o mês de S. João, sem ter sido possível descortinar o mistério do esconderijo.

Entre o Labardeiro e o patrão Gregório, tinha havido entendimento para, dado o caso de aparecer no correio, carta dirigida à família do Carranho, lhe ser entregue. Ora um dia — Junho adiantado — o Gregório das Neves fez entrega duma carta ao Labardeiro, vinda na mala de Lisboa, dirigida ao Gonçalo Carranho. Bem conhecia o das Neves as intenções do seu almoceve de confiança... A livrar a consciência de embaraços, sempre lhe disse, assim a modos de autoritário:

— Ouves? Isso que não deixe de ser entregue, hem! Entendido?

— Patrão manda, criado obedece!

Nesse mesmo dia, já noite velha, reunido certo número dos homens do bando, a carta foi violada e lida pelo vendeiro Alves, que deletreava qualquer coisa em «letra de escritura». Lá estavam as preciosas indicações, para desencantar aquele finório ladrão de ladrões, há tanto tempo procurado! Contava ao irmão que se vira obrigado a fugir, à sanha rancorosa da malta, que deliberara matá-lo por suspeita de ele a ter denunciado às justiças de Viana... (Mentira, é claro! Nem o Carranho era capaz disso!). E que a sua intenção era embarcar para o Brasil, mas... temia o mar! Quanto aos da malta, dizia: «Estão longe de me pôr a vista em riba...» E terminava por informar que não tinha morada certa, mas que escrevessem para o seu amigo

D. Diogo de Marros e Terceleiros, que morava na estalagem «Ao Bom Pitéu», na Travessa do Mata-porcos, no Bairro de Alfama... Os dois eram unha com carne... Que escrevessem: tudo lhe iria parar às mãos...

\*

A maltaria rejubilou! Mais que todos pulou de satisfação o sorumbático Clemente — o repulsivo sanguinário, a quem se atribuíam seis ou sete homicídios, e parecia trazer estampado no rosto o tenebroso rol dos seus crimes. Iria a Lisboa: seria, mais uma vez, matador... Que importava isso, a quem não tinha fé, nem crenças? Carranho morreria nas suas mãos...

Para celebrar o acontecimento, e combinar «as coisas», naquela noite de sorte grande, a vivandeira Leonor pôs à prova os seus conhecimentos de culinária regional, com frangos e galinhas dos poleiros da vizinhança. Foi um regabofe!

Comendo e bebendo foi-se delineando o plano: forjar-se-ia uma carta para o amigo do «pilho», e, pela linha, se iria ao novelo. Faziam recomendações ao Clemente, instigavam-no a fazer serviço limpo: entregar a carta e seguir o sujeito até ao covil do «ladão»...

— Só cá apareço com a cabeça do padreca, dentro dum saco! E o que restar do nosso rico dinheirame! Olaré!

\*

Dois dias depois, o delegado da quadrilha, com poderes de executor, tomava lugar na mala-posta, a caminho da capital do reino, que ele ansiava conhecer, a despeito da ateadada guerra, de irmãos contra irmãos, que por lá andava. Para os seus fins, esse ambiente guerreiro convinha. Com a bolsa recheada de dobrões, pintos e cruzados-novos; duas pistolas de canos de metal, das de segurança; e o afiado navalhão de palmo, à cautela, o bandoleiro ia seguro da sua missão.

— Dentro de quinze ou vinte dias, tendes cá, para um sarrabulho, a cabeça do goliardo roubador! O filho da iskra vai saber quem é o Clemente...

Lá foi! Porém, o estado de guerra tornara morosa e cheia de perigos a viagem: houve desvios, com paragens prolongadas, e só dez ou doze dias depois chegou a Lisboa.

Lapuz da aldeia minúscula, a tumultuosa e movimentada vida da capital e o efervescente estado de guerra, estontearam-no. Viu tropas e milícias por todos os lados, ouviu os sons guerreiros de cornetas e tambores... Pela primeira vez, na vida, sentiu-se ame-drontado, diminuído de forças e coragem: onde iam as suas fanfarronadas?

Quando chegou era quase noite — uma noite luarenta dos fins de Junho. Procurou orientar-se, saber onde ficava Alfama, dar com a hospedaria, descobrir o covil do jagodes... Perdeu-se no labirinto das tortuosas ruas do bairro. Boçalmente, perguntava «onde

morava D. Diogo»; ninguém sabia; que gente aquela, que nem os vizinhos conhecia! Por fim, um transeunte apontou-lhe a locanda de D. Fuínhas, e entrou no «Ao Bom Pitéu». Tudo repleto de comensais, quase todos da tropa; mau preságio para os seus desígnios... Inquiriu dum criado se ali se encontrava o senhor D. Diogo.

— «'Stá cenando» — disse o mocinho galego, apontando o compartimento ao fundo.

Naquela noite, vésperas do festejado S. Pedro, Carranho banqueteara-se com ceia muito da sua predilecção; aparatoso salmonete, grelhado a preceito, rodeado de fresca salsa e carregado no limão; após, o que, devorara um frango assado, recheado de cheiroso picado; — tudo abundantemente regado com cartaxinho esquentador. Tratava-se bem... Arrotava de fartura, ao levantar-se, para envergar o gabinardo — seu cofre e depósito de armamento — e sair, quando a cortina ondulou, e foi afastada. Como estava de costas, supôs que eram os seus amigos fadistas, que chegavam:

— Entrem! entrem!

Quando se voltou, caiu-lhe o coração aos pés: tinha diante de si o feroz Clemente, com uma carta na mão, e que perguntava, respeitoso, se era o senhor D. Diogo...

A fraca luz do azeite, mal alumiaava; e a barba cerrada, do ex-padre, modificava-lhe a fisionomia. Como sair da crítica situação? Poderia disfarçar a voz, meter a cara no embuço, receber a carta e desaparecer... Podia, todavia era arriscado. Mas Carranho era arguto

e de rápido expediente: veio-lhe à ideia de se mostrar contrito:

— Ainda bem que vieste, ó Clemente!

O quadrilheiro ficou assarapantado, arriguiou os olhos, pôs a mão em pala! O quê? D. Diogo era o celerado do padre? Meteu a mão ao bolso e apontou-lhe a pistola:

— Ladrão! — disse a meia voz.

— Cala-te! Não pies! Estou arrependido do que fiz: o que lá vai, lá vai.

— Que fizeste ao nosso dinheiro, filho do diabo?

— Está a ouvir-te. Senta-te e come.

— Não cómo; bota para cá o que roubaste!

— Já era roubado... Serena; senta-te e nada de tolarias; está a casa cheia de tropa... Aqui não é aldeia: é diferente. Senta-te: vamos conversar.

Carranho alapou-se no banco, já com o capote vestido, e indicou o mocho em frente:

— Sentas-te ou não?

Clemente obedeceu, e tirou do bolso duas pistolas, que pousou sobre a mesa:

— A tua vida está dentro destas cachiférras! Ou apresentas aqui — e já — o roubo, ou vais parar a casa do diabo! Mato-te como quem mata um cão! Quem tem sete mortes às costas, aguenta mais uma...

— Serena-te, homem! Vamos combinar as coisas.

— Bota para cá a bolsa, ladrão!

Com estas delongas, o finório «homem dos latins», pretendia ganhar tempo, até que chegassem os seus novos amigos, tão destemidos e decididos, como o

Clemente. Demoravam mais, que em outros dias. Olhou as duas pistolas: que fazer? Aquele diabo era tolo e bem capaz de o alvejar. Enquanto uma ideia salvadora não chegava, foi dizendo, a ganhar tempo:

— Já te disse que estou arrependido: quero ir contigo para a terra e entregar o arame aos companheiros.

— É a mim que tens de o entregar: onde está ele?

Carranho meteu a mão nas profundidades da algibeira e tirou um saquitol que pousou sobre a mesa:

— Aí o tens!

O bandoleiro tomou-lhe o peso, olhou-o de sobre-cenho franzido:

— Não está todo! O resto, cadulo?

— Não tenho mais...

Pôs-lhe a pistola ao peito:

— Aqui o resto do bagulho! A tua vida está nos canos das garruchas...

O outro temeu que o celerado fosse para a violência e pousou a outra sacola na mesa:

— Pronto: vamos a dividir, exijo o meu quinhão...

Rapidamente e imprudentemente o emissário do Labardeiro, pousou a pistola junto da outra e, sôfrego, meteu os dois sacos aos bolsos. Num abrir e fechar de olhos, Carranho apoderou-se das armas e encafuou-as nas algibeiras, — agora « cofre » esvaziado!

— Que fazes, gajola?

— É do contrato! Não disseste que estava a minha vida dentro delas? Dei o que tinha para comprar a minha vida... É um negócio como outro qualquer... O dinheiro é teu; as pistolas são minhas...

O quadrilheiro, mais vigoroso e audaz, ainda pensou arrancar-lhas à violência, mas receou: a casa estava cheia de gente da guerra, que o prenderia e o atiraria para a costa de África: naquela terra e com tal gente, não se entendia bem... Levantou-se, e, com forçado gracejo, disse:

— Bem diz o Simão Torto: és homem de latins! Que o diabo carregue contigo! E não fica rico!...

E saiu, acotovelando outros, que entravam...

## VI

La contente, que nem cuca, ao largar os ovos em ninho de chasca! Fora herói no meio de tanta tropa e gente desconhecida: as prosápias de valentação confirmavam-se, perante a confradia do Labardeiro. As sacolas deviam de estar minguadas; mas salvara, ainda, a maior parte do tesouro da quadrilha. Tinha direito ao terço prometido, como pagamento do trabalho, e galardão da sua audácia e temeridade, no perigoso beco, em que se metera. As garruchas... Que importava lá, o raio das pistolas!... Compraria outras, num armeiro da cidade, para a viagem, e para as «necessidades» do... ofício.

Saiu radiante, as mãos a aconchegar os rotundos saquitéis, não lhos fossem roubar aqueles figuros da tropa, que comiam à tripa-forra, e altercavam, a discutir coisas da guerra civil. Sim: saiu tão apressado do compartimento da bodega de D. Fuínhas, que mal reparara nos súcios, que acotevelara: eram os novos amigos do «fidalgo beirão» em que se desdobrava o Carranho...

— Boa noite, D. Diogo! Teve visita, hem!

Repararam no seu abatimento e palidez:

— Está doente?

Carranho levantou-se, e gritou-lhes apontando o homem, que saía:

— Acabo de ser roubado! Esse bandido é o capitão duma quadrilha de ladrões, lá dos meus sítios... Dez dobrões de ouro a quem o matar: levou-me tudo quanto tinha. Dou dez dobrões...

— Às ordens!

— Persigam-no: ele não tem armas: consegui tirar-lhe estas duas pistolas. Vocês são valentes: ele é um covarde assassino...

— A ele, Zé Crispim?

— A ele, e é já!...

E os três precipitaram-se para a ruela do Mata-porcos, em perseguição do vulto que negrejava, adiante, na semi-obscuridade da tortuosa andurrinha.

Um dos rufiões disse, a meia voz, para o outro:

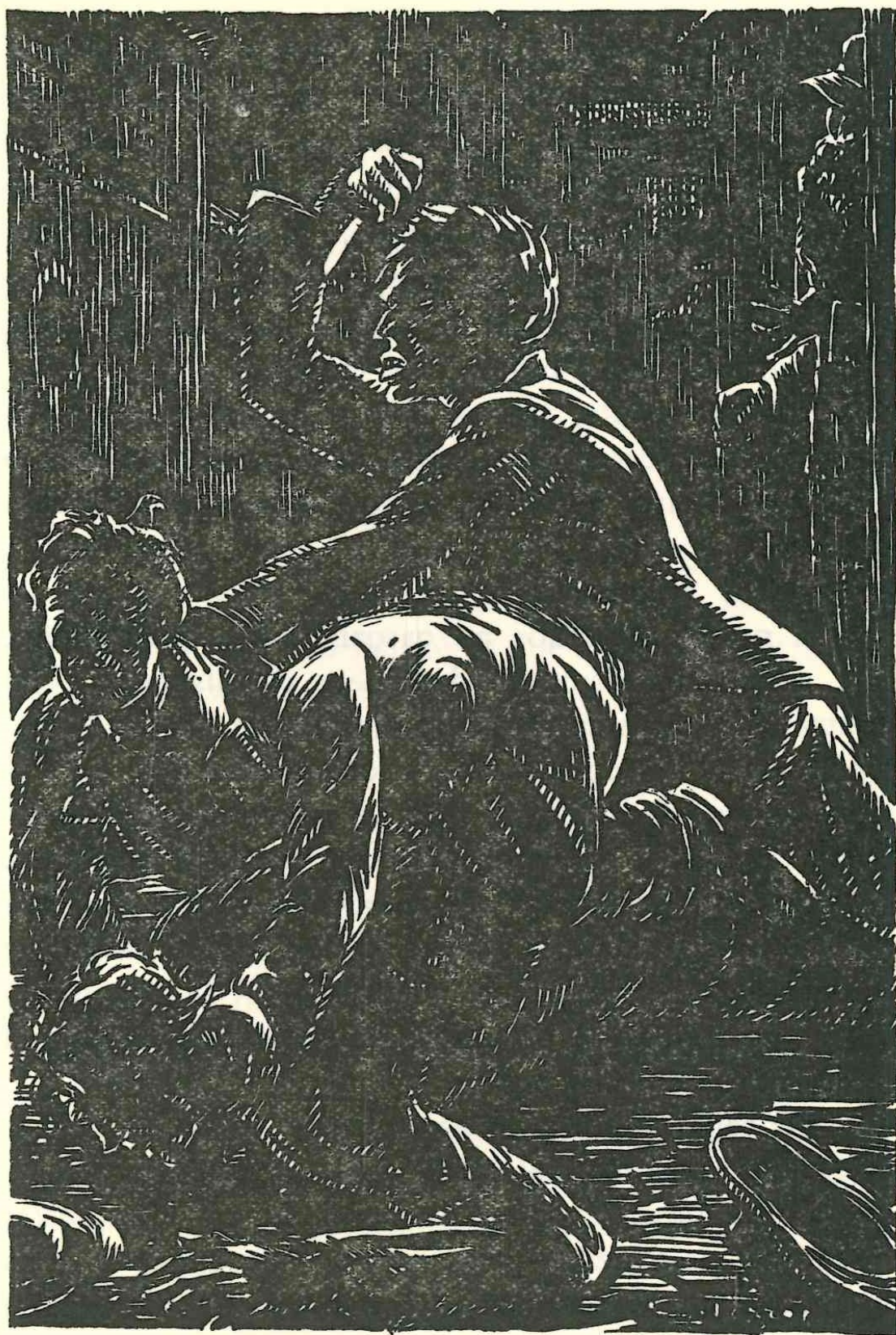
— Serviço limpo, hem!

— Serviço acabado!

Estavam já a gozar o calor confortativo dos dez dobrões de D. João V...

\*

Na curva da travessa, ao embocar na rua, Clemente ficou indeciso, de tramontana perdida. Queria atingir a Ribeira, e entranhava-se nos meandros do Bairro, em sentido contrário. Parou a tomar tento: para a direita?



...um grito estertoroso;  
- Ail que me mataram!...

ou para a esquerda? Adiante, à esquina, frouxa luzerna de azeite alumiaava uma imagem. Sentiu passos apressados: e um homem, talvez um ébrio, ao passar por ele, meteu-lhe a perna e deu-lhe valente cabeçada, que o fez cambalear, contra a parede. Soltou uma praga:

— Rai's te partam! E precipitou-se sobre o transeunte: engalfinharam-se e rebolaram pela calçada. O provocador era o faquista Zé Crispim.

Prudentemente, passos atrás, Carranho acolheu-se ao vão dum portal; e o outro rufia correu em auxílio do companheiro, que o vigoroso Clemente tinha quase subjugado.

— Eh! valentaço!

E passou as mãos ao gasganete do quadrilheiro, que soltou um urro, no desespero da dispneia. Um contra dois, tão sicários como ele, era de mais. No silêncio da noite, ouvia-se o resfolegar dos três, enovelados numa massa negra, que se rebojava e contorcia. Saíam pragas e obscenidades, em rugidos abafados.

Do vão do portal, Carranho cocava, na angústia de ver os seus amigos vencidos, pela sabida valentia e ferocidade do famigerado quadrilheiro. O capote do Clemente tolhia-lhe os movimentos; mas, ainda assim lutava como um possesso.

De repente um grito estertoroso:

— Ai! que me mataram!

O perigoso Crispim, de navalhão em riste, esfaqueava-o, pelo peito, pelas costas, pela garganta, pela barriga, enquanto o outro o segurava. O valente caiu exangue — uma mão a comprimir os intestinos, que

desbordavam dos golpes, e a outra ainda a proteger os sacos do dinheiro. Já não gritava; saíam-lhe pela garganta rasgada, uns rugidos guturais. Do vão, do portal, saiu o covarde Carranho, que se encavalitou sobre o quadrilheiro semi-morto, na ânsia de arrebatá-lo: a mão enclavinhada apertava um dos sacos, e foi com esforço que a subtraiu. Ouviu-se num gemido rancoroso:

— La... drão...

Carranho, cínico, acrescentou:

— ...que rouba ladrão!...

E esgueirou-se, os outros atrás dele, para os lados da Ribeira: e ali, à luz do luar, que descia, lhes pagou o trabalho — «serviço limpo» — que o tornava outra vez, senhor do tesouro da malta.

\*

Mas os gritos do Clemente e o reboliço, foram ouvidos: abriram-se as gelosias, e acudiu gente das tabernas das proximidades: o ferido, moribundo, foi levado ao Hospital de S. José, onde permaneceu cerca de três meses — tal era a gravidade dos muitos ferimentos recebidos. Como os gatos de sete fôlegos, Clemente, que se chegou a julgar morto — reviveu. Esteve às portas da morte, por mais de uma vez, mercê das dez facadas, com que os rufiões, a soldo do Carranho, o castigaram. Resistia com coragem aos dolorosos tratamentos; mas a vergonha de se ver vencido,

e de não poder cumprir a sua palavra, torturava-o mais que as feridas.

Que pensariam dele, os companheiros e a família? andava-lhe no pensamento a ideia de ainda poder matar o ex-padre, — «o maior dos ladrões». Havia de o procurar, logo que tivesse alta, esquartejá-lo, pô-lo em postas... Bandido! E vinha-lhe à lembrança o estribilho jocoso do Torto:

*«Diabo leve p'ros confins!  
Homem de latins,  
E mula que faz hins.»*

## VII

Na terra, a quadrilha dos bandoleiros, reunida, por várias vezes, discutia a longa demora do emissário. Alguns acreditavam-no entendido com o Carranho — o gordo pecúlio repartido entre os dois: era outro que tal! Certos deles, porém, — o Labardeiro à frente — tinham o companheiro na conta de pessoa digna e incapaz de tal vilania. Não podia ser! Clemente era esteio firme, entre a comparsaria. Teria morrido?

Um mês passou, e já outro ia adiantado, quando chegaram notícias do malogrado «executor da justiça» — longa carta a relatar o que se passara: «encontrara o grande marau, e apossara-se do ouro roubado; mas o bandido do padre arregimentara um bando de faquistas, que, à traição, lhe encheram o corpo de facadas, o deixaram por morto, e roubaram...». Terminava por

aconselhar, que outros se deslocassem a Lisboa, para vingarem, e ajudarem a vindimar o ladrão.

A coisa foi maduramente ponderada: iriam? não iriam? Entretanto, alguns dos quadrilheiros eram apanhados nas malhas da justiça; e outros andavam foragidos, pelos montes das cercanias. Tudo lhes corria mal. Atribuíam o malefício, ao facto de terem admitido no seio da carava, um padre excomungado!

\*

Adiante, pelas vindimas, as colheitas do S. Miguel, no auge — Clemente, magro, esquelético, as hisurtas barbas a embranquecer, apareceu na terra, encolhido, corrido de vergonha, sem honra, sem dinheiro, sem pistolas... e com o corpo encosturado de facadas. Vestia uma andaina de sorrebeco, que lhe deram no Hospital: no saco destinado a transportar a cabeça do Carranho, trazia as roupas ensanguentadas e golpeadas, pelas afiadas e certeiras naifas do Crispim e do sócio.

Voltara-se o feitiço contra o feiticeiro: fora o diabo tendeiro, a manobrar os pauzinhos... Não cumprira a palavra dada: sentia-se desonrado.

Alquebrado, cada vez mais sorumbático, supunha-se ridicularizado pelos companheiros, que escarneceriam de suas prosápias, de garganteador de valentias. Já não era o mesmo homem: era outro bem diferente, a merecer compaixão.

De quando em vez, o mordaz João Simão Torto, atirava-lhe o seu estribilho:

—Que te dizia eu?—Diabo leve p'ros confins, homem de latins, e mula que faz hins...

E o Clemente, num sorriso de desânimo:

—P'ros confins me levou o diabo...

\*

A malta dispersada e minguada, voltou a congregarse, e a actuar com novos elementos, a substituir os que penavam pelas cadeias. Clemente, a despeito do seu pouco vigor, anaipou. Um ano depois, restaurado de forças, voltou-lhe a ferocidade e pretendia, ainda tirar desforço do galfarro que o pusera às portas da morte. Mas... Onde estaria ele?

\*

Carranho não se julgou seguro na estalagem, «Ao Bom Pitéu»: no dia seguinte ao da aventura sanguinolenta, da Travessa do Mata-porcos, pretextando retirada para a terra, pagou a sua conta e despediu-se. Foi procurar poiso para o Bairro Alto, longe dali, calculando que a malta o não deixaria em sossego.

Pensou de novo, na fuga para o Brasil: tinha que ser. Força maior o obrigava a perder o medo ao mar. E, um mês depois, encorajado pela necessidade de salvar a pele, embarcava, a caminho do Rio de Janeiro.

Nunca mais se soube do seu paradeiro, a despeito de ter constado, que morrera às mãos dum capanga, uns meses depois de lá ter chegado.

\*

Escreve Deus direito por linhas tortas, e, bastas vezes dita sábias, sentenças, que os homens — bons, ou vis — se encarregam de executar.

O padre desgarrado da austera disciplina da Igreja, por complexo de inferioridade moral — o padre excomungado, que se metamorfoseou em regatão trafulha, magarefe esquartejador de carnes, ladravaz e celerado quadrilheiro — não podia esperar outro fim.

A quadrilha de malfeitores, findas as lutas liberais, apaziguados os ânimos e melhorada a administração política — viu-se perseguida e, grande parte, aprisionada. Aqueles, cujos crimes de morte se provaram, foram morrer ao degredo, e alguns enforcados. Era de esperar que a pena de Talião lhes fosse imposta.

Escreve Deus direito, por linhas tortas...



## IX

### Antoninho dos Enforcados

#### I—A MORTE DO SARAIVA

**P**ARA lá de um quarto de século — talvez por 929, ou 930 — fui a Viana, tratar de qualquer assunto, que, no momento, me interessava.

Havia, no Largo das Almas, perto do Mercado, um restaurante de certa nomeada, pela excelência da sua cozinha: a estalagem dos Parentes, já minha conhecida, por ser a preferida da gente de Esposende. E fui lá almoçar.

Quando saí — e naturalmente por já ter tratado do assunto, que me levara à ridente cidade do Lima — pus-me a contemplar a velha e típica igrejinha das Almas, cujo adro, noutros tempos, fora cemitério, de boa parte do burgo.

Chamou-me a atenção, o facto, de uma mulher do povo, que trazia uma grande almotolia, e um ramo de camélias vermelhas, ter espalhado as flores sobre uma campa de granito, que simulava um ataúde, suspenso sobre quatro esferas de pedra.

Havia na cabeceira dessa sepultura, uma haste de ferro, de onde pendia uma lanterna acesa, cuja «bugia», a mulher espevitou, e encheu de azeite. Que queria dizer aquilo? Por certo algum remoto parente... que tinha a dita de ser recordado!

Acerquei-me, e pus-me a contemplar o singelo moimento, já muito sujo de cera derramada, e das gorduras do azeite. Sabia-se que, há muitas dezenas de anos, ali se não faziam enterramentos: era, pois, de admirar, a devoção da criatura, e a longevidade de persistente saudade, por um morto, há muitos decénios desaparecido.

Perguntei à mulher, de quem era, sepultura tão venerada.

— Um corpo-santo, senhor, que aqui repousa, vai a caminho de um século!

— Corpo-santo? De quem?

— Dum inocente, que os malvados da justiça enforcaram, no Terreiro do Pelourinho... O Antoninho Inocente, meu senhor...

E a boa da mulher, desembaraçada de língua, durante muito tempo narrou-me a história e tormentos, de um pobre moço, falsamente acusado de ter morto um homem, na encruzilhada do Faro de Anha, e que penara na forca, o crime que outros, poderosos e bem

protegidos, tinham praticado. Andara, naquilo tudo — jogo e ladrões.

— Justiçaram um inocente! Mas Nosso Senhor tem-no no Céu, à sua Mão Direita: está santo, e muitos milagres tem feito! Debaixo desta pedra, o corpo dele está inteirinho, como quando o deram à terra!

Estava a interessar-me a circunstanciada narração. A mulher continuou:

— A muita gente, que se apega com ele, tem feito milagres: é um santinho, por quem há muita devoção, aqui na cidade e ao longe!

E, por ali fora, narrou longa enfiada de milagres, ocorridos em terra e no mar: uma moça, dada por morta, que reviveu, e ainda durou muitos anos; um rapazinho, já a caminho do cemitério, que ressuscitara, e morrera de velhice; um naufrágio, numa noite de tormenta, lá longe, no profundo, e todos se haviam salvado, pela devoção que tinham ao Santo Enforcado...

— Apegaram-se com ele, já o batel virado, — «Valha-nos, aqui, Sant'Antoninho dos Enforcados!» — E Ele apareceu-lhes, no meio das ondas, grandes como montes, e trouxe-os todos a salvamento! E eram dez homens!... Dez vidas, que se perdiam...

A panegirista continuou a inumerar milagres, e rematou:

— Tão santo é, que perdoou, aos que o mataram: um da justiça, que à hora da morte, se apegou com ele — salvou-se! A alma do Enforcado veio do Céu à terra e levou a alma do acusador, até ao Seio do Senhor...

No meu canhenho, de então, está escrita esta singela nota: — «No adro das Almas, em Viana, está um corpo-santo incorrupto, dum homem enforcado, há cem anos, que, dizem, estava inocente. Informe duma mulher da ribeira vianesa, que zela a campa do Enforcado, a que dão o nome de Antoninho.»

Quem era o justicado? O caso não me interessou, de maior. Até que um dia, há cerca de dez ou doze anos, o meu amigo Veloso Saraiva, da Apúlia, me contou o episódio, da morte violenta de seu trisavô, João Pereira Saraiva, — «morto, por engano, no Faro de Anha, por uma malta de ladrões».

Liguei logo o caso à quadrilha do Labardeiro e ao «corpo-santo», do Adro das Almas, de Viana. E dos apontamentos que colhi, resultou o que segue, acostando-me aos factos — tal qual me foram narrados.

O João Saraiva — o mais opulento lavrador da Apúlia, senhor de pingues terras, pelas agras da campina apuliana, e alongadas tomadias de mato e pinheiral, pelos fieiros — vendia, habitualmente, os seus gados «à porta», mas procurava abastecer-se nas feiras lonjanas, de mais nomeada, onde aparecia «gado galante», e de «saída».

E assim era certo, nas grandes feiras de S. Miguel, em Basto, no S. Martinho de Penafiel e, em especial, nas de Vila Nova de Cerveira, onde aparecia gado de bom preço — vindo da Galiza.

Mas nem sempre vendia à porta; quando adregava, e tinha informação de subida de preços, em determinada feira, mandava os seus gados, e dos criadores

«ganheiros», avançar para a feira. Foi o que sucedeu, no dia 15 ou 16 de Janeiro de 1836 — com vésperas, para os animais se não mostrarem fatigados — ordenando, aos seus ganadeiros, que avançassem com três juntas de bois, para Vila Nova de Cerveira, por saber, pelo compadre de Nabais, que os regatões galegos pagavam o gado, por mais uns quartinhos.

E no dia 17, véspera da feira, o Saraiva, acompanhado do compadre Joaquim Moninhas — homem de posses, que cambiava dinheiro, na raia galega — tomaram rumo ao Norte, caminho da feira.

O velho Saraiva montava uma égua preta, um tanto arisca; Moninhas, um cavalo branco, mansarrão. Feita a venda dos gados, meteram-se a caminho de Viana, onde chegaram sobre tarde, horas adiantadas da noite. Comeram numa estalagem de nomeada, onde a mesa era farta e o vinho de Serreleis tinha fama de agulhento.

O Moninhas, por suas artes de troquilhas de dinheiros, era muito conhecido de feireiros e regatões. E a quadrilha do Labardeiro, também o conhecia...

Quando ceavam, apareceu na locanda, um conhecido do cambista, que, a meia voz, o preveniu, de que «os da malta lhe espiavam as passadas». E acrescentara:

— Acautele-se! Quem me avisa, meu amigo é! Não são só os ladrões, que o vigiam: certas figuras da batota, andam de gorra com eles! E se bem mirasse, via-os, ao redor de si, em Cerveira...

— Não vi nada! E homem prevenido vale por dois... Deixei por lá tudo: pouco dinheiro tenho comigo...

Era finório: mentia, por desconfiar da lealdade do amigo, pois tinha o cinto recheado de ouro. Agradeceu o aviso e pôs-se a meditar: já por duas vezes se sentira perseguido, mas trocara as voltas e escapara; ainda não seria daquela vez. Recordou-se que tinha necessidade de estar cedo, no dia seguinte, em Vila do Conde, onde havia feira; e que o compadre estava com pressa de chegar a casa, durante a noite: era testarudo, mas ia convencê-lo:

— Compadre! É melhor ficarmos aqui, e seguir jornada, cedinho, na madrugada, antes de diar: se o sol nos aparecer, lá p'ró Neiva, ou S. Paio, — vamos a tempo.

— Na... Se fôssemos já, pouco depois da meia noite, estávamos em casa! O compadre dormia lá...

— Sujeitamo-nos ao perigo: esses caminhos de Cristo andam inçados de ladrões — podemos ter maus encontros; o compadre leva muito dinheiro, e eu também levo algum... Ladrões não faltam...

O velho Saraiva ainda opôs objecções, mas acabaram por combinar, sair na madrugada. Era Janeiro: a noite estava molinhosa, com chuviscos e aguaceiros; escuro como breu. Arrearam os animais, e meteram à ponte de pau.

O opulento lavrador, já velhote, ouvia mal, e, por isso não atentou na conversa dos dois amigos. Moninhas conjecturou, que o esperariam, lá para os lados de Darque, seu trilho habitual, ou na Cruz-dos-Caminhos — até à meia noite, ou pouco depois. Com

uma noite assim, quem se sujeitaria a prolongada espera? Não contava com a persistência dos ladrões...

Atravessada a ponte, com os animais à mão, Moninhas, que tinha a sua ferrada, ia pensando que o seu cavalo branco era uma denúncia para os ladrões, e um perigo para a sua vida. Ocorreu-lhe, então, um estratagema:

— Compadre! A noite está de surrasco: não se vê um palmo adiante do nariz! Vamos meter ao Faro; — mau caminho, mas seguro. A sua burra é vivória, e tropeçona: pode-o botar abaixo. É melhor montar no meu cavalo, que é boaz e fiel... Eu, que sou mais moço, posso com o génio da «Mulata», e sopeio-a, se arrebitar as orelhas...

E trocaram as montadas! O maroto do cambista, sabia levar a água ao seu moinho...

E Saraiva, no cavalo branco boaz, como quem diz — mansarrão, e o desleal Moninhas na assustadiça égua preta — subiram o Faro de Anha.

\*

Pouco depois do «toque d'almas», cerca das 9 da noite, de 17 para 18 de Janeiro de 1836, dúzia e meia de homens estava reunida, na Cruz-dos-Caminhos, cerca de Mazarefes, na venda do Samessuga, que «era da manada».

Como havia três «passadoiros», de Viana para o Sul, foi resolvido dividirem-se em três grupos, e seguir cada um, para seu posto.

Havia no caravançarelho do Samessuga, uns tantos de cara tapada com lenços, que nem todos conheciam. O Galhofas, que com eles conferenciava, esclareceu, — «que eram novos companheiros...». A verdade é que eram postulantes, — os tais insignes batoteiros, os meninos bonitos, que se iniciavam na «arte de furtar»...

Um dos grupos, capitaneado pelo Goelas, ficou à Cruz-dos-Caminhos; o segundo, dirigido pelo Galhofas, com parte dos mascarados, foi postar-se na encruzilhada, junto das Alminhas Velhas, no alto do Faro; e o último, do comando do Labardeiro, tomou posição num caminho esconso e sombrio, mas por onde o cambista lhes poderia fugir: seria talvez a mais certa das passagens...

Sim: por que a espera não era para o Saraiva, que eles nem sequer conheciam, mas para o Moninhas, sempre portador de grandes quantias, em ouro e prata; era a terceira espera, que lhe faziam. Não escaparia desta...

Os vigias assistiram a grande parte das transacções, realizadas em Cerveira, que foram vultuosas; mas não atentaram no velhote, que andava por outros lados, a tratar da venda das três juntas, e da compra de uns touros galegos, que lhe agradaram.

Cerca das 10 horas, daquela noite molinhenta e escura, um mascarado, a toda a brida, chegou com informes: — «O homem estava na estalagem do Bento Chanisca, a cear com um velhote: a demora não deveria ser grande, pois percebera, que estava com pressa de



— P'ra onde vai o amigo?  
— P'ró serão, acotiar as moças...

chegar a casa... Viriam só dois, e, por certo, mal armados».

O Labardeiro comandou, com o seu gesto de brutamontes:

— Tudo a seus postos! Mirar ao do cavalo branco!  
O velho não trará fartura!  
E debandaram.

\*

Quando o grupo do Galhofas se encaminhava, por ínvios caminhos, para o local que lhe designaram, encontrou, numa cangosta, nos cimos de Anha, um moço que, apoiado ao seu varapau, seguia de jornada.

— Páre! — intimou um — P'ra onde vai o amigo?

— P'ró serão, acotiar as moças — informou o nocturno viajante, algo assustado, com a cavalgada dos meliantes.

— Acompanhe!

— P'ra onde?

— Logo saberás! Nada de palanfrório! Indica o caminho p'rás Alminhas...

O pobre moço logo pressentiu que estava metido com ladrões, que assim se acautelavam — não fosse ele para o serão, denunciá-los. Pensou em saltar a parede da quelha, e fugir para o codessal, protegido pelo escuro da noite; mas de nada lhe valeria resistir à caterva de boa meia dúzia de homens, capazes de tudo, até de o matarem:

—Bô! Se o rei manda andar, é andar!... Vamos lá: o caminho, é este. Vomecês não hão-de querer o meu mal...

—Poderás, até, ter sorte! Vamos aliviar do peso, um homem pesado... Há por aí muita gente, que não sabe o que há-de fazer, ao ouro aferrolhado... Vamos explicar, como se põem os patacos a voar, p'ra'mor de não ganharem verdete...

O seroeiro, ficou sem pinta de sangue, porque era honesto: queriam fazer dele um ladrão? Pois seria ladrão para poupar a vida.

Chegados ao local, na encruzilhada das Alminhas Velhas, tomaram posições: ao moço, com um dos mascarados, puseram-no de vigia, no caminho de Anha; de novo pensou na fuga, mas o companheiro preveniu:

—Se tentas escapar-te, apanhas um tiro!

As horas iam correndo... Meia noite... uma, duas, três horas — não tardaria a madrugada, e nada! A chuva morrinhenta encharcava-os: encostavam-se aos pinheiros, à espera da caça... O desânimo apoderava-se deles. De quando em quando, um dos outros grupos, vinha indagar «o que havia de novidade».

—Nada! Nem uma mosca passou!

Voltava, para aparecer, uma hora depois:

—O melro sumiu-se pelas malhas da rede... É melhor levantar: está aí a madrugada...

Mas o Galhofas, teimava: o homem havia de vir; o chefe mandava esperar...

A pequena distância, no caminho de Anha, os dois vigias — o mascarado e o moço de lavoura — estavam

alerta, a ver o que vinha. O seroeiro tremia, como varas verdes: conhecia-os, quase todos, até mesmo o da cara tapada, se lhe afigurava ser um senhor da vila... Mas não podia ser: esse era de boa família, gente de teres... Parecia-se... Não trocavam palavra: o mascarado receava denunciar-se, pela voz, que disfarçava. Se dava uma ordem era em falsete...

De esperança perdida, estavam já resolvidos a levantar o cerco, quando, ainda noite escura, mas perto do dealbar, pressentiram, que alguém se aproximava. Afinaram o ouvido: ouvia-se o tropo-galhopo das montadas, nas pedras soltas do ínvio caminho, e a aragem trazia vozes humanas e relinchos de cavalos: à certa que era o esperado.

— Atenção! — ordenou o Galhofas: vem aí caça! Deve ser ele... Ele e o velho. Atirem ao do cavalo branco: o outro não interessa...

\*

Passada a ponte de pau, os feireadores de Cerveira meteram a festo, ao monte, mais negro que a noite negra: o Saraiva no branco boaz, do Moninhas; este na «Mulata» arisca, do opulento lavrador. Iam de conversa, e os temas eram as feiras, os negócios que haviam feito, os trabalhos do campo — «iam, naquele dia, lavrar p'rás aveias!» — o perigo de viajar de noite, com os caminhos inçados de ladrões.

Ao começar a subida, Saraiva, à cautela, escorvou a clavina, e protegeu a escorva, com a aba do capote:

— O primeiro que aparecer!...

A chuva era de molha-tolos, e a noite, entre o pinhal, era ainda mais escura. Os animais, por seu tino, iam descobrindo o caminho, que os cavaleiros não enxergavam:

— Lá p'ros confins de Anha, ou S. Romão, temos dia: está aí a madrugada.

— Não tardará a diar...

E, envoltos na negridão, iam-se aproximando da cimeira do Faro.

De repente, e a curta distância, soaram berros:

— Parem!

O João Saraiva, que ia à frente, puxou do trabuco, e desfechou, à toa, para o meio das sombras, que se abeiravam. Mas, como resposta, quatro, ou cinco tiros, alvejaram o cavaleiro do ginete branco. O velho lavrador caiu de borco, a esvairse de sangue, a par-e-passo que Moninhas esporeava a égua, pelo meio do denso pinhal, e fugia a bem fugir...

Os bandoleiros olharam-se assarapantados, ao verificarem que tinham abatido o velho, e não o espertelho cambista — por certo o que se esgueirara, e longe ia ele, se bem fugia! Mais uma vez, o melro se escapava! Achou-se possuída de desespero, aquela meia dúzia de homens, fora da lei.

Revistaram a vítima inocente, que estrebuchava na agonia, sem grandes esperanças de presúria de vulto, mas logo se alegraram, ao verificar que, na bolsa de couro, presa ao cinto, havia gorda quantia — mais de um conto e quinhentos mil réis de dobrões, soberanos,

peças e cruzados-novos — uma fortuna naquela época!

Feita a «limpeza», prepararam-se para se esgueirar, mal atentando no rapaz, encolhido, contra um pinheiro. O Descalço disse qualquer coisa, ao ouvido do Galhofas, que se poderia traduzir neste pensamento: — «matar o desconhecido, que os poderia denunciar»...

A um deslodo reuniram os da malta, em conferência: homens sem Deus, por eles, tiveram, contudo, um momento de piedade e contrição: tinham feito uma morte, por engano, que, valha a verdade, dera lucro; para que outra morte? Chamaram o moço, ao conselho;

— Conheces-nos? Sabes quem somos?

Bem os conhecia, a todos, ou quase todos; mas, espertamente, respondeu:

— Não sei! A modos que vomecês são de longe...

— De muito longe: somos de Coura e terras de Soajo. O homem que fugiu, é o capitão duma malta de ladrões, com quem queríamos ajustar contas, e que tem de ser morto. Escapou desta, mas não escapará de outra. O velho foi morto por engano: que tenha paciência... na outra vida! O que fugiu, é que nós queríamos estrefegar: não as perde! Pareces ser pessoa séria: vais aqui fazer o juramento, de que não dirás nada, do que viste. Se denunciares, cada um de nós fica com o encargo, de te vindimar a vida — ainda que seja na igreja, ou na cadeia! Jura!

— Juro, pela minha salvação, que nada direi!

Olharam-se, uns para os outros, como a pedir aprovação:

— Nem pio, se tens lei à vida! Fica-te em paz!  
E porque os tiros, poderiam chamar gente, e os de Anha, não são bons de assoar, montaram a cavalo, e esporearam os animais. Foram, dali, dar a Mazarefes, à venda do Samessuga, onde a cambada reunia, para a partilha.

\*

O atarantado moço de lavoura, para ali ficou, sem saber o que havia de fazer, assarapantado, pela cena macabra, que acabava de presenciar: ia fugir daquele horror! Condoído da vítima, que, estrebuchava, nas vascas da agonia, aproximou-se, no intuito de prestar socorro.

Saraiva esvaía-se de sangue, que saía do peito esburacado pelos zagalotes dos tiros certos. Movido de piedade, o moço abeirou-se, na intenção de o erguer: o lavrador, apesar de velho, era vigoroso, homem de preza; num estrebucho, deitou a mão, à perneira da calça do moço, que se fechou e contraiu, como torquês. O rapaz assustado, pretendeu livrar a perna, e conseguiu; mas na mão do moribundo ficou um negalho da calça, já esfiapada, por ser velha e gasta.

E como sentisse gente, que se aproximava, fugiu e foi meter-se no palheiro da casa do amo — o dia já a clarear. Nem sequer atentou no pedaço de calça, que lhe faltava. Foi já no trabalho, que uma jornaleira lhe disse, de troça:

— Ó moço! Os ratos roeram-te as calças?

Só então reparou, que faltava um pedaço à calça e se recordou da mão do morto enclavinhada, em garra— a segurá-lo, como a pedir companheiro de viagem, que por um triz, esteve para ser...

Fiel ao que fora forçado a jurar, perante os desapiadados matadores do desventurado velho — mais ainda por medo — nada disse do sangrento drama, de que tinha sido espectador. Nada disse! Contudo sentia o desejo de dizer, de esvaziar o pesado saco, que derreava a sua consciência inquieta, para evitar que o negredado crime, ficasse impune.

Dentro dele, a verrumar-lhe a alma, andava o tenebroso drama daquela noite de vela, de pesadelo e de forçada sentinela, à ordem de sicários. E o alagoeiro de sangue, ao redor do infortunado viandante, parecia crescer, formar enxurrada, a envolvê-lo, e a sufocá-lo. Na sua frente, como em pavoroso sonho, via o espectro do morto, a crescer, a agigantar-se, a atemorizá-lo — que o amaldiçoava, por lhe não ter valido...

Bem se dizia, a si próprio: — «Mas que culpa tenho? Se recalcitrasse, matavam-me, como o mataram a ele».

O estrondo dos tiros alvoroçou o lugar. Pouco depois, naquela cinzenta manhã, de 18 de Janeiro de 1836, em toda a airosa aldeia de Anha, corria o brado de — «Homem morto!» Foi um alevante: os sinos tocaram a rebate, e a mortório: e o povo, em procissão, acorria à encruzilhada das Alminhas Velhas, a presenciar o cenário da tragédia.

Vieram ao local as justiças de Viana, e a devassa principiou.

Quem era o morto?

Quem fora o assassino?

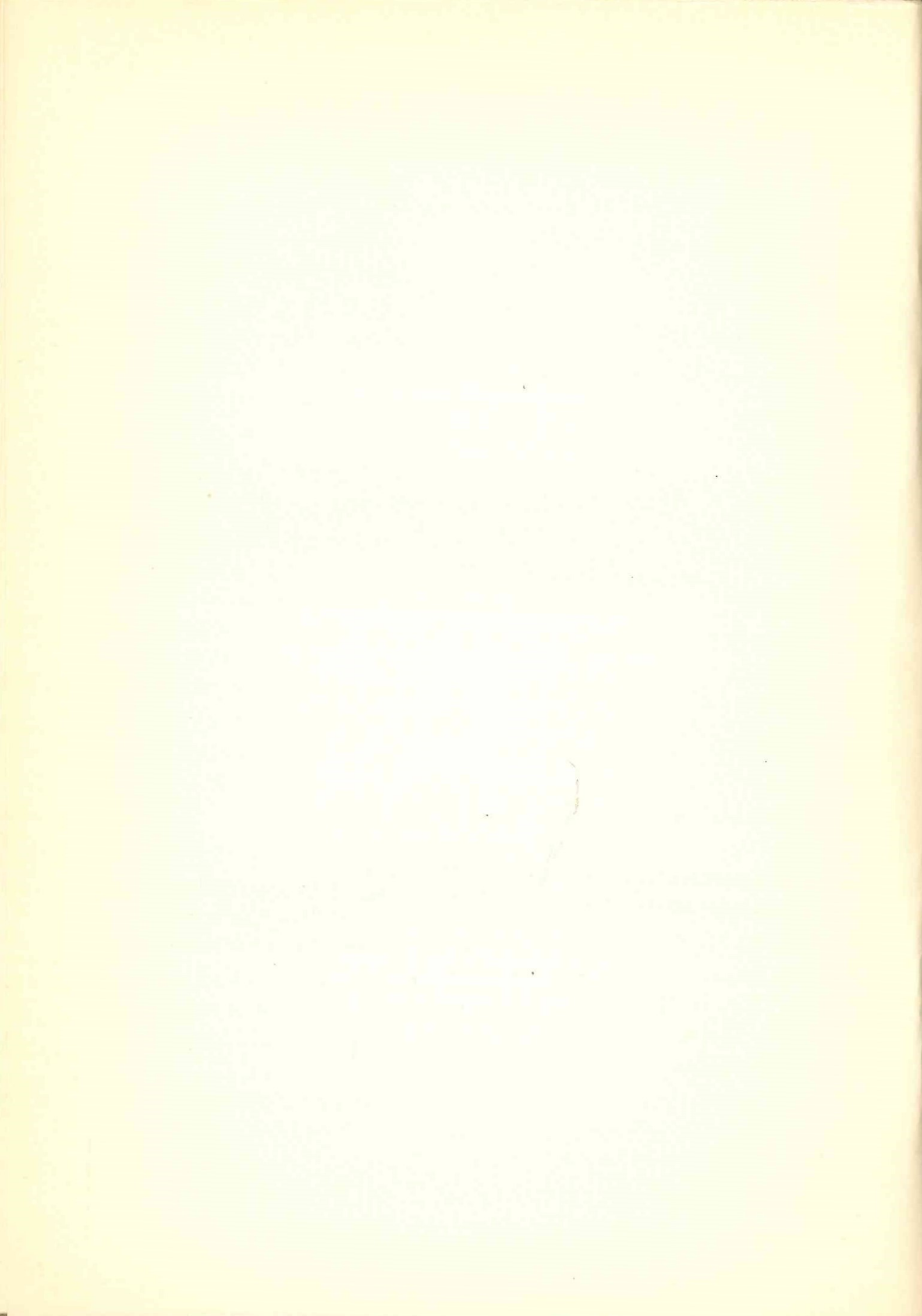
Logo se suspeitou, andar ali, a mão negra da tenebrosa malta. A justiça ia procurar os bandoleiros...

E quem era o moço seroeiro, forçado cúmplice dos assassinos?

Chamava-se António Manuel Barreto, teria 24, ou 25 anos, e era natural de Capareiros. Manobraram os da justiça, a seu jeito e maneira; mas a justiça é cega, e, a jogar a cabra-cega, prendeu o moço António Barreto, como autor da carnificina. E, dois anos depois, — em Setembro de 1838 — levaram-no à forca, com o labéu de assassino, bandoleiro e roubador, do João Pereira Saraiva, rico proprietário apuliano!

Em sua sabedoria, culpava-o a justiça; mas condoído e apiedado, o bom povo de Viana — absolvía-o: era o seu «Antoninho Inocente» ou «Antoninho dos Enforcados».

A opinião pública é uma força — tenha, ou não razão: o babaréu do erro judicial correu mundo, alastrou ao longe, e os cegos exploraram o tema, em suas cantilenas. E Viana, sobretudo a arraia miúda da Ribeira, indignada com a condenação, erguia o justicado à categoria de mártir, e começou a prestar-lhe aquele culto, que é devido aos santificados...



## X

### Antoninho dos Enforcados

#### II—O ENFORCADO

**A** HISTÓRIA-LENDA, do Antoninho dos Enforcados, como se diz na Apúlia, ou Antoninho Inocente, como é conhecida em Viana — aí fica, em singelas linhas, nesse primeiro capítulo deste drama sangrento. Mas o drama redonda em tragédia.

O António Barreto disse-se sempre inocente, e de mãos lavadas, ante o crime que lhe atribuíam.

Teria havido erro judiciário? Ou tão pertinaz negativa adviria de habilidades defensivas? A lenda está posta: vamos, agora, a um pouco de história.

O meticoloso investigador vianense, José Rosa de Araújo, publicista de incontestados méritos, publicou, na centenária «Aurora do Lima», uma série de artigos, desde 21 de Janeiro a 8 de Julho de 958, sob a rubrica

— «História de um Cruzeiro» e «O «Caso» do Antoninho», que bastante luz projectam, sobre o quadro pungente. Assim começa o primeiro desses artigos, — «História de um Cruzeiro»:

«Na manhã de 11 de Setembro de 1838, padeceu morte pela forca, no Terreiro junto do Pelourinho, em Viana, António Manuel Barreto, natural da freguesia de Capareiros. A causa foi o assassinio do lavrador da Apúlia, João Saraiva, ocorrido no caminho do Faro de Anha, em 18 de Janeiro de 1836, e por a justiça julgar o Barreto autor do crime.

O caso deu muito que falar. E o povo, não se conformando com a decisão dos juizes, teceu a lenda que chegou ainda aos nossos dias. Deu o justicado como inocente e, como tal, inscreveu-o no rol dos seus mais queridos mártires.

Prestou, até, culto à sua memória. O corpo do «Antoninho» foi sepultado no cemitério das Almas, junto do Cruzeiro do Senhor da Boa Lembrança, do lado ocidental. Até à destruição do adro da capela das Almas, em 1930, podia ver-se a singela campa do supliciado, sempre muito bem cuidada, ardendo junto dela lampeões de azeite, providos principalmente pela devoção da gente dos bairros da Ribeira e da Bandeira.»

E a seguir relata que, a assinalar «morte de homem», se erguia no alto do Faro de Anha, um cruzeiro: — «Sobre uma base historiada, levanta-se a cruz de pedra, semelhando uns troncos de sobreiro revestidos de cortiça».

Na base desse cruzeiro, lia-se, ainda em 1942, a seguinte inscrição:

«AQUI FOI / ASSASSINA / DO COM UM /  
TI / RO NO DIA 18 DE / JANEIRO / DE 1836 PE /  
LLOS LADRO / ES»

Isto na face virada a norte. Seguia no lado poente:

«J. P. / DE SARA / IVA DA / FREGUESI / A  
D' APULIA»

E acabava assim do lado sul:

«RECORDAÇÃO / DE SEU NETO / L. J. DE /  
CARVALHO / 1910»

Mas em 1957, o mesmo estudioso investigador, já não encontrou — nem o pedestal, nem os restos da cruz mutilada.

Seria aquele cruzeiro, de 1910, o primitivo? O Lopes Veloso, trineto do assassinado, deu a informação, que resume: O Moninhas — fugido arditosamente, aos ladrões, e deslealmente ao compadre e amigo, até ao extremo de lhe provocar a morte, — chegara, manhã cedo, à Apúlia, a dar parte da sangrenta ocorrência. E logo a viúva, Ana de Vilasboas Ribeiro, filhos e amigos da família, se encaminharam para Anha, para junto do cadáver, e tratar do funeral.

A certidão de óbito cuja cópia tenho presente, reza: — «que ali (em Anha) se lhe fez hum officio e de ahi foi seu corpo conduzido a sua freguesia de Apulia amortalhado no habito de S. Francisco se sepultou em caixão, dentro da igreja, tendo officio de corpo presente de sessenta Padres, no dia vinte de Janeiro

de 1836; Sua mulher dará satisfação aos legados que constarem do testamento que o defunto tinha feito».

Ora, sem que tal constasse do testamento, a senhora Ana de Vilasboas, a primeira coisa de que tratou, foi encarregar um pedreiro das Marinhas, de aparelhar aparatoso cruzeiro, com a respectiva inscrição, para erigir no local do crime, — o que veio a suceder, em vésperas da Páscoa, daquele ano.

Mas por que, a gente de Apúlia, e, em especial, os sargaceiros, sempre que se dirigiam a Viana, faziam o percurso pela praia, à orla d'água, por mais curta e cómoda, — a viúva Saraiva mandou, também erguer outro cruzeiro, sobre os fieiros, mais ou menos, «no endireito» — como quem diz: sobre o mesmo paralelo, a mover à piedade, os conterrâneos do morto.

Anos volvidos, o cruzeiro do Faro, foi vandàlicamente derrubado; certamente o da praia, se não está soterrado na duna, outro tanto lhe aconteceria. Quem os derrubou? Quem praticou a sacrílega malfeitoria? Gente de Anha? Não é crível: o povo das aldeias tem grande respeito pelos símbolos religiosos; e acresce que a laboriosa gente de Anha é ordeira e respeitadora.

Por este tempo estava já, no auge, o culto ao «Antoninho Inocente»: aventa-se a ideia, de que a malfeitoria fosse devida aos fanáticos, que apregoavam as virtudes e milagres do enforcado, — a arraia-miúda, que veria no monumento, dedicado ao «Homem morto», um propósito de afrontar o justicado do Cais do Postigo.

Já não havia sinais do cruzeiro, quando em 1910, o neto do João Pereira Saraiva, Luís Joaquim de Car-

valho, havendo-lhe saído a sorte grande, num bilhete da lotaria, se lembrou de mandar erguer outro monumento. De tal trabalho encarregou um hábil pedreiro de Anha — António Meira, segundo José Araújo — que moldou a cruz, «simulando uns troncos de sobreiro revestidos de cortiça», que eu cheguei a contemplar, já bastante danificada.

Sempre se disse inocente, o António Manuel Barreto! E o povo, indignado com a injustiça, que o levara à forca, descreu dos julgadores, e, fazendo justiça à sua maneira, acreditou no justicado — proclamando-o mártir e taumaturgo, susceptível de fazer milagres...

É o ilustre José Rosa de Araújo que vai depor, neste processo, agora a correr:

«Bem poucos acontecimentos, como os que envolveram o «Antoninho», conseguiram impressionar tão vivamente a imaginação da gente vianesa.

Andava perto a recordação angustiosa das invasões francesas e das lutas liberais, com todo o seu cortejo de pesadelos. Toda a gente possuía um grande rosário de memórias... Mas a tragédia do «Antoninho», cujo último episódio decorreu à vista da multidão curiosa e estarrecida, ali, no Cais do Postigo, em frente da Alfândega, conseguiu dominar e sobrepôr-se a todas as anteriores.

Depois, logo após o enforcamento, o povo deu em tecer a lenda que, melhor ou pior contada, chegou aos nossos dias e promete ainda entreter várias gerações. Não é fácil reconstituir hoje o drama, tantos anos passados. Falta o processo judicial, pedra angular para o

levantamento integral dessa página sombria, da «pequena história» da nossa terra.»

Em nota, esclarece o historiador, que o processo, com muitos outros, ficou reduzido a cinzas, no incêndio que devorou o convento de S. Domingos, onde estava instalado o Tribunal e o Arquivo. Mas a sua persistência, e o génio investigador que o enforma, conseguiram descobrir as peças principais, dispersas pelos arquivos da cidade.

Depois de narrar como se deu o assalto, continua o seu depoimento:

«Três dias depois, ou seja a 21, por diligência do administrador, já se encontrava na cadeia, António Manuel Barreto, contra o qual havia maiores suspeitas de ter sido um dos matadores. Quer a lenda que foi fácil apontá-lo. Assim, consta que o Barreto, que era um pobre diabo que andava aos mandeletes de uns e outros, passava no local, «por acaso», e ainda assistiu ao final do assalto. Conheceu, até, todos os ladrões, que por isso, sob pena de morte, o intimaram a guardar segredo.

«Mais se diz ainda que, pouco depois, acercando-se do moribundo para lhe prestar qualquer socorro, este, lhe arrancara uns fiapos das calças, com os quais não foi difícil proceder à identificação.»

Mas a verdade, à face dos documentos, é diferente da versão popular:

«O Barreto, segundo a correspondência oficial, era useiro e vezeiro na companhia de indivíduos de péssima reputação, gente de actividade sobremaneira sus-

peita... Pouco depois era também preso o «Galhofas», salteador conhecido, natural de Portela-Suzã, como conivente no assalto... Tanto o Barreto, como «Galhofas», se defenderam a tiro, quando as autoridades lhe deram a voz del-rei e pretenderam passar busca aos domicílios onde, de facto, foram encontradas armas proibidas e indícios de serem autores do assalto...»

«Três dias depois...» Mas outro distinto cultor das Letras, e apreciado Etnógrafo, Quintas Neves, de Barroselas, chamado à barra, por J. Araújo, publicou na «Aurora do Lima», em 25 de Julho, do ano findo, o que segue, de engraçado entrecho, e de ardilosa comédia:

«Sem querer responder ao repto...», e falando pela boca do seu progenitor, «vizinho da casa dos Barretos, em Capareiros», o publicista Q. Neves diz ser voz corrente, que a prisão do condenado, «se fez em circunstâncias bem diferentes, daquelas que são apontadas... A captura, tentada por três vezes, só à terceira, com êxito se efectuou. A tradição relata dois casos picarescos de fuga, e um pormenor mais, sobre o trapo de fazenda, encontrado nas mãos do assassinado. «A casa dos Barretos situada no lugar da Forca...» — (Como o destino talha coincidências! Um desgraçado nascido no sítio da Forca, de Capareiros, foi morrer à forca de Viana!) — «...A casa dos Barretos compunha-se de rés-do-chão e primeiro andar do qual, entre outras para lados diferentes, se abriam duas janelas viradas ao Sul e que davam para o largo terreiro, onde vicejava frondosa oliveira.

«Aquele que mais tarde, a fértil imaginativa popular designaria pelo «Antoninho», criando à volta do seu nome a lenda que veio até nossos dias, residia, na ocasião, em companhia de sua irmã única. Seus irmãos, Bernardo, Domingos e outro, tinham já tomado outro rumo.

«Uma madrugada, pouco depois do crime, acampou naquele terreiro modesta força militar que, distribuiu sentinelas ao redor do edifício. Nascido o sol, como é de lei, o comandante do destacamento, entre dois soldados, bateu de rijo a uma das portas do pavimento inferior e ouviu, dali a momentos, correr o caixilho de uma das janelas de guilhotina. Assomou a irmã ao peitoril:

— «Que desejam? — perguntou com maus modos.

— «Saber se aqui se encontra António Barreto e, assim sendo, conduzi-lo a Viana.

«A resposta, imediata, foi afirmativa — com o pedido de esperarem um pouco.

«Um tudo-nada depois saía de casa uma mulher que, especialmente pela parte do vestuário entrevisto à janela, os militares reconheceram como sendo a irmã.

«Esperaram mais tempo e, como ninguém dava sinal de si, resolveram entrar; mas depois de minuciosa busca reconheceram que, em casa, apenas se encontrava a mesma irmã! O António, que à pressa tinha enfarpelado os seus trajes femininos, estava já longe e tinha passado quase rente aos soldados!

«Na tentativa seguinte o caso passou-se quase da mesma forma — apenas com a diferença de ser a irmã, a

envergar os trajes masculinos, e sair correndo em desabalada fuga. Perseguida tenazmente, foi apanhada no campo do Craveiro; todavia, quando os captosres se aproximaram, reconheceram, novamente, que estavam em presença de uma mulher! O António Barreto, assim abandonado o seu reduto, foi sossegadamente esconder-se em outro sítio! Presa, como conivente nas fugas do irmão, foi depois solta, sem mais procedimento.

«Passaram-se semanas... Novo assalto se verificou e, desta vez, por mais perspicácia do chefe do grupo captor, ou qualquer outra circunstância, o indigitado assassino foi preso; e, caso curioso, as calças que tinha vestidas no momento da sortida, apresentavam um remendo na altura de um dos joelhos — e este pelo configurado da sua superfície perfeitamente se adaptava, ao trapo encontrado na mão do assassinado...»

Assim discorre o Etnógrafo, Quintas Neves, que fala pela boca da tradição, correntia na sua terra — de onde era natural o Enforcado: os dois depoimentos completam-se. E a lenda casa-se com a história...

\*

Mas J. R. Araújo continua o seu valioso depoimento, através do que pôde espremer dos documentos, guardados nos arquivos vianeses. E depois de frisar que o Barreto nascera no valhacouto da quadrilha do «Laranjeira», diz:

«O julgamento deu-se a 14 de Junho de 1837, e só o Barreto foi condenado. Porque se ilibaram todos os outros acusados?... O réu era condenado a ser

levado pelas «ruas públicas» até ao Cais do Postigo e aí ser enforcado. Depois de morto, seriam, a cabeça e mãos, decepadas e expostas ao público, para exemplo, até se consumirem:—a cabeça, no mesmo cais e as mãos no local do delicto. Mais o condenava no pagamento de 1.600\$000 réis para os herdeiros do morto João Saraiva e mais 200\$000 réis para o Tesouro Público.

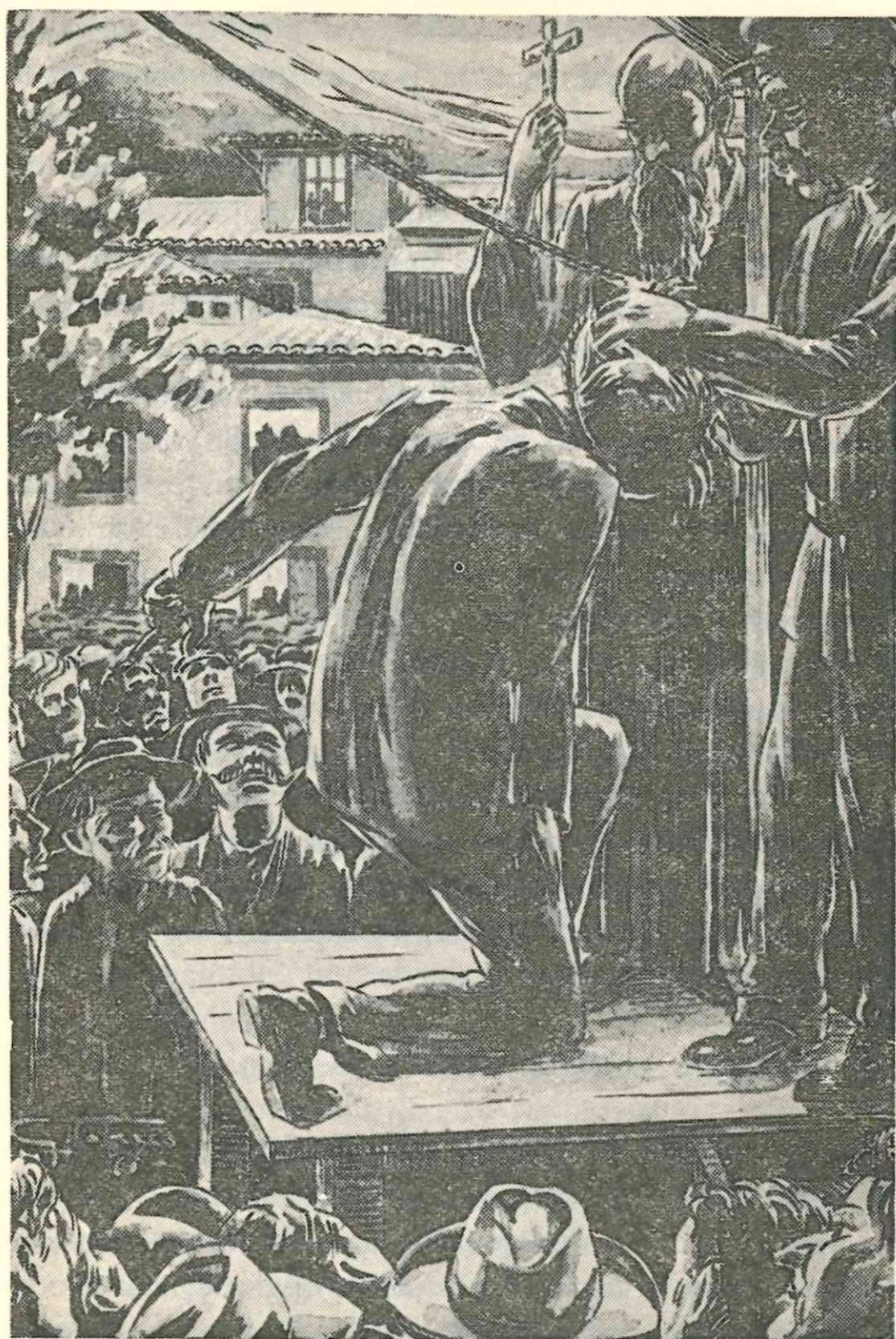
«Quer ainda a lenda que o Barreto deixou seguir a devassa, sem protestar inocência. Porquê? Muito simplesmente: pela razão de que os verdadeiros implicados no crime, que lhe apontavam, eram cidadãos altamente cotados no burgo, poderosos influentes, que lhe prometeram todo o valimento.

«Certo é que o réu apelou para a Relação, onde, em 28 de Novembro, os juizes confirmaram a sentença, suprimindo-lhe, porém, a decepção da cabeça e mãos, «por contrário à lei vigente.»

Afirma mais o historiador:— que o processo foi até ao Supremo Tribunal, e confirmada a sentença em 9 de Julho de 1838; e que apelou para a clemência real, mas a Rainha, D. Maria II, em 27 de Agosto, do mesmo ano, em face da gravidade do crime, houve por bem, não perdoar. Tudo neste pé, «marcou-se então dia para a execução de sentença: 11 de Setembro— uma terça-feira».

\*

O condenado, assistido dos socorros espirituais, pelas 11 horas, dessa «terça-feira de grande sol», vestido com a alba fornecida pela Santa Casa, marchou



« — ...estou inocente! Os assassinos são aqueles... »

para o suplício. «A tragédia teve lugar por volta do meio dia e foi presenciada por enorme concurso de povo.»

E José R. Araújo, depois de se referir ao facto do patíbulo ter sido guardado durante a noite, por escolta militar, no receio de que os operários, que, de má vontade o ergueram, ou o povo indignado, o destruíssem, — remata assim o seu elucidativo depoimento:

«... O Barreto só quando viu o nó da forca a rodear-lhe o pescoço se apercebeu da enormidade da sua desgraça. Até à última acreditou cegamente, em forças ocultas que o libertariam. Teve então um assomo de desespero. Gritou ao padre, que o acompanhava nos últimos momentos:

« — Mas eu estou inocente! Nunca matei ninguém! Os assassinos são aqueles homens que estão ali na minha frente! São aqueles...

«Mas o sacerdote abraçou-o e murmurou-lhe que se calasse, enquanto os olhos se lhe cobriam de lágrimas.»

« — São aqueles!... » Deviam de ser os misteriosos mascarados, que lobrigara, no alto do Faro de Anha. Deviam de ser...

\*

Diz-se que na casa do salteador Galhofas, e na do Barreto, foram encontradas «armas proibidas, e indícios de terem sido autores do assalto». É possível que, os ladrões, após o crime, repartissem qualquer coisa com o Barreto, para lhe pagarem a forçada cumplicidade: é

possível. Todavia, o fiapo, a resistência à prisão, a fuga picaresca, devem ter sido o corpo do delito, que mais influiu, para a elaboração da sentença.

Mas a compassiva gente de Viana olhou, de revés, a decisão dos tribunais, e odiou aquela «justiça vesga que sabia quem eram os verdadeiros criminosos, e os poupou». Do alto da forca, o condenado indicava-os: — «São aqueles!» Não seria preciso: a multidão conhecia-os!

\*

O Povo é o grande criador de lendas: criador de lendas e ampliador da história. O halo de inocência que, na sua imaginação, envolvia o supliciado, avolumou-se e espalhou-se ao largo: — «É um mártir que está santo e faz milagres!»

A sua campa começou a ser venerada: montões de flores a cobriam; e lumes de azeite e cera — dia e noite — consagravam a memória do «Antoninho Inocente» — incluído, por alvedrio da arraia-miúda, no rol dos santificados.

E os milagres, ou pseudo milagres, manifestaram-se palpáveis, no fundo do seu religiosismo:

— «Salvou vidas, em terra e no mar... Curou doentes dados por incuráveis... Aparecia no meio de alterosas ondas, a salvar náufragos...»

A lenda perdura! As ossadas do justicado foram levadas para o ossuário municipal. Mas estiveram ali!...

Ali marcará sempre presença espiritual, a memória do Enforcado!

Alguns dos lumes, que ardem em frente do Senhor da Boa Lembrança, na parede exterior da Capela das Almas — são lumes votivos, lumes sagrados, ali postos, em louvor do «Antoninho» — o Enforcado, o Inocente, o Santo...

Se não fosse a crença, quem o recordaria hoje?

A simpleza da Alma Popular, no fundo da qual andam, a boiar, os germes da Poesia, tem de se respeitar. Respeitar e admirar, porque um halo de bondade, de enternecedor carinho e de piedade, lhe acalenta o espírito sedento de maravilhoso.

Até quando durará a lenda?

A memória do povo é duradoura: não se extinguirá tão cedo.

## XI

### Quadrilhas de Terra-a-dentro

#### I—COMO SE FAZ UM LADRÃO...

*M*AIS ANO, menos ano, por 1770 e tal, na Corredoura, lugar de S. Torcato, veio à luz do mundo um menino, a quem a família — lavradores prósperos — destinava para as culminâncias difíceis da santidade, mas que os maus fados e as inconstâncias do destino, encaminharam, pelas sendas da perdição, a rasquejar pela força — com passagem pela Penitenciária até ao degredo perpétuo.

Chamava-se João, este menino nascido num lar feliz — João António de Oliveira, no meio social, acrescentado da alcunha ou apelido de «Lombela» — por ter nascido no Casal de Lombela, que pertencia a seus pais.

O triste herói desta história, foi crescendo, em anos e corpo: aos dezassete era um latagão, forte como um

touro de Barroso; e os pais desejosos de ter um padre na família, conseguiram interná-lo, bem contra sua vontade, no Convento de S. Francisco, na velha terra de Guimarães. O sangue puxava-lhe, e o rapaz já catrapiscava às moças.

Foi estudando e trepando nas letras, mas odiava a clausura do convento, e revoltava-se contra a determinação paterna, que lhe coarctava a liberdade.

E por isso, e por que no íntimo, havia predisposições para a rebeldia e para o pecado, foi frequentes vezes castigado, por infrações disciplinares — ainda que, por faltas somenos.

Mas o fermento que andava dentro dele, levedou. Era já frade de ordens sacras e pregava sermões, que agradavam; mas certa tara que lhe andava na massa do sangue, levava-o para a cleptomania; — tudo aquilo a que pudesse deitar a mão, ia parar à farta manga, ou ao grande bolso do hábito...

Começou assim, com coisas insignificantes, a industriar-se na arte de furtar.

Foi capelão de casas nobres, e das famílias mais distintas da velha Guimarães. Se entrava escorreito, não saía de mãos limpas. Frequentes vezes, a gente da casa se queixava do desaparecimento de pequenos objectos, de pratas de valor, e até de ouro amoedado, mal parado por cima dos móveis. E algumas vezes o frade cleptomaníaco, foi surpreendido a apoderar-se do alheio.

Teve o Guardião de S. Francisco conhecimento, da perigosa inclinação de Fr. Lombela, para o roubo.

E reunido o capítulo, de harmonia com a rígida disciplina da casa, o frade foi julgado e condenado a prisão, no cárcere privativo, da casa religiosa.

Longe de se corrigir, o delinquente, mais se exacerbou nos tortuosos caminhos do crime: descarou-se!

Por várias vezes foi condenado a prisão, no convento, por se encontrar envolvido em pequenos roubos e fugas nocturnas. Sabia ele que, certos dos seus amigos, eram salteadores de estrada, e viviam bem, com o produto dos roubos. Ora essas saídas do convento, por horas mortas da noite, coincidiam com os assaltos da quadrilha; evidentemente, neles tomava parte.

Toda a comunidade teve conhecimento das graves faltas do camarada — vergonhosas para o praticante, e de desprestígio para a honorabilidade da Ordem. Voltou a reunir o capítulo, para julgar o Lombela, cujos crimes eram do conhecimento das autoridades civis.

Do julgamento resultou, ser-lhe despido o hábito, e condenado a longa prisão, de muitos anos no cárcere do convento, com cadeias ao pescoço — a mais violenta das penas.

Pouco tempo depois, vigoroso como era, arreben-tou a cadeia de ferro que o prendia à gargaleira, torceu as grades da janela, e fugiu, para não mais voltar à Casa de S. Francisco.

Consta do processo, instaurado no tribunal de Guimarães, que a gargaleira de ferro, lhe foi quebrada, pelos colegas bandoleiros, em Mesãozinho, subúrbios de Guimarães, que provavelmente o auxiliaram na fuga do Convento.

\*

Era um demónio a desonrar a Casa Santa, do austero «Povorello» e a conspurcar o hábito imaculado de Assis, que só os eleitos deviam usar. Era, por seus crimes, um excomungado da ordem, que o demónio levou para a perdição.

\*

Mas este homem teve artes de arrastar para o seu lado, colegas, ambiciosos de riquezas, e, por certo, com iguais tendências para o roubo. A pouco e pouco se foram aproximando dele, um certo padre Rodrigo, um frade Tegeleiro, e um outro natural de Brito, que era o frade Capucho, Manuel do Ribeiro. Era a «quadrilha dos descoroados», que, por desonrarem a Ordem religiosa e a disciplina da Igreja, foram expulsos e privados de regalias. Ficaram a ser simplesmente — bandoleiros, salteadores, ladrões...

\*

Os velhos carreteiros de Vila-Chã — os Guindolas e os Pernões, os Caraus e os Bicas... que se empregavam no transporte de bacalhau, de Viana para Guimarães e terras de Basto — contavam, no regresso, o que por lá sucedia e as muitas atribulações, a que, dia e noite, os sujeitavam as maltas de ladrões, da «terra-a-dentro», que operavam pela Serra do Carvalho, Falperra, Monte-Longo, cercanias de Braga, de Guimarães, de Basto — por toda a parte...

Se cá, pelo Norte, manobravam, à má cara, os Lobardeiros e Laranjeiras, Picanços e Pirecas, por «terra-a-dentro», os Telhados, da banda de S. Martinho, o Maneta, o Bento da Raimunda, o Delfim, filho do Tenente de Bande; o Vilasboas, o frei Lombela, e o frei Capucho; o Meirinho e o Pap'Açucres; o Preguiça e o Barredoura; o Abogão e o Farrapeiro... e muitos outros salteadores ematilhados, enchiam de terror as populações ordeiras e laboriosas, do Minho.

Pelos serões de fiandeiras, nas longas noites de invernã, — a par dos contos tradicionais, onde havia mouras encantadas, príncipes heróicos, santos taumaturgos, e visões tétricas de procissão das sombras, em silencioso deambular, por cangostas e andurrinhas, e a sacrílega assistência de feiticeiras endiabradas, à tenebrosa missa-negra — nunca deixavam de vir a talhe os fastos sangrentos dos temidos bandoleiros.

\*

Bem contavam os carreteiros, tantas vezes roubados e maltratados pelos salteadores; mas, recentemente, o operoso investigador e historiador das «Curiosidades de Guimarães», escritor A. Vieira Braga — cujo, XVIII volume viu a luz da publicidade no ano findo, — publicou, em 1930, «Maltas de Salteadores, — Uma Quadrilha de Nomeada» — obra recheada de seguras informações.

Mais por este notável trabalho de investigação histórica, do que pelos contos dos carreteiros, nos guiaremos aqui.

## II—A QUADRILHA DE FREI LOMBELA

La tudo razo, com malfeitores, por Guimarães fora! Eram tantos os ladrões assaltantes, e tão pouca a guarda policial, para os conter, que o povo resolveu congregar-se em milícia, para defesa de vidas e haveres.

Após as invasões e sobretudo durante as lutas liberais, organizaram-se as Rondas nocturnas, por quase todo o Minho. Os homens válidos, depois da ceia, reuniam no largo da aldeia, armados dos mais variados instrumentos de ataque e defesa — clavinas, bacamartes, pistolas e pistolões; forcados, fouces, roçadouras, engaços, mangoais, paus argolados com ferrão... tudo que podiam haver às mãos, para combater, naquela outra guerra, entre gente honrada e salteadores.

Dividiam-se em turmas: uns até à meia noite; outros até à madrugada ou sol nado. Percorriam os caminhos, emboscavam-se nas proximidades das casas ricas, onde era de recear o assalto.

Naquelas terras, onde os habitantes se inclinavam para o folclore musical, aos guerrilhas armados, juntavam-se os tunos tocadores de viola, de banza, bandurra, cavaquinho, flauta, bombos e ferrinhos — que por becos, e cangostas, pelos soutos e alargamentos, tocavam, cantavam e dançavam, a... — «espantar os pardais»...

Gente alegre, que, mesmo nas horas de perigo, não perdia o bom humor!

Não obstante, tudo atento ao berro estertoroso, que pudesse vir dos confins da aldeia, ou ao toque a rebate das freguesias vizinhas.



... várias vezes foi preso no cárcere do convento e de todas elas  
o arrombou e fugiu ...

Tanto bastava para os salteadores, sempre menos numerosos, se porem de largo, pois havia rondas de oitenta ou cem homens, agregados de três ou quatro localidades vicindárias.

Mas às vezes davam-se combates sangrentos, onde de parte a parte, havia mortos e feridos.

No Arco de Baúlhe, uma quadrilha de cento e dez ladrões, assaltou a casa do padre Roque. Andava a ronda ao largo, mas acudiu aos berros aflitivos e ao repique dos sinos: deu-se uma verdadeira batalha, que durou até à madrugada. Ainda assim conseguiram entrar na casa, e apoderar-se de vários objectos e algum dinheiro.

\*

Mas o que mais brado deu, por toda a região, foi a quadrilha de frei Lombela, de princípio comandada pelo António Vilasboas, que era dos arredores de Braga, S. Veríssimo e tinha em Guimarães uma tasca, quase só frequentada pelos salteadores.

O historiógrafo Vieira Braga, vai dar-nos uma resenha, extraída do Processo-crime, n.º 1209, que manuseou: «Lombela bem cedo deu mostras de valentia e de coragem, nos ataques, que dirigiu... Tornou-se por isso comandante, em chefe da malta, que cresceu em número e qualidade de operantes. Era (diz o processo) «um salteador nocturno e diurno»... Tendo sido várias vezes preso no cárcere do convento, de todas elas o arrombou e fugiu, continuando sempre nos mesmos furtos e a suciar, de dia e de noite com

homens infamados de ladrões e por tais tido e conhecido». (Depoimento de uma testemunha.)

Acrescenta o investigador vimaranense:

«Porém, não acamaradou sòmente com a ralé quadrilheira, certo que à mesma desgraça se juntaram, um dia, quando o Lombela criou fama de destemido salteador de estrada — o padre Rodrigo, o frade Tegeleiro e o frade Capucho Manuel do Ribeiro... homens com o equilíbrio perdido, actuando sob as ordens do capataz (Lombela) que toda a gente temia e odiava.

Era a quadrilha célebre dos tonsurados, o terror dos habitantes do distrito.

Com efeito: a esfera de acção da gente do Lombela, estendia-se ao largo, até às terras de Basto, Póvoa de Lanhoso, Famalicão. Tanto operava na Falperra, como na Portela, na serra do Carvalho, ou da Lameira, porque — «em todas as direcções (diz o processo) tinham indivíduos, que com capa de bons homens, lhes guardavam as armas e passavam os furtos.»

Por toda a Província se falava no Lombela, como destemido salteador, e isso concorria para aumentar e engrossar a quadrilha, com ladrões que vinham de longes terras, desejosos de servir sob o seu mando, e tirarem maior proveito, na partilha dos roubos.

Segundo consta do célebre processo crime n.º 1209, Lombela comandou a quadrilha durante vinte, ou vinte e cinco anos, desde 1815 — quando definitivamente fugiu do convento; as primeiras devassas, começaram em 1818, e só em 1835 é que... «o chefe e alguns companheiros caíram na alçada da justiça».

Mas já antes de 1815, ele tinha dado provas de capacidade ladravaz, sob as ordens do velhaco Vilasboas.

\*

São elucidativos alguns dos depoimentos, que o distinto historiógrafo, Alberto Braga, extraíu do processo:

«Em 13 de Maio de 1818, diz o carpinteiro Domingos de Freitas, de S. Romão de Arões: Num sábado, do mês de Dezembro de 1816, no sítio de Paredes-Novas, às Trindades, seguia eu desta vila com uma carga de grão, quando me saíu o Lombela, e me encarou aos peitos o bacamarte. Disse-lhe nada levar em dinheiro; se quisesse a carga, ali estava, mas que não me quitasse a vida...»

Mas este Domingos de Freitas era também vigoroso e destemido, e quando o famigerado salteador, de novo lhe apontou o bacamarte, na ameaça da descarga — fugiu-lhe hàbilmente com o corpo, desviou-lhe a arma e abraçando-se ao ladrão, deu com ele em terra, socando-o valentemente, ao mesmo tempo que gritava: — «*À del-rei ladrões!*» — Acudiu gente e o Lombela conseguiu fugir socado, anavalhado e desarmado... Valente carpinteiro!

O Freitas levava no bolso dos calções um embrulho de cominhos e juntamente cinco moedas de ouro.

Ouro temperado com cominhos! Bom olfacto tinha o ladrão!

Outro depoimento: «Há quinze dias andou o Lombela, com sete parceiros, no Bom Jesus de Braga e

daí partiram para o Carvalho d'Este, roubando toda a gente que passava. Na Falperra roubara dezoito moedas de ouro a um rapaz e a um mulato, que vinham de Braga!

«Foi visto com um capote de pano azul fino, que fôra do relojoeiro Bento Costa, a quem roubou mais um relógio e nove cruzados novos, sendo depois reconhecidos os trastes, quando esteve no convento preso, — de onde sempre fugia para usar de salteador.»

\*

Em Março de 1818, foi assaltada, no Campo da Feira, em Guimarães, a casa do oficial de milícias, Martinho de Moraes. Fizeram um rombo na parede e roubaram pratas de grande valor e dinheiro. Foram pronunciados dez dos assaltantes e entre eles o Zé da Cal, o frei Lombela, o frei Manuel do Ribeiro, ou frei Capucho e o António Cego (por ser cego de um olho) que era soldado do regimento 3, de Infantaria.

A prata roubada, foi levada para Braga pelo Zé da Cal, e pelo soldado Cego, que a carregaram no cavalo do frei Capucho.

\*

Ao marchante António Ferreira, furtaram uma junta de bois, que foi encontrada na posse de um caseiro de Urgeses. Interrogado, este declarou que os bois lhe foram entregues pelo frade Lombela, para levar à feira

de Vila-Meã, que ficava longe, e onde não seria fácil reconhecer os animais.

.....

São muitas as proezas da matilha. Remetemos o leitor curioso, para o II opúsculo de «*Curiosidades de Guimarães*» — (Maltas de Salteadores, uma quadrilha de nomeada) — (1930) do historiógrafo Alberto V. Braga, onde o assunto é tratado com minúcia e bem documentado.

\*

Em 18 de Dezembro de 1835, realizou-se o julgamento do Lombela, figura principal da quadrilha, que se sentou no banco dos réus, algemado, mas altivo. Às perguntas sacramentais respondeu:

— «Padre João António de Oliveira — o Lombela... natural do lugar da Corredoura, S. Torcato e residente nesta vila, ex-frade de S. Francisco, 57 anos;

«que tinha estado preso várias vezes no seu convento, e últimamente no Limoeiro um ano, tendo desta vez sido preso pelos oficiais da correição, em casa da sua amásia;

«que no cárcere do convento lhe fora tirado o hábito, por seus frades e o barbeiro não lhe fazia a coroa, por ter de andar fugido e poder assim entrar em povoados com mais garantia, visto que os seus padres ofereciam prémios para a sua prisão;

«que as prisões no convento, eram por não ter vocação para tal estado, o que o obrigava a sair muitas vezes do convento, exercendo as licenças que obtinha».

Foi-lhe, em seguida, perguntado, se tinha incendiado casas, depois dos roubos, como constava do processo: — tudo negou, «inclusivamente o estendal, que fazia parte das devassas de 1818, onde o seu papel foi preponderante».

«Tranquilidade e cinismo. Sangue frio e absoluto desprezo pelo novo rumo, que lhe possam dar à vida...»

.....

Seguiu-se a leitura do processo — leitura que levou cinco horas, desde as 11, às 4 da tarde.

\*

Neste julgamento, de 18 de Dezembro de 1835, estavam no banco dos réus, ao lado de Lombela, mais seis acusados, entre os quais o célebre António Vilasboas, de S. Veríssimo, que foi cabecilha da malta; e dois soldados do 1.º batalhão n.º 3, de Braga, em destacamento em Guimarães: Manuel Moreira, de 29 anos, de Campanhã, e Manuel Gomes, de 34 anos, natural de Barcelos.

O padre Rodrigo só foi preso e julgado no ano seguinte, 1836. Ignoro o destino que tiveram os frades Tegeleiro e Capucho.

Enquanto às culpas do réu Lombela provou-se que era salteador de estrada, há mais de trinta anos; que fôra apóstata; e apareceram muitas testemunhas, a quem ele tinha roubado...

.....

O Delegado narrou todos os factos do salteador Lombela: os roubos e assaltos em que tinha entrado;

o seu carácter perverso; seus costumes devassos; sua apostasia... e conclui pedindo a morte natural para o réu ».

Foram propostos ao júri cinco quesitos; os quatro primeiros foram provados; o último — «crime de assassinio ou homicídio», não foi provado.

Seguiu-se a sentença:

«Em vista das declarações do júri, julgada provada e procedente a acusação dos diversos qualificados e agravantes crimes especificados nos quesitos feitos ao réu, o padre João António de Oliveira, por alcunha o Lombela, e, outrora, Fr. João de Santa Teresa de Jesus, estaria sem dúvida, nos termos de lhe ser aplicada a pena ordinária de morte natural, executada na Praça do Tournal, desta Vila e decepada sua cabeça, ser colocada num poste, na serra da Falperra, ou noutro qualquer sítio, em que se ache convencido, de ter sido o teatro de seus execrandos crimes...»

«Atendendo, porém, a ser um eclesiástico, ao tempo da prisão sofrida em diferentes cárceres e, últimamente, no Limoeiro, e a não se achar verificado que cometesse, ou concorresse para assassinios,—o condeno em degredo perpétuo para as Pedras de Angonche, com irremissível pena de morte, se voltar a estes reinos...»

A sentença tem a data de 18 de Dezembro de 1835.

\*

Este desgraçado João de Oliveira Lombela, pelas declivosas sendas da vida, lá foi — mal safo da ignomí-

nia da força, — parar ao triste degredo das Pedras Negras, com 57 anos, ainda pujante de vida.

Bem seus pais, gente de boas intenções, e de piedosos sentimentos, o quiseram guiar para os caminhos da virtude; mas a perniciosa tara — que viajava no sangue, sabe-se lá, se com séculos de latência, na «gens», — arrastou-o para os excessos da liberdade, para as más companhias, para imoralidades e devassidões, para o escândalo da apostasia, para a negridão do crime...

Assim se perdeu um elemento, que por sua inteligência, poderia ter sido um santo, um sábio, um construtor de beleza, ou um propagandista de ideais generosos, em prol da humanidade. Perdeu-se! Lá foi deixar os ossos aos tórridos areais da Costa d'África, longe da desolada e envergonhada família, muito longe do terrunho, onde nasceu.

Que espécie de sentimentos se albergariam na alma deste réprobo, nessas lonjanas plagas africanas? É possível que as agruras sofridas, e o avançar da idade para o término final, lhe acordasse a endurecida consciência, e tivesse morrido arrependido, dos seus muitos crimes.

Oxalá!



## XII

Pois sim!... Mas... matei...

(ASSALTO À RESIDÊNCIA DE LAUNDOS)

*A* Í por meados de Dezembro, de 1905 —por 10 ou 12—acompanhei à Póvoa de Varzim, o padre Manuel Martins Giesteira, pároco da populosa freguesia das Marinhas, político de relevo e dedicadíssimo amigo.

O Padre Giesteira era poveiro e disfrutava de grande popularidade: conhecia toda a gente e todos o conheciam.

Foi político habilíssimo, chefe local do partido Progressista, várias vezes presidente da Câmara e íntimo de José Luciano. Orador de garra, conversador aliciante, e picante anedotista, tinha devotados admiradores, mesmo no campo adverso.

\*

Tão depressa apeamos da carrilana encortinada, do velho Zé Clêncio, — tão depressa se achegou um padre, de meia idade, que eu não conhecia, mas que era da intimidade do Giesteira. Mostrava-se tristonho, cabisbaixo, mortificado. Começaram a falar; e quando eu, por cortesia, me afastava, o reitor das Marinhas, chamou-me:

— Quero-te apresentar um conterrâneo, de Gemeses, — o padre João Fernandes Pereira — um valente e um herói, que está apostado a dar cabo dos ladrões!... É o abade de Laundos!

O abade de Laundos!... O padre João de Gemeses!... Falava-se tanto dele...

Riram-se os olhos, ao rapaz imberbe, que eu era, ao apertar, com admiração, a mão vigorosa do abade que abatia ladrões, e cuja celebridade corria os quatro ventos...

\*

Começa a história...

Dias antes, na noite de 3 para 4 de Dezembro — do Domingo para a segunda feira, — uma malta de bandedeiros assaltara a residência paroquial de Laundos, e, um dos assaltantes — o chefe — foi morto com um tiro de espingarda caçadeira quando, sobre os cangos duma escada, pretendia correr, nas «empuliges», uma vidraça da casa residencial.

A morte do ladrão de Laundos correu célere por Portugal além...

Não se falava de outra coisa.

O padre João era homem de presa e destemido. À boca pequena, se dizia, ser intenção da quadrilha, vindimar-lhe a vida. E o abade tinha conhecimento da ameaça. Acautelava-se mas não se acobardava. Era testarudo, por família; e audaz, por génio próprio.

A defender vida e haveres, numa legítima defesa, — o padre João livrara a sociedade de um perigoso elemento.

A voz pública, a apoiar a justiça imanente, estava ao lado do padre:

— «Matar lobos, que infestam o povoado? Nunca as mãos doiam ao matador!» — dizia-se no redondelo.

Mas a consciência do sacerdote andava alvoroçada:

— «Matar? Só Deus...»

\*

No pensamento do padre Giesteira — velho amigo do «João de Laundos» — boiava a mesma ideia, extravasada da voz das multidões: — o voto das maiorias:

— Fizeste tu, muito bem!

Pretendia com as suas palavras, encorajar o amigo, erguer-lhe o moral abatido. Mas padre João, de olhos baixos, pesaroso, esmagado, a todos os argumentos respondia:

— Bem vês: eu matei!...

Obtemperava-lhe o Giesteira:

—João! tinhas de defender a tua vida!

Como num eco, o de Laundos repetia, acabrunhado, condoído:

—Embora!... Mateil! Só Deus pode tirar o que dá...

\*

A matulagem da «*ilha valonga*», armou em quadrilha, a imitar, neste século, os comparsas do Labardeiro e do Picanço, do frei Lombela e do Pap'Açucres. É o certo é que era perigoso, para a bolsa e para a vida, atravessar o pinhal da Estela, a Lagoa Negra, e outras densidades de floresta, longe dos povoados. De dia, ou de noite, o viandante desprevenido era desfeitoado, espancado e roubado.

As melhores casas de lavradores eram devassadas: roubavam galinhas, carne da salgadeira, os chouriços do fumeiro, o milho das tulhas, o vinho dos tonéis. E chegava a malvadez, ao desaforo de abrir as torneiras, para soltar o vinho, que não podiam levar nos odres e cabaças...

Bem andava a polícia e a justiça no encalço deles; mas os mariolões, conseguiam esconder-se, e só deles havia notícia, pelas malfeitorias, que deixavam na passagem.

De gôrra com a malta, da «*ilha valonga*», andavam uns fidalgotes arruinados, inveterados jogadores — aliás de boas famílias, mas muito provocadores e desor-

deiros. No bom pano cai a nódoa... Armavam à popularidade, com a ralé, mas não eram ladrões.

Um deles, famoso manejador da vara de lodo, na festa das Cruzes de Balazar, realizadas em 1904, matou à pancada o regedor da freguesia, que pretendia manter a ordem.

Ou mataria, ou não! Na contenda andava, também um homem de cadastro, um certo João Matias — o Matias de Macieira — ladrão de estrada, de maus instintos, que todos apontavam como verdadeiro assassino do regedor de Balazar. Correu a devassa, e pelas tralhas e pelas malhas, foi indiciado o fidalgo Florêncio, quando as suspeitas recaíam mais sobre o Matias.

«Combinações entre os dois» — dizia-se. Eram amigos e companheiros de funçanatas, comedorias e bebedeiras — lá se entendiam!...

É que, pelo Florêncio, se interessaria a família, que tinha prestígio; pelo outro, que todos sabiam ser bandido, ninguém quebraria lanças.

O fidalgo foi preso e levado à barra do tribunal poveiro; e a melhor testemunha de defesa foi o Matias, que, segundo os relatos da imprensa, da época, foi insolente com os julgadores e com os advogados.

O réu foi absolvido, por as próprias testemunhas de acusação amedrontadas, pelas arremetidas do Matias, nada dizerem de positivo. E se tivessem que dizer, era para denunciar o Matias, como criminoso.

Era de facto um patife da pior espécie, capaz de tudo. Costumava dizer:

— «Custa menos matar um homem, do que matar um porco!...»

Ora o abade de Laundos, que não tinha papas na língua, não se escondia para exprobrar ao meliante, os seus numerosos crimes, de mortes e roubos; e, cara-a-cara, lhe dizia as verdades:

— «Andas fora da graça de Deus!»

— «Não passas de um chefe de ladrões!»

A má rolha, que era o Matias, tomou a peito desferrar-se das objurgatórias do padre João, e estudou maneira de tirar vingança. Não peito-a-peito, pois sabia que nas mãos do vigoroso clérigo seria um farrapo. Castigá-lo-ia na fazenda, pela calada da noite!

\*

E assim na noite de 20 de Novembro — quinze dias antes da tragédia de Laundos, o Matias e a comparsaria, boa dúzia de malteiros, levaram da capoeira da residência, toda a população de galinhas e perus, que, abonde a povoavam.

Pelo dedo viu logo, o padre João, quem era o gigante. E como era voz pública, que a malta era numerosa e aguerrida e estava armada e municada, — foi-se, dali, à Póvoa comprar pólvora e chumbo graúdo, — «do de abumbar às raposas», e pôs-se a velar, durante as noites, à espera do que pudesse acontecer.

É que, além do mais, tinha à sua guarda, as pratas da Igreja que eram valiosas.

E a velada durou quinze noites, sempre de ouvido à escuta, ao rouquido do chiadoiro dum portal, ao arremeter dos cães, ao trabucar dum tamanco...

Numa hora cai a casa: ia esperando.

\*

Eu tinha na memória as linhas mestras, o esqueleto, ou resquícios da tragédia; mas quis avivar as ideias, já um tanto a esfumarem-se. E proporcionou-se a ocasião.

Há seis, para sete anos — por 1953-1954 — em conversa com o dedicado e talentoso amigo, que foi Santos Graça, Mestre insigne de Poveirismo, tão bom etnógrafo, como ameno escritor, (a sua obra é um padrão da historiografia local), — veio a talhe, falar-se, nessa conversa, dos meus apontamentos sobre as maltas de ladrões nortenhos, de que ele conhecia excertos.

E logo o caso de Laundos veio à balha. Santos Graça, apreciável cavaqueador, foi também senhor de uma memória fiel: a despeito de ter decorrido meio século, narrou, com minúcia, tudo quanto se passou... «naquela noitada de domingo para segunda-feira, de 4 a 5 de Dezembro de 1905...» na casa residencial de Laundos:

— «Fui grande amigo do padre João Fernandes Pereira, seu conterrâneo esposendense, mas arreigado poveiro, pelo coração. Era raro o dia que deixava de aparecer na vila, para dois dedos de cavaco, e tratar,

nas repartições, dos interesses do seu redil. Era amigo e tinha amigos...»

Longa foi a nossa conversa, dela recolhi variados apontamentos. Mas Santos Graça, prometia fazer um relato, no jornal que fundou em 1906 — «O Comércio da Póvoa» — para minha elucidação, e para lembrar o amigo padre João, há tantos anos desaparecido.

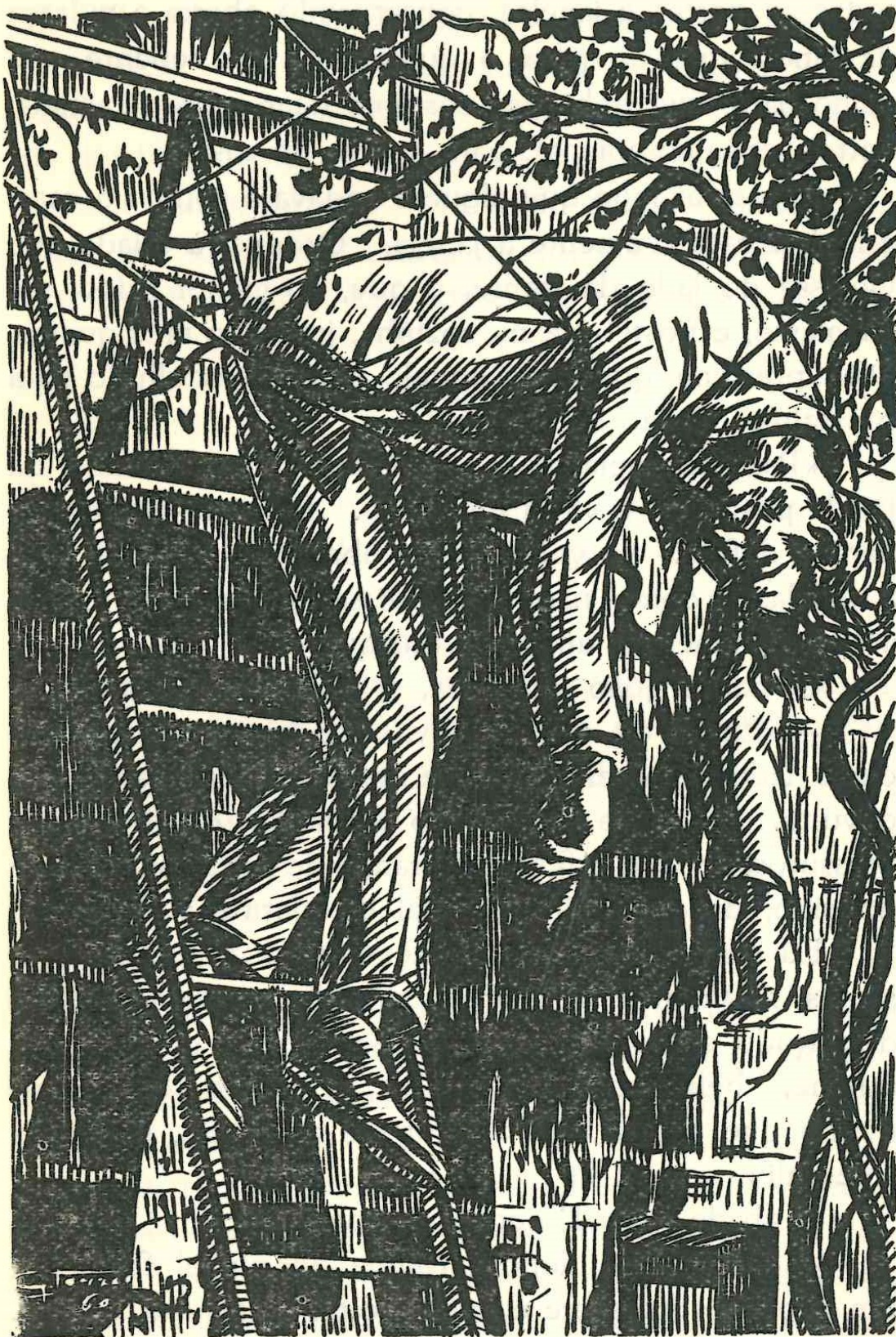
O apreciado jornalista cumpriu; e, sob o título — «*Sim! Mas eu matei*», põe na boca do abade, todo o relato do que se passou. Como preâmbulo, relata o repórter:

«Na segunda feira, 4 de Dezembro de 1905, a Póvoa foi surpreendida com a sensacional notícia de ter sido assaltada, por uma quadrilha, durante a noite, a residência paroquial de Laundos, e que um dos assaltantes fora morto, pelo abade, e ficara engalhado numa ramada. Eu fui dos primeiros a lá chegar.

«Nas traseiras da residência havia uma ramada ao nível do parapeito de uma pequena janela, com dois vidros estilhaçados. Sobre a ramada, de braços caídos, o cadáver de um homem, que eu não tive dificuldade em reconhecer: — o «Matias de Macieira»!

«Entrei na residência e subi as escadas interiores, para colher informações. Deu-mas o próprio pároco, reverendo João Fernandes Pereira, natural de Gemeses — Esposende, mas paroquiando aquela freguesia há 11 anos, que, bastante abatido e pesaroso, me disse...»

.....  
— «Esta noite, seriam 8 horas, quando apaguei todas as luzes e pus-me, como de costume, a vigiar



...e ficara engalhado numa ramada

todas as portas e janelas, conservando aberta a vidraça da janela que dá para o quinteiro. De repente, um velho gato, que tinha por costume ficar sobre a ramada, entra, vertiginosamente, para dentro de casa.

«Presumi logo que alguém andava a rondar a casa, e fechei vagarosamente a janela. Ordenei à criada que vigiasse do lado da frente, e que, ao menor ruído, me chamasse, e postei-me na cozinha, junto ao meu quarto, visto presumir que seria aquele o lugar escolhido para o assalto. E não me enganei.

«Passada meia hora senti mexer no caixilho da janela posterior, e vi ali um vulto. Preparei-me, então, para a defesa. O vulto tentou abrir pelo lado de fora, a janela, e como não conseguisse, pediu para baixo, aos companheiros, um ferro qualquer.

O padre João continua, a informar o jornalista:

— «Então eu que receava que fosse atacado por outro lado, apontei a arma e desfechei, desaparecendo o vulto. A criada, ouvindo o estampido do tiro, corre pressurosa, e tem a feliz lembrança de puxar pelo arame do sino, dando, assim, o sinal de alarme à freguesia.

Eu então abro imprudentemente a janela, para ver se os assaltantes se tinham retirado, e vejo o vulto debruçado sobre a ramada, parecendo-me ouvir correr sangue. Felizmente lembrei-me, a tempo, da imprudência que cometi, em abeirar-me da janela, e retirei-me dali».

O abade toma fôlego, para continuar:

— «Momentos depois, rompe do pinhal fronteiro, um tiroteio incessante e então voltei a carregar a arma.

Os meus paroquianos vão acudindo, armados, à residência, e trava-se entre nós e os assaltantes, um verdadeiro combate, que se prolongou até às três horas da madrugada, hora a que os meliantes se retiraram, ao som duma corneta. Foi então quando soube, pesaroso, que o homem estava morto, pois julguei-o simplesmente ferido. Eis como se passou a tragédia.»

\*

Assim relatou o seu caso, ao moço jornalista, que era então, o António Santos Graça, o abade de Laundos, escapo de uma morte certa.

Assim, mesmo, quase pelas mesmas palavras, ouvi eu o relato, da própria boca do padre João Sobreiro — (por ser da casa dos Sobeiros, de Gemeses), feita ao reitor das Marinhas, padre Martins Giesteira, — oito dias depois do sucesso.

\*

Era opinião de Santos Graça, que o móbil do assalto, era assassinar o abade, que era valente e destemido, e roubarem as pratas da igreja, guardadas na residência.

O artigo de Santos Graça, publicado no «Comércio da Póvoa», em Julho de 1954, rematava assim:

«Agradei-lhe e felicitei-o por ter saído incólume de tão grave atentado, que visava a assassinar-no...»

«O padre João era muito ilustrado e estimado entre nós. Fora eleito vereador municipal, de 1901 a 1903, pelo partido Regenerador. Arcaboiço forte, apresentava-se sempre bem, com certa distinção.

Depois daquela tragédia, raramente saía da sua residência. Definhava dia a dia; Quando os amigos, que eram muitos, o visitavam e lhe diziam que o seu acto fora heróico, livrando os povos de uma quadrilha de malfeitores, ele tinha sempre uma resposta, dada com infinita tristeza:

— «Sim! Mas eu matei!...

Não podia haver remorso naquela bondosa alma, porque se tratou de legítima defesa, mas estava-lhe sempre em mente as máximas cristãs:

— «Não matarás! Matar só Deus!

Os que advogam novamente, em Portugal a lei da pena de morte, que ponham os olhos neste exemplo terrível do abade de Laundos, cujo coração generoso não pode, jamais conformar-se com a tragédia:

— «Sim! Mas eu matei!...»

\*

«...parecendo-me — diz acima, o padre João — ouvir correr sangue...»

Sim! o sangue corria a jorrões, — escorreu até ao esgotamento, dada a posição do morto e o local da ferida: a carótida fora esfacelada e todo o pescoço era uma horrível mancha de sangueira, denegrida, empastada, com fios coagulados, que balouçavam ao sabor da viração!

Em frente à janela fatídica, voltada a norte, é a horta da residência — a horta que o sangue do assaltante regou, a alastrar, em coalho, por bons dez palmos no redondelo.

\*

Quando a justiça chegou, e o cadáver foi retirado dos arames da latada, — mandou o juiz cobrir com terra o alagoeiro da sangria. Mas a terra embebeu-se de sangue, e o sangue voltou à superfície, na teimosia de se mostrar. Outra terra, muita mais terra foi amontoadada, no intuito de fazer desaparecer os vestígios. Semanas volvidas, a chuva caída fez avermelhar a terra; e, nos covachos do chão bulido, aparecia, outra vez o sangue, como derramado de momento. O terreno foi cavado, e maior volume cobriu a mancha: um mês, que passou; outro inverno, que veio; ano atrás de ano... e o sangue do ladrão, semeado no deslido da horta, renascia, revivia, plasmava-se, como se a vida pudesse persistir nos glóbulos rubros, há anos enterrados, naquele chão impecido por tal rega...

A triste sementeira frutificava, de ano para ano, em renovos persistentes e arreliantes.

O fenómeno impressionou o torturado abade, que pretendia ver em tudo aquilo; manifestações do Poder Divino, a condenar o seu acto...

Não! pobre padre João; a ordália, o Juízo de Deus, patenteava aos pecadores o perigo da delinquência, a fealdade do crime, a negridão das almas perversas...

Desloquei-me, agora, a Laundos, para, *in loco*, reconstituir a tragédia.

Garante-me o actual abade, padre Francisco Marques, que, quarenta anos volvidos sobre a ocorrência em 1945, ao revolver o terreno da horta, num dia molhoso de nebelina, se verificou o estranho fenómeno de a terra não ter consumido, o sangue do assaltante. Eram visíveis os resquícios de betas sanguíneas, na terra xistosa, em presença da humidade; e dissolvidos alguns aglomerados num balde, a água avermelhou, como se gotas de sangue fresco, nela fosse derramado, na ocasião!

Olharam-se, abismados, o pároco e seus jornaleiros:

— «Se a terra tudo consome, como explicar o mistério?

E cada um, entre dúvidas e suposições, procurava dar interpretação, ou explicar, caso tão fora das normas. Quase meio século de revivescência na terra esfomeada! Seria por isto?... Seria por aquilo?... Cada um punha a sua hipótese, ou conjecturava... para logo verificar e inviabilidade, e dar razão à sentença:

— «Só Deus sabe decifrar mistérios!»

Mas um homem-bom do redondelo, letrado de comprovadas sabedorias, que dava explicação de sonhos complicados, discreteava sobre a «Escritura Sagrada», e lia nos astros os prognósticos do ano — deu, como língua qualificado da voz pública, este parecer, que foi aceite como sentença:

— «Sangue excomungado de ladrão de sacrário,  
não se desgasta na barriga da terra!»


\*

Esta persistência em resistir ao desgaste, a teima na revivescência, o aflorar do sangue ruim do salteador, que ia com o fito de assassinar um maioral da Igreja, para o roubar, e roubar o tesouro do templo — no parecer do povo da região é o Juízo de Deus, a apontar a assassinos e ladrões, que seus pecados tão nefastos são, que a sôfrega terra, que tudo absorve, consome e transforma, não quer deglutir o sangue do bandoleiro, no receio da ingestão lhe provocar maleita, que, para sempre, a torne estéril...



### XIII

## Na estalagem da Barca do Lago, os da malta não tinham guarida...

S LADRÕES, por via de regra, eram gulosos e insofridos comilões: sempre que adregava, banquetevam-se, — faziam «funções» com coisas substanciosas e caras; bom lombo de boi, ou de porco, o cheiroso anho assado, a galinha corada... — que, em certas «vendas» e estalagens, lhes preparavam, e serviam.

Em algumas, os comensais apresentavam a matéria-prima, para cozinhar — evidentemente adquirida de mão-baixa.

Em outras, comiam e bebiam lautamente, mas pagavam, às vezes, até com generosidade, para não perderem o poiso, e o penso... Havia, porém, uma hospedaria, onde nunca tiveram oportunidade de entrar, e cuja cozinha tinha fama, como a melhor de toda a Estrada-Velha, desde Viana ao Porto: — a estalagem da Cristina, na Barca do Lago!

Entrar lá! Isso sim! Ou estava cheia de tropas, das guerrilhas civis, e era perigoso o encontro; ou não havia, para eles, lugar à mesa-redonda, ou na «esquinada»! da cozinha. Nada! Nem presigo para cozinhar!...

O próprio Domingos ferrador—marido da Cristina, e com oficina ao lado—nunca tinha ferraduras para os cavalos dos «malteiros»!...

Muito esquisita aquela gente da Barca!...

\*

Faz mister localizar a Barca do Lago, aos leitores, que desconheçam a região.

.....  
O Cávado vem por aí abaixo, — no Verão ralasso das calmarias espreguicentas, que amolengam; no Inverno, algo apressado, no desejo de despejar as demasias das enxurradas, que lhe turvam a limpidez da epiderme. O Cávado é um rio asseado, de cara lavada, que presta culto à higiene, a bem da saúde...

Corre aqui, manqueja por ali, joga as escondidas com outeiros e montes, lava puídos penedais, desse-denta raizames, — até que se mostra, senhoril e ufano, à verdejante campina das ubérrimas veigas fonteboanas, de Riotinto e de Gemeses, e às gandaresas planturosas da foz.

Adiante, o rio feiticeiro, e de inebriantes sortilégios, cansadinho das vinte e sete léguas da jornada, ajoelha, curva-se em bus reverencioso, a agradecer ao Criador a proximidade do fim — na beleza edénica do

ambiente, que o rodeia: — é o espraído da Barca do Lago, de areias fulvas, onde o sol de Julho faz cintilar paletas de mica, e — quiçá! — áureas pepitas de Ofir!

Diante do espectador, está o deslumbramento da paisagem! Olhem! Digam o que lhes vai na alma, após este banho de emocionante beleza.

O poceirão «sem fundo», onde a prata-viva das taíñas esvoaça ao lume d'água — gineceu de Celânides voluptuosas, e espelho fatigado de tanto fixar o Azul — banha os alicerces de airosa casa brasonada, que se mira ufana, e envaidecida de vetusta nobreza, nas águas verdelinhas e límpidas do Cávado — tão cariciosas, como beijo de amor em rosto de noiva!

\*

É aqui a Barca do Lago — um musganho de escassa dúzia de casas, na lomba da riba suave — lindo presépio de natal, que meninos de bom gosto pudessem architectar, nas vésperas da Consoada...

Chegadas à borda-d'água as casas fidalgas, dos senhores de outras eras; mais chegada, ainda, a mesquinha casinhota do barqueiro, que, dia e noite, aguarda os viageiros. Depois a Capelinha da Senhora do Lago (que bárbaros pedreiros, sem gosto, mais tarde, haviam de desfear); e logo, a vizinhar — a *Estalagem* — a famosa *Estalagem da Barca do Lago*, que certa Cristina Josefa, no último quartel do século de setecentos, ali fundou, para servir os viandantes da mala-posta.

Pontificava nessa hospedaria, — há cerca de cem anos desaparecida, — a senhora Ana Joaquina, mais

conhecida por Ana Cristina — mulher de grande actividade, briosa, honesta e imensamente simpática pela sua affectuosidade, alegria e generosidade com que servia os que procuravam a sua hospedaria.

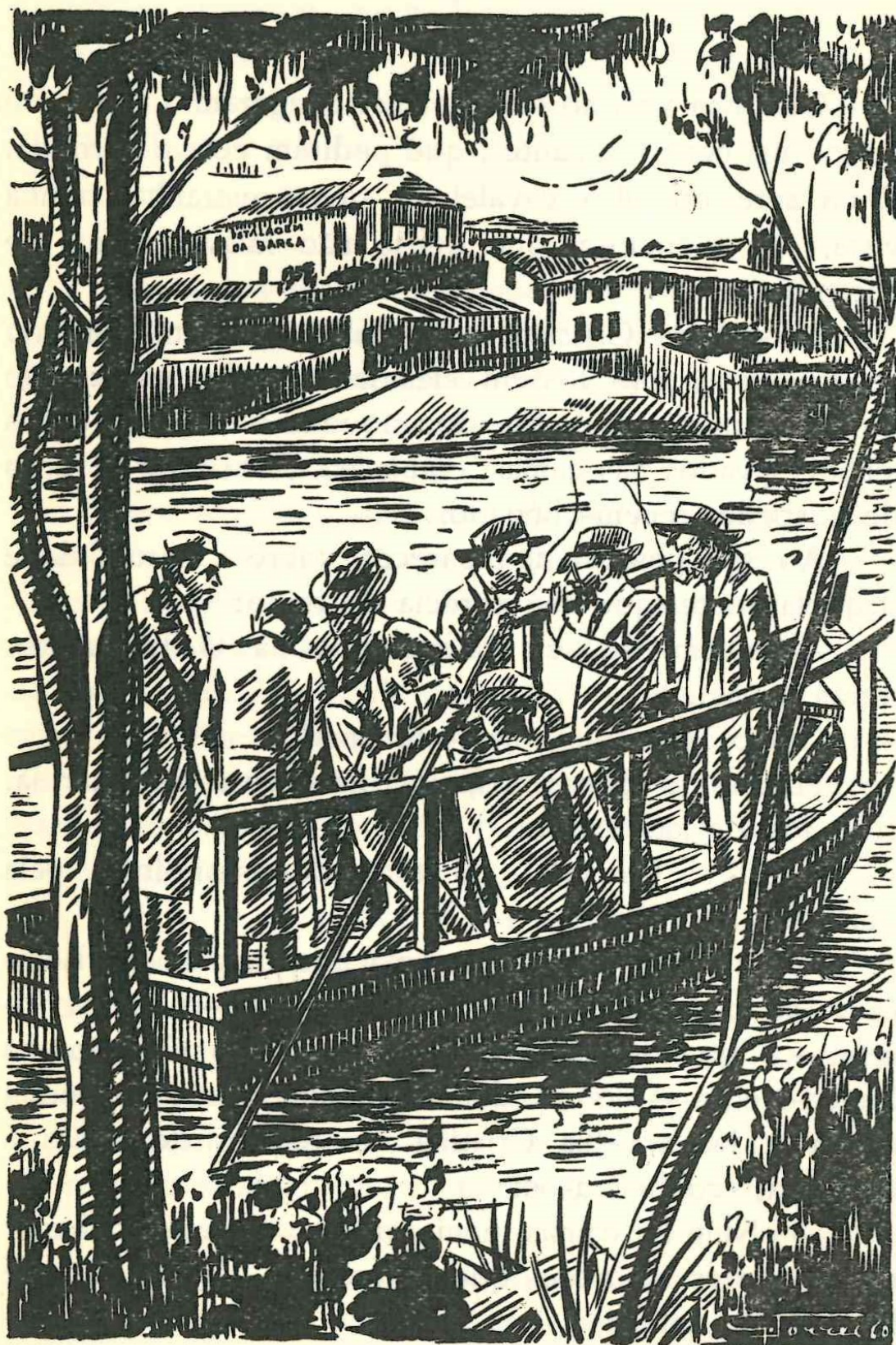
Tudo naquela casa era acolhedor e sorridente, como a paisagem cerquejante. E o nível de mesa, o que havia de melhor. A culinária da Barca ficou célebre, nesta corda de povos, entre os gastrónomos da época. Quem sabia preparar petiscos tão sápidos e apetitosos, como a simpática Cristina?

Umas taínhas grelhadas, ou assadas no rescaldo, amortalhadas em toucinho, e perfumadas com finas rodelas de limão, (depois embrulhadas em folhas de couve) — «taínha de subcinerício» — e, após, temperadas com molho picante, que só ela sabia preparar; as trutas «fritidas» em unto; a lampreia de ensopado, com especiarias da Índia; o moreno arroz da lampreia, — do de «fugir p'ra cozinha», o capão de recheio; o anho ou o trancão de vitela no espeto, — e mais certo «arroz de alguidar», colorido com açafão e de aroma pascoal, faziam o deleite dos glutões!... Tudo era de lamber os dedos!

De longe vinha gente, para saborear os petiscos.

Não! Por aqui não ficou ninguém com as receitas da grande mestra da culinária minhota, que foi a senhora Ana Cristina — daquela estalagem, à borda d'água, e à ilharga da «Barca do Amor de Deus».

É de desconfiar que, o Mestre Abade de Priscos, de algumas tivesse tido conhecimento — talvez por experiência própria, «in loco» saboreadas...



É aqui a Barca do Lago – um musganho de casas...na riba suave...

Ora uma vez, ao lusco-fusco, chegaram à Barca do Lago, uns certos viajantes, que pediram ceia e dormida. Eram sete ou oito cavaleiros, gente estranha, nunca vista, tão silenciosa, que quase não falava, e mal se entendia.

A senhora Cristina, num golpe de vista, estudou os viajantes, não fossem eles ladrões da malta: não tinham cara disso... Mandou aquelar a comida, e pôs lençóis lavados nas camas, como era de uso, no advento de hóspedes recém-chegados.

Ao seu pessoal deu parecer, sobre a naturalidade daquela gente, que não parecia do reino:

— Devem de ser galeguinhos da Galiza, a ver terras novas...

Como quem diz hoje: — turistas!

Porque, a gente suspeita, não dava ela guarida. E se fossem ladrões?...

— Ui!... Catixa!... Ia tudo de escantilhão, pela porta fora...

A *Estalagem da Barca*, não acoutava ladrões. Lembra-se bem, ainda no tempo da mãe, — Cristina Josefa, — a quando do roubo da mala do Correio, na Lagoa-Negra, — alguns dos da malta lá se quiseram alapar. Mas a velha Cristina era mulher de armas e decidida; conheceu-os:

— «Nem há camas, nem comida: estão aí a chegar uns senhores da tropa, que já tardam... e não sei que lhes hei-de dar...

Não quiseram ouvir mais: lá se foram, para as malfetorias, para matanças e roubos. «Foram-se com trezentos demónios, mas deixaram-na com a graça de Deus!»

\*

Não: estes viandantes, que estudou de momento, a despeito das barbaças de alguns, via-se, pela modo de vestir, e pelas maneiras de se apresentarem, que era gente de bem. Não se costumava enganar, mas alguma vez seria a primeira...

Sobre a alva toalha, por ela fiada e tecida, pôs-lhes a mesa, alumiada pelo candeeiro de latão, de três-bicos. Alastrou sobre o linho, frescas padas de molete, moreninho, falofinho, saboroso; e fatias de broa, a sair do forno, que era dia de cozedura; o vinho, um terrasano de Palmeira, que dava vida a mortos, o que havia de melhor no redondelo! O caldo de galinha parecia trazer, na ola, pepitas de ouro, e era tão cheiroso, como o de boda rica.

O cozido o «arroz de alguidar», rescendente a perfumes capitosos, foram saboreados com deleite. E mesmo o que parecia chefe da caravana, que aliás pouco comeu, deu provas de aprovação aos comentários elogiosos dos companheiros.

No final do repasto, fizeram algumas perguntas, a informarem-se do melhor caminho para o Porto. Pagaram a despesa, e deitaram-se.

Alta madrugada, as estrelas ainda a piscarem de sono, arrearam os animais, que passaram à mão, na

barca, calcurrearam o areal, montaram, e subiram a rampa da Lapela. Lá foram, sem grandes pressas.

Fossem lá saber quem eles eram!

Fosse quem fosse, parecia gente de bem.

\*

Sol a erguer-se, outros viandantes apressados, se chegaram à estalagem: eram uns tantos da milícia policial, comandados por um sargento bigodeiro, que pretendia saber se, naquela noite, ali havia pernoitado «uma caterva de meliantes».

— Meliantes! Nesta casa não há quartel para meliantes!...

— Uns desconhecidos... —

— Sim-senhor! Uns desconhecidos chegaram, já mal se contava dinheiro, cearam, dormiram, pagaram e foram-se com Deus, quando começava a diar.

Olharam-se os da ordenança:

— Não disseram quem eram? —

— Não disseram.

— Eram muitos?

— Oito, contando os arreeiros.

O Sargento deu um piparote na barretina:

— Tate! rapaziada! Eram eles!

— Eles quem? — quis saber a senhora Ana Cristina, curiosa como boa dona de pousada séria, que precisava de conhecer os hóspedes.

Então o sargento, cofiando a farta bigodeira e tomando ares autoritários, disse:

— Sabe a senhora estalajadeira, a quem deu aqui agasalho?

— A quem?

— A perigosos ladrões e assassinos, de cá e da Galiza...

A estalajadeira empalideceu:

— Bem se me afigurou que não seriam do reino! Mas tinham bom parecer...

— Pareceres de ladrões, e matadores de gente! E diz vocemecê que isto é uma casa séria...

A Ana Joaquina franziu o sobrecenho, e ripostou:

— É!... É sim, senhor!...

Mulher de sã moral, e ciosa da honra da sua casa, a senhora Ana Joaquina, voltou-se para a cozinha e afoutou à Cara-Linda, que, aliás era feia como a fealdade, mas boa cachopa:

— Maria... a... a!...

— Uh! lá vou...

— Juntaste as louças em que comeu essa gente?

— Está toda sobre a arca das toalhas. Que lhe faço?

A ti'Ana Cristina voltou-se para os da milícia, com má catadura e perguntou:

— É certo, isso que dizem!

— Vimos em perseguição dos ladrões que mataram gente e roubaram ouros e pratas de valor, lá p'ràs bandas de Ponte; é certo!

— Maria! — intimou a digna dona — põe toda essa louça, garfos, facas e colheres, na toalha que serviu, ata pelas pontas, ajeita no cesto e, — vai — já!... já!... já!... lançar tudo ao Poceirão, no sítio mais fundo!

Vai!... Rompe!... Que as dez braças da água sepul-tem tudo isso até ao fim dos séculos. Não quero que, na minha casa, gente de bem, coma nos pratos, que gente malvada ababalhou! Vai!...

E com o indicador apontou-lhe o rio.

A criada começou os preparativos para cumprir o mandado da patroa; e os das ordenanças passaram o Cávado, e, a mata-cavalo, foram-se em perseguição dos viajantes da véspera, que não iriam muito alongados, com uma hora de adianto, se tanto.

\*

Pequena meia légua teriam andado os perseguidores, quando outros personagens, — gente distinta da vila, com o senhor capitão-mor — apearam à porta da famosa hospedaria — todos impantes de importância, a prevenir a dona da casa, de que deveria ter tudo aseado e em boa ordem, para receber um hóspede, que era um alto senhor! — com seu séquito, uns oito, ou dez, de acompanhamento.

A honorável Ana Cristina recebeu os senhores da terra com os «adevidos», a gente de categoria, e contou a sua tortura de momento, a sua aflição e o desgosto que a anojava:

— Dei agasalho, aos que roubaram e mataram, em Ponte de Lima. Vão aí, os da justiça para os apanhar. Que desgosto, senhor capitão-mor! que desonra para esta casa...

Olharam-se, os da missão oficial, numa dupla dúvida:

— Não pode ser! — garantiu o senhor capitão-mor — Os da malta de Ponte, foram, ontem à tarde, todos apanhados pela tropa, em S. Julião, e seguiram a caminho da Cadeia de Braga, pela noite, bem guardados. Não pode ser.

Pôs-se a meditar, mas prestes perguntou:

— Como era essa gente, que pernoitou? Diga lá!...

A estalajadeira, mais serenada, começou a descrevê-los, a seu jeito: — «boas caras, alguns de mãos finas, muito asseadas, o mais senhor de todos, seus cinquenta anos, de barba loura, tinha um grande anel no dedo, — um lindo anel que luzia no escuro como sarrisco de lumê-pronto.

Olharam-se de relance, — o capitão-mor e os seus amigos. «Queriam ver, que chegavam atrasados! — Leram de novo o ofício, vindo de Viana, e verificaram pela data, que o aviso devia ter chegado à vila, um dia antes.

O estafeta adormecera pelo caminho, pois chegara já noite cerrada, o grande molanqueiro!

— Era ele!...

— Era ele, à certa! — conclamaram os outros. Que grande espiga!...

— Ele? quem? — inquiriu a estalajadeira, no meio do atrapalhamento de todos.

— Sabe vocemecê, senhora Cristina, a quem teve a honra de dar hospedagem nesta casa, na noite que passou?

— Não sei, não!

— Pois agasalhou a pessoa augusta, de Sua Majestade, o rei da Sardenha — Senhor D. Carlos Alberto, que é hóspede de honra de Portugal, e para cá vem viver!...

A senhora Ana Joaquina ficou-se de braços cruzados e boca aberta, a olhar para aqueles senhores, tão embatucados como ela. Mas como num repíolo de fresim, aflorou-lhe uma ideia: ergueu a voz, num berro aflitivo, a chamar, muito alto:

— Ó Cara-Linda! Ó Cara-Linda!

— Inda não veio do mandado...

— Corre tu, ó Rita! — a chamá-la, — que traga a louça, que traga a louça! Corre! moça!... corre...

Mas já a Maria Cara-Linda entrava com o cesto debaixo do braço, vazio, serena, por ter cumprido a ordem da patroa.

— Lá ficou tudo, com dez braças de água, ao de riba! Vou lavar as mãos, de lhe ter pegado! Catixa! p'ròs ladrões...

— Oh! mulher!...

E a senhora Cristina, quase chorou — não a perda da rica louça de Viana, que muito valia; mas o que para ela muito mais valia — a recordação de ter servido a tão augusta personalidade.

— Oh! mulher! Não eram ladrões! tivemos um rei em casa, e não o soubemos conhecer... Que desgosto, o meu!...

As duas mulheres ficaram-se a olhar, uma para a outra, os olhos a dizerem o que as palavras não diziam.

Ambas desgostosas, mas, cada uma, por sua razão: enquanto a estalajadeira lamentava não ter ficado com palpável recordação do hóspede ilustre; Cara-Linda, mais objectiva, chorava o afogamento da bela louça de Viana, que estivera tentada a esconder no beiredo dos salgueiros: carpia-se intimamente:—«Que burra tinha sido.»

—Um rei na nossa casa, mulher!

E a Cara-Linda:

—Que pena, ama! Uma louça tão bonita, no fundo do rio...

\*

E prometeu, ao barqueiro Pimenta, uma andaina de roupa nova, do mercador, se tivesse artes de «pescar» a louça preciosa, em que comeu Sua Majestade, o rei Carlos Alberto — que embora tivesse abdicado, a favor do filho, — não deixara de ser rei.

Mas a louça da pundonorosa estalajadeira — já lá vão mais de cem anos! — está, ainda no fundo do Poceirão do Lago, nesse misterioso insondável pé-lago — gineceu das voluptuosas ninfas, — do amoroso Cávado e lá ficará, a apodrir, no escuro lôdo, até ao fim do mundo — quiçá transmutada, por sortílega alquimia, em baixela de resplendente pedraria, para gáudio das quiméricas Celânides, em seus banquetes de núpcias, com jactanciosos Narcisos, azevieiros Elfos e amorosos Ondins...

## Í N D I C E

I — Zé do Telhado no Minho . . . . .	11
II — Compadre Zé do Telhado . . . . .	27
III — Tesoureiro de Confiança . . . . .	37
IV — Zé do Telhado e os dois ladrões. . . . .	47
V — O Morgado de Adães gaba o seu cavalo . . . . .	55
VI — O assalto à casa do Pobilo, nas Marinhas . . . . .	67
VII — O roubo da mala do correio em Lagoa-Negra . . . . .	82
VIII — Ladrão que rouba ladrão . . . . .	97
IX — Antoninho dos Enforcados — I A morte do Saraiva .	123
X —       »       »       »       — II O Enforcado . . . . .	141
XI — Quadrilhas de Terra-a-dentro	
I — Como se faz um ladrão . . . . .	155
II — A quadrilha de Frei Lombela. . . . .	160
XII — Pois sim... Mas... matei... . . . . .	171
XIII — Na Estalagem da Barca do Lago, os da malta não tinham guarida . . . . .	187

## OBRAS DO AUTOR

CONTOS DO MINHO  
contos — 1927 (esgotado)

—  
ÂNSIA DE PERFEIÇÃO  
*Contos imperfeitos* — 1947

—  
O SANTO E A DUMO  
*S. Martinho de Dume, na lenda e na  
tradição* — 1950 (esgotado)

—  
O SENHOR REI E A VELHA  
*Episódio da vida de D Carlos  
(fora do mercado)*

—  
LEITE DE VASCONCELOS,  
ANIMADOR DOS NOVOS — 1958

—  
MARRUCHO MENTIDEIRO  
*(na Col Mosaico)* — 1959

—  
NA PRAIA  
*separata* — 1960

—  
O TRAJO DA REGIÃO — *separata*

—  
NOITE DE CONSOADA — *separata*

—  
ZÉ DO TELHADO NO MINHO  
*Fastos das maltas de ladrões*

---

Desenhos de  
Gonçalves Torres

biblioteca  
municipal  
barcelos



34600

Zé do Telhado no Minho